

DL

Nenhum dos cinco Governos Provisórios nasceu, como este, numa crise de contradições tão definidas. Nenhum encontrou o País tão unânime no apontar dos sintomas da instabilidade, nem tão perplexo e dividido nas soluções a aplicar.

Na rua, no trabalho, na administração pública e no fórum político fala-se de diluição da autoridade; no Directório (reunião de sábado) enfrenta-se a reestruturação do Executivo; nos «lobbies» militares há vozes (a do capitão Sousa e Castro, entre outras) para as quais a garantia do Poder está nas armas. Tudo opiniões — por enquanto. Análises que podem levar, mas não levaram até agora, à adopção de medidas de fundo, consequentes na prática imediata e na orientação do futuro.

Dai o desperdício e a muita convulsão desnecessária com que tem sido sobrecarregada a nossa marcha revolucionária. Dai as etapas queimadas; o divisionismo, a reacção.

A História faz-se por saltos e por uma dinâmica de contradições que se superam, mas é função da política prever e dominar o processo, imprimindo-lhe ritmo e consolidando o terreno conquistado.

Esta consolidação e este controlo da velocidade adquirida foi, por outras palavras, o que o general Costa Gomes declarou nas vésperas da partida para Helsínquia e corresponde à opinião generalizada do País. Curiosamente, foi isso mesmo que, pouco depois, o Presidente da República iria ouvir, como parecer espontâneo, da parte de um ou mais chefes de Estados socialistas presentes na cimeira. Uma tal convergência de interpretação demonstra com toda a clareza qual a chave do problema e como é evidente o foco activo da crise. É que por muitas singularidades que ofereça a nossa anatomia política há regras com experiência e saber histórico que é perigoso menosprezar.

Duma maneira global, o problema da governação desenvolve-se actualmente num sistema de equações a três incógnitas: M.F.A., partidos e bases populares. Como tal, as contradições de cada um destes valores afectam nos outros e provocam, por reflexo, novas contradições que se propagam por todo o sistema.

No que respeita ao M. F. A., só uma coesão activa pode garantir a sua vocação de militância e a sua autoridade suprapartidária. Mas, em contrapartida, seria idealismo ou abstracção considerar-se o Movimento imune às influências ou às penetrações que as organizações políticas exercem nos quartéis e nos círculos da opinião militar. Pelo contrário. Essas pressões ganham vulto, como não podia deixar de ser. Tendem a intensificar-se, muito especialmente, por parte dos partidos que ambicionam apoderar-se do aparelho do Estado e pela reacção que os encoraja na sombra como agentes de desagregação do binómio Povo-M. F. A.

Neste conjunto, a terceira incógnita — Partidos — assume um valor indeterminado que o Governo terá de definir por aproximações sucessivas. Para isso dispõe de uma base fundamental, o Plano de Acção Política, que consagra o reforço das bases populares como resposta ao desafio partidário.

Continua na pág. 20

ENQUANTO SE ESPECULA SOBRE O EXECUTIVO

NOVAS SOLUÇÕES PARA O NOVO GOVERNO

— Costa Gomes, Vasco e Otelo reunidos com altas patentes

A «reestruturação do Executivo» anunciada a meio da tarde de ontem pelo Directório político-militar passa por várias hipóteses, uma das quais seria a constituição de um Colectivo de Governo integrando os nomes mais em vista do Conselho da Revolução. Por outras palavras: parece ultrapassada a questão do V Governo Provisório nos termos em que vinha sendo referida, de mais ou menos profundo rearranjo da equipa precedente.

Outra hipótese em estudo possível diz respeito à nomeação de cinco vice-primeiros-ministros para assessores do general Vasco Gonçalves, todos eles militares (ou quatro militares e um civil, o prof. J. J. Teixeira Ribeiro, reitor da Universidade de Coimbra). Fontes próximas da cúpula do M.F.A. indicaram-nos que esta alternativa para o impasse era cronologicamente anterior à do Colectivo.

Entretanto especulava-se anteontem acerca de um pedido de demissão de Vasco Gonçalves, apresentado, dizia-se, a Costa Gomes e a Otelo Saraiva de Carvalho, mas a extrema reserva de Belém e de S. Bento não nos levou a qualquer confirmação do facto.

Tudo teria tido origem, acrescentam as mencionadas fontes, num «não»

de Otelo à proposta nomeação para vice-primeiro-ministro, de parceria com outro nome. Seria respaldado nessa posição por vários comandantes operacionais. Aliás a reunião de hoje de manhã no Q. G. da Região Militar de Lisboa prender-se-ia ainda com o problema: presentes Costa Gomes, Vasco Gonçalves, Otelo e altas patentes militares, não só abordariam estes o

«caso» do Regimento de Comandos da Amadora, menos simples do que chegou a dizer-se, como entrariam a fundo na situação militar em geral e nas possibilidades de saída para a crise governamental, já no seu 24.º dia.

Uma individualidade civil indicada para o novo Governo dir-nos-ia ao fim da manhã:

«Não sei nada do que se passa. A mim pediram-me que não sáisse de Lisboa, e é tudo.»

DE QUARTA A SEGUNDA

A presente crise mudou de agulha, passe o populismo, na passada quarta-feira, quando o

Conselho da Revolução (reunido em plenário só com a ausência de Vítor Alves, então em Kampa-la) decidiu confirmar o papel consultivo que lhe fora atribuído pela Assembleia do M.F.A. e, mais, delegar poderes no Directório de tres generais, mas resolvendo ao mesmo tempo que mantinha em funcionamento todas as suas comissões, em especial a política (Vasco Gonçalves, Vítor Crespo, Vasco Lourenço, Sousa e Castro, Graça e Cunha).

Antes do fim-de-semana eclodiria, como se sabe, o «caso» da Amadora, cuja resolução está pendente de um plenário previsto para esta tarde

Continua na pág. 20



“PEGAR EM ARMAS”

PELA REFORMA AGRÁRIA

Trabalhadores do Baixo Alentejo expuseram em plenário os passos antecipados da Reforma Agrária (Pág. 9)

TUMULTOS EM FAMALICÃO

VILA NOVA DE FAMALICÃO,

4 — Às sete horas da manhã de hoje continuavam a arder, em frente das sedes do P.C.P. e do M.D.P./C.D.E. desta vila as fogueiras ateadas ontem à noite para queimar os livros e os móveis desses dois partidos. A vila, no entanto, parecia mais calma, depois dos incidentes que tiveram lugar durante este fim-de-semana que deve ter sido o mais «quente» de toda a sua história política e durante o qual os militantes que defendiam o Centro do Trabalho do P.C.P. mataram acidentalmente um indivíduo. Os incidentes desta noite verifi-

caram-se na sequência de uma série de acontecimentos iniciados na sexta-feira, quando um grupo de trabalhadores da «Textil Manuel Gonçalves» penetrou na sede da empresa e exigiu a imediata liquidação da sua Comissão Administrativa, o saneamento dos 30 delegados sindicais e a entrega da administração ao seu proprietário, ausente no estrangeiro há cerca de duas semanas. Os manifestantes fundamentavam a sua atitude, alegando que a comissão administrativa fora eleita no decorrer de um plenário onde apenas tinham participado 200 dos 3500 trabalhadores

da firma e que a sua eleição não correspondia, portanto, à vontade da maioria. Os seis delegados sindicais que se encontravam na sede da empresa aceitaram as condições impostas pelos manifestantes e comprometeram-se a transmiti-las aos restantes colegas. Aos gritos de «Vitória, vitória!», os manifestantes assaltaram e saquearam em seguida, a sede do M.D.P./C.D.E. que fica na

Continua na pág. 8

20 PÁGINAS

SALGADO DE MATOS DIRECTOR-ADJUNTO DO JORNAL DO COMÉRCIO

O nome do dr. Luis Salgado de Matos figura, a partir de hoje, no cabeçalho do «Jornal do Comércio» como director-adjunto deste matutino. Nomeado por decisão da administração e com a concordância dos trabalhadores e do plenário de Redacção, Salgado de Matos terá uma tarefa importante no processo actual de reestruturação do jornal.

Luis Salgado de Matos foi jornalista do próprio «Jornal do Comércio», actividade que interrompeu para cumprir o serviço militar. E licenciado em Direito pela Universidade de Lisboa, foi dirigente do movimento estudantil, incorporou as redacções das revistas «Seara

Nova» e «O Tempo e o Modo» e colaborou em diversas publicações.

A actividade em que mais se notabiliza o novo director-adjunto do «Jornal do Comércio» é o estudo das matérias económicas. Para além de numerosos artigos, o seu livro «Investimentos Estrangeiros em Portugal» teve certa importância para o conhecimento da realidade portuguesa.

Recentemente Salgado de Matos participou no Governo de Transição de Moçambique, ocupando o cargo de secretário de Estado da Economia naquele órgão dirigido por Joaquim Chissano.

O "GRITO DO POVO" CONTRA O PODER POPULAR

PORTO, 4 — Efectuou-se no Pavilhão dos Desportos um comício da O.C.M.L.P. «O Grito do Povo», durante o qual foram abordados os seguintes temas: questão sindical, problema da habitação e das comissões de moradores, a aliança operário-camponesa, a questão da reconstrução do Partido Comunista Marxista-Leninista e a situação política actual.

Um dos oradores pronunciou-se pela liquidação das comissões de trabalhadores, pois que estas «afastaram as massas dos sindicatos», afirmando em seguida ser necessário «desmascarar as teses do poder popular», visto que este se traduz na «tentativa da burguesia para liquidar os sindicatos».

Outro orador defendeu a constituição de comissões de moradores, por se tratar de

«importantes órgãos de unidade popular». O poder popular, na opinião da O.C.M.L.P., é «uma manobra aventureirista dos radicais burgueses para aproveitar as comissões de moradores», onde se tentaria inculcar «ideias que é preciso extirpar», como a do «apartidarismo».

O tema de uma outra intervenção foi a constituição do Partido Marxista-Leninista, questão considerada como «o principal problema que neste momento se põe à classe operária». A este propósito o orador sublinhou:

«O partido terá de se formar na luta de classes e não pela mera unificação das diversas cúpulas (M.L.).»

E a terminar: «A O.C.M.L.P. dispõe-se a lutar para que a classe operária disponha, nas lutas que se avizinham, de um estado-maior revolucionário».

OS C.T.T. E OS CHEQUES

Do chefe dos Serviços de Informação e Reclamações dos C. T. T. de Lisboa recebemos o seguinte esclarecimento:

«Em notícia publicada no «DL» de 18/6/75, na rubrica «Post Scriptum», formulam-se reparos por no correio de Paredes (Cascais) ter sido recusado, em virtude de não estar visado, um cheque que se destinava ao pagamento de uma conta telefónica.

telefónica.

Sobre o assunto venho informar que apenas se torna necessário que os cheques estejam previamente visados, quando se trata de operações em que os C. T. T. são meros transitários como era o caso focado requisito esse ao abrigo do despacho de concordância do secretário de Estado das Comunicações e Transportes, de 7/11/74.»

E P A L EMPRESA PÚBLICA DAS ÁGUAS DE LISBOA

EMPREITADA DE FORNECIMENTO E MONTAGEM DE EQUIPAMENTO PARA A ESTAÇÃO PILOTO DE TRATAMENTO DAS ÁGUAS DO RIO ZÉZERE EM CASTELO DO BODE

A N Ú N C I O

Faz-se público que foi prorrogado para o dia 23 de Setembro de 1975 a data de abertura das propostas do concurso em referência.

De harmonia com o respectivo programa, as propostas deverão ser entregues até às 17 horas do dia 22 de Setembro, na Secretaria dos Serviços Técnicos da Empresa, mantendo-se todas as demais condições do anúncio já publicado.

Lisboa, 1 de Agosto de 1975.

Pela EMPRESA PÚBLICA DAS ÁGUAS DE LISBOA
O Presidente da Comissão de Fiscalização
(Eng. João Bau)

De sábado a segunda

CAPITAIS: FUGA FRUSTRADA

Tudo começou aqui há uns tempos atrás, com nada menos de vinte e seis títulos de crédito que a firma J. Carregosa e C. Lda. mandou registar na Estação dos Correios ali ao Terreiro do Paço, na cidade de Lisboa. Vinte e seis títulos, aí uns dois mil contos, ao todo, muito bem, mas, cadê a indispensável autorização da entidade bancária superior, o Banco de Portugal, para os títulos passarem para onde iam com destino? — o Peru, a Espanha, a Costa Rica, outros países, de onde são as firmas estrangeiras a que os papéis em questão diziam respeito. Na alfândega e nos C.T.T., trabalhadores suspeitaram, que é como quem diz, «viram logo», havia ali «marosca». Vai daí, comunicam o que se passava a quem de direito, a Polícia Judiciária, por exemplo.

Foi chamado a prestar declarações o sr. Manuel Guilherme da Rocha e Silva, sócio-gerente da firma. Cadê a autorização, quiseram saber as autoridades, para a cobrança dos títulos. Não havia, é claro. Por isso os títulos foram apreendidos, e aí começou o processo, que decorre, aquele sócio-gerente caucionado em 750 contos, e impedido de sair do País enquanto a situação não estiver pelo menos esclarecida.

A firma Carregosa tem escritórios de venda e cobrança de papéis de crédito em Lisboa, no número 278 da Rua das Flores. Se esta operação falhou, que inculpe os trabalhadores que não fizeram as coisas às cegas. A eles, e ao que no nosso falar político quotidiano já se instituiu sob a designação de «vigilância» (palavra que as mais das vezes precede um adjectivo: «revolucionária»; quer dizer, da revolução, para sua defesa.

RECAMBIADOS

Luis Filipe Silva Ferreira e José Américo Cruzeiro Antunes, portugueses e estudantes,

queriam passar teras este ano na Finlândia. Tudo muito bem, desde a marcação de lugares no avião até ao desembarque em Helsínquia no apressado dia 30 do passado mês. Foi então

que as autoridades finlandesas os interceptaram. Quem são, de onde, aqui porquê e para quê, que dinheiros convosco, etc., decidem as autoridades finlandesas recambiá-los para o país de proveniência. Causas obscuras, não esclarecidas, pelo menos, os dois estudantes portugueses terão sido classificados, chamados, pelo menos, de sabotadores. Como não são, não se deixaram ficar de braços caídos; obrigados a voltar, chegaram e apresentaram queixa à Embaixada da Finlândia. Parece que esta achou o sucesso muito estranho. O Ministério dos Estrangeiros também vai ter conhecimento.

ASSOCIAÇÃO PORTUGAL-U.R.S.S.

Teve ontem um dia muito preenchido de realizações, com o I Encontro Distrital de Setúbal, a Associação de Amizade Portugal-U.R.S.S. Algumas coisas que em Setúbal aconteceram. De manhã, duas exposições fotográficas, na Escola Técnica da cidade, e um programa de luta livre olímpica. Ao meio-dia, almoço no Parque do Bonfim. De tarde, no ginásio da Escola, um debate sobre a União Soviética, com a participação de numerosas individualidades, a saber, ele-

mentos da Embaixada da U.R.S.S., em Portugal, o jornalista Volf Sedick, do «Pravda» em Paris, portugueses membros da Associação Portugal-U.R.S.S.; foram tratados temas que interessaram os presentes. À noite, Ary dos Santos, Rui Mingas, Júlia Babo, João Fernando, Pedro Barroso, José Viana e outros estiveram lá e foi uma festa.

MORTOS NA ESTRADA

Aumentou o número deles, neste fim-de-semana. Do Porto chegam-nos notícias de dois no cruzamento da Estrada Nacional n.º 13 com a de Pedras Rubras (automóvel contra camioneta), Alfredo José Gomes da Silva Pires e Augusto Ribeiro Miranda. Em Gaia um automóvel despistou-se e atropelou uma criança, Francisco Fernando, de seu nome, da Barrinha de Esmoriz. Em Amiais de Baixo, Eugénio Carvalheiro, conduzia o seu automóvel, foi abalroado por uma camioneta; transportado a Santarém, quando ali chegou já se encontrava morto. Em Lisboa, André Rodrigues Garcia deixou deslizar o seu carro em Lisboa, na Avenida General Norton de Matos; iam lá dentro a mulher e outros transportados, mas só o condutor morreu.

ORDEM DOS ADVOGADOS REJEITA TRIBUNAL POPULAR DE JOSÉ DIOGO

A propósito do julgamento de José Diogo, acusado de homicídio voluntário na pessoa do latifundiário dr. Columbano Monteiro e que um tribunal popular acabou por absolver na semana passada, a Ordem dos Advogados do Conselho Distrital do Porto emitiu um comunicado em que impugna pela absolvição do réu, quer a formação do referido tribunal.

Lê-se em certo passo do comunicado: «Os acontecimentos ocorridos no Tribunal de Tomar suscitaram as maiores apreensões de quem luta pela edificação de um verdadeiro Estado de Direito e de uma sociedade democrática. Ali, concretamente o poder judicial deste País foi torpemente insultado e a autoridade democrática

ultrapassada pelo delírio de pessoas que, organizadas num «tribunal popular» em clara violação da dignidade e imparcialidade do processo penal, se permitiram o absurdo de considerar burguês o direito à vida de um homem.»

Aos factos apontados associa ainda a Ordem dos Advogados a quebra de autoridade a vários níveis, «a frequente impossibilidade de fazer cumprir decisões judiciais» e «hostilidade quase permanente ao princípio da legalidade e a um sistema jurídico que é património cultural deste País». Tal provoca «profunda reflexão e preocupação» concluiu o comunicado.

Segundo o pensamento da Ordem dos Advogados do Con-

selho Distrital do Porto, «há valores e direitos que, ao constituírem porventura a mais nobre conquista da civilização humana na sua luta contra a arbitrariedade, a opressão ou a tirania, são intemporais e são universais. Representando a inteligência, eles impõem-se pelo suporte ético em que assentam e constituem limite de actuação a todo o poder político que se não queira ditatorial e por isso prepotente».

CONTRA A JUSTIÇA BURGUESA

Entretanto, «para fazer cumprir a decisão do Tribunal de Tomar», a Associação de

Ex-Presos Políticos Antifascistas informa que vai ser realizado no próximo sábado, pelas 21 e 30, no Clube Atlético de Campo de Ourique, um comício promovido pelo júri popular eleito no tribunal de excepção do povo reunido quando do julgamento de José Diogo, subordinado ao tema central «Contra a justiça burguesa, justiça popular».

Comício que se pretende de «unidade antifascista», integrar-se-á também na actual campanha internacional de solidariedade ao repatriamento de José Duarte e Alípio de Freitas, presos no Brasil. O referido comício conta ainda com a intervenção do padre dominicano Jean Cardonnel, a convite da A.E.P.P.A.

P.C.P. ACUSA P.S. DE LIDERAR HISTERIA ANTICOMUNISTA

«Hoje é a mais feroz reacção e as forças conservadoras com a direcção do P.S. à frente quem conduz em Portugal a histeria anticomunista. Assumem graves responsabilidades perante o povo português e perante os povos do Mundo inteiro estes falsos socialistas» — afirma, num comunicado, o Comité Local de Lisboa do Parti-

do Comunista Português, a propósito da nova e violenta escalada da reacção.

«Estão a apunhalar o processo revolucionário quando dão cobertura às criminosas actividades fascistas, quando em coro com a mais negra reacção pretendem um Governo de «salvação nacional», quando afirmam que é o P.C.P. que

quer liquidar as liberdades. Entretanto, liquidam-nas na prática os provocadores, is incendiários e os terroristas fascistas.»

«É urgente combater e derrotar mais esta ofensiva contra-revolucionária» — conclui o comunicado. «Para além do exemplar correctivo a dar aos

criminosos reacçãoários, trata-se sobretudo de travar e ganhar mais uma importante batalha política. Há que esclarecer os trabalhadores e as populações que possam estar a ser manobradas pela reacção. Há que desmascarar os falsos socialistas que hoje estão, na prática, de mão dada com a reacção».

ARNALDO MATOS IRONIZA:

"GOVERNO EM GESTAÇÃO NUM VENTRE MORTO"

PORTO, 4 — «Não vejo grandes possibilidades de êxito para o V Governo Provisório, em gestação num ventre morto, tendo em conta o que fizeram os quatro Governos Provisórios anteriores» — declarou o secretário-geral do M.R.P.P., Arnaldo Matos, ao usar da palavra durante o comício daquela organização política antenon efectuado no Pavilhão dos Desportos do Palácio de Cristal. Presentes alguns milhares de pessoas, entre as quais muitos militantes e simpatizantes

do M.R.P.P.

Antes falaram Carlos Rentes (emancipação do operariado), Saldanha Sanches (emigração, Angola), Lúcio (que insistiu em que o P.C.P. manipula a Inter-sindical), Fernando Fosas («a classe operária ou avança a todo o vapor ou é esmagada»; «é preciso fundar o partido, armar o povo, armar ideologicamente o proletariado e aliá-lo aos camponeses») e Horácio Cespo (reforma agrária, «o Norte não é reacçãoário» e a religião e o ópio do povo).

A encerrar o comício, que culminaria com uma conferência de Imprensa dada pelo secretário-geral do M.R.P.P., Arnaldo Matos pôs as questões mais pertinentes do momento político nacional e internacional. Durante largos minutos fez um balanço da actividade dos quatro Governos, sublinhando as dificuldades que se foram acumulando ao longo de 16 meses.

Referindo-se à actual crise, apontou o «único caminho a

seguir: tomada do poder pela classe operária e pelos camponeses». Aludiu também à «necessidade de armar o povo contra o inimigo comum: o imperialismo, sem perda de tempo, pois uma paragem pode significar uma derrota tremenda e de difícil recuperação».

E a terminar: «Para tomar o poder temos de definir uma linha política pela qual os nossos quadros estejam na disposição de morrer por ela para a defender e que o povo reconheça como justa».

post scriptum

Faltas na função pública

Pelos jornais de 25 de Junho último foi divulgado um comunicado da Secretaria de Estado da Administração Interna em cujo n.º 2 se reconheciam as graves injustiças do regime de faltas na função pública, nomeadamente quanto à repercussão que as faltas justificadas têm no período de férias dos trabalhadores, pelo que está em curso a preparação das medidas legislativas adequadas à sua correcção.

Os jornais de 16 do corrente publicaram um novo comunicado, mas este da Secretaria de Estado da Administração Pública, informando ter sido enviado para publicação no «Diário do Governo» um despacho conjunto dos ministros da Administração Interna e das Finanças com esclarecimento sobre o regime do subsídio de férias.

Nada diz, porém, sobre a repercussão que as faltas justificadas têm no período de férias do trabalhador.

Creio bem que há-de haver muitas pessoas que, como eu, continuam aguardando o esclarecimento definitivo desta questão, para darem início às suas férias, que todos mais ou menos desejam gozar durante o período estival.

É certo que os membros do Governo não têm tido ultimamente tempo para se ocuparem destas pequenas coisas. Persuado-me todavia de que, tão depressa se entre numa normalidade governativa, uma das primeiras coisas que o Governo fará é assinar esta simples disposição, que já deve estar redigida e pronta e isto a tempo de os pobres trabalhadores da função pública poderem gozar as suas férias, se não durante todo o mês de Agosto, ao menos durante quase todo.

Um leitor (devidamente identificado) de Oeiras

A Contestação sistemática

Este País está cheio de contradições. Fala-se, por exemplo, constantemente de socialismo e faz-se uma prática constante do mais descabelado individualismo e, até, do nihilismo. Tudo isto servido por uma Televisão que manda para a rua um repórter à procura de sensacionalismos demagógicos e que só encontra ocupantes de barracas, dos quais alguns com bons rendimentos; utentes da C.P. que exigem bons transportes sem aumento de preços e passageiros de barcos que reclamam contra o nevoeiro e a chuva.

Todos têm, sabemos-lo, as suas razões, mas gostaríamos que o tal repórter encontrasse um dia alguém que lhe falasse das privações e dos sacrifícios dos povos que participaram na guerra contra os nazi-fascistas e do esforço que eles tiveram de fazer para conseguirem recuperar das feridas recebidas. Quem sabe se o mal alheio não viria a transformar-se num lenitivo para este povo que agora se transformou em «contestatário por princípio». Oxalá ele não tenha de sofrer mais e de reclamar menos. Não era a primeira vez que isso acontecia...

Manuel dos Santos Costa — Coimbra

□ Contestar tudo é tão grave como aceitar tudo, mas há que entender o que se está a passar no País. Muitas das contestações a que assistimos são consequência de 48 anos em que havia poucos a contestar...

O seu a seu dono

Acabo de assistir, na TV., ao programa «TV Palco» de hoje, 31 de Julho, e estou sinceramente enojada com a apresentação de alguns quadros de revista e com algumas entrevistas que vi. A revista a que me refiro chama-se «Pra trás mijá a burra». Refiro-me principalmente ao quadro da Polícia feminina, em que a degradação da mulher atinge o máximo, assim como à entrevista a seguir feita à actriz. Será este o espectáculo de consciencialização e de promoção da mulher, como ser humano, que se pretende?

O que mais me enoja é este programa ter sido apresentado pelo Igrejas Caeiro que foi candidato a deputado pelo P.S. Será entre o Socialismo que ele prega?

É para este género de espectáculos que o P.S. quer a tão falada «liberdade»?

Helena Baptista Tomé — Lisboa

□ Não nos parece que a sua crítica seja muito justa e, nisto como em tudo, há que dar o seu a seu dono: nem o Igrejas Caeiro nem o P.S. têm nada a ver com a revista que menciona e que, de qualquer forma, não nos parece contribuir para a degradação da mulher.

Salve-se o relvado

Agradecia imenso que na secção «post-Scriptum» publicassem esta minha bem intencionada reclamação (não é reacção).

Fazendo um passeio para os lados do Restelo, na Rua Gonçalves Zarco, perto de um Ministério vi os cantos frente aos edifícios novos cheios de papéis, plásticos e de imundices em vez do relvado, como seria de esperar.

Em vez de tantos comícios ponham os «almeidas» a trabalhar. Esta terra está a ficar a mais descuidada da Europa e faz-nos sentir vergonha por tanta falta de limpeza. Exijam trabalho à Câmara. Não é só arrecadar ordenados chorudos, trabalhem.

Viva Portugal!

Adelina Mattos da Silva

Nacionalizações e propostas irrealistas na Marinha Grande

As empresas nacionalizadas no sector da marinha mercante representam actualmente cerca de 98 por cento da arqueação bruta total do País e, em termos de pessoal do mar, envolvem cerca de 93 por cento do total ao serviço dos armadores. Se olharmos para a situação económico-financeira dessas empresas verificamos que em 1974, apenas a C. N. N. (Companhia Nacional de Navegação) deu lucro: 36 mil contos. As restantes deram prejuízo, a saber: Soponata, 413 mil contos (resultado provisório); CTM (Companhia Portuguesa de Transportes Marítimos), 520 mil contos; Sofamar, 51 mil contos; Sacor Marítima, 4 mil contos; Econave, 5 mil contos.

Como é bom de ver, esta situação tem implicações de vulto numa economia que se pretende libertar das sequelas do fascismo e encarar de frente a construção de uma sociedade socialista no nosso país. Os 978 mil contos de prejuízos nas companhias de navegação são mais uma das pesadíssimas heranças do nosso regime terrorista dos monopólios e latifúndios. Dela teremos de nos libertar, sem prescindir da ajuda de todos aqueles que objectivamente estão interessados em vencer a crise que nos legaram, em vencer a batalha da produção.

A nacionalização das empresas da marinha mercante é recente. Data de 16 de Abril do ano em curso, com excepção da Soponata, que não foi propriamente nacionalizada, mas onde o Estado já detinha elevada participação financeira. To-

das elas passam a depender, porém, da legislação aplicável às nacionalizações, nomeadamente no que respeita às disposições relativas aos estatutos laborais dos trabalhadores ao seu serviço.

Aplicável à Soponata e, indirectamente, à Sacor Marítima, o Decreto-Lei 205-A/75, de 16 de Abril, exclui dos poderes das comissões administrativas a faculdade de admissão, promoção, transferência, demissão ou alteração das remunerações ou quaisquer outras regalias dos trabalhadores durante o período de reestruturação (90 dias), estando tais actos dependentes, em cada caso, de despacho de autorização do Ministro da Indústria e Tecnologia.

Por seu lado, os Decretos-Leis 205-C/75 e 205-D/75, da mesma data, aplicáveis, à C. N. N. e à C. T. M., determinam que, durante o período de reestruturação (180 dias), se mantenha a vigência da legislação aplicável ao trabalho naquelas Companhias, bem como as convenções de trabalho às quais elas próprias e o seu pessoal têm estado vinculados.

UMA RELAÇÃO TRABALHADORES-COMUNIDADE

Estes prazos de 90 e 180 dias para reestruturação, cuja necessidade ninguém porá em dúvida, parecem-nos muito reduzidos para um sector que apresenta quase um milhão de contos de prejuízo num ano.

Pensamos que terão de ser prolongados, tendo em conta as dificuldades que sem dúvi-

da surgirão a todos os níveis e soluções para os vários problemas, incluindo a satisfação das necessidades dos trabalhadores nas empresas nacionalizadas que são praticamente todas as da marinha mercante.

A contratação colectiva de trabalho não está ainda adaptada ao caso das nacionalizações. Ao que sabemos não há ainda legislação nesse sentido. No entanto os largos sectores da economia nacional já nacionalizados acabarão por impor, a breve prazo, modificações de fundo na maneira de encarar essa contratação. Em muitos casos, como já governantes e entidades responsáveis afirmaram, deixou de haver, no nosso país, uma relação trabalhadores-capital para passar a existir relação trabalhadores-comunidade.

É certo que vivemos ainda em sistema capitalista. O Poder não está ainda nas mãos dos trabalhadores. Mas a construção do socialismo tem dado passos seguros no nosso país com o impulso diário das classe-trabalhadoras, com os avanços já verificados no caminho da institucionalização da aliança com o movimento popular das massas com o M.F.A. e com o reforço da unidade da classe operária e de todos os trabalhadores, apesar das perigosas tentativas de divisão que entre elas têm sido lançadas pelas forças reacçãoárias e pelos seus aliados objectivos para os quais a Revolução parou na Assembleia Constituinte.

Não temos dúvidas de que os trabalhadores conscientes compreendem perfeitamente

as necessidades objectivas do período de transição que vivemos em Portugal. Uma nova sociedade, radicalmente diferente e oposta à anterior, não se constrói sobre belas intenções (e ilusões) de quem, por deformação de classe, tem a impaciência por meta revolucionária e tenta substituí-la à análise concreta de uma situação bem viva e real que não está em condições de fazer.

Uma nova sociedade, uma sociedade a caminho do socialismo, não se constrói também com as promessas demagógicas daqueles que querem agarrar-se ao capitalismo pela via social-democrata, defendida por dirigentes de partidos e negada por outros em palavras, enquanto de uns e de outros se aproximam, secundando-os, os verdadeiros interessados nessa via antinacional: os defensores do grande capital, do capital imperialista português e estrangeiro.

Não é esse o anseio e o objectivo da luta dos trabalhadores. A sua compreensão do período de transição para o socialismo, dependendo, tal como a dos seus inimigos, de um interesse e de uma perspectiva de classe (que é também, no caso dos trabalhadores, uma perspectiva nacional) é a compreensão correcta, a compreensão do Povo português, sem a qual não haverá socialismo.

Haverá capitalismo com a etiqueta que lhe entendam pôr.

Assim, as promessas demagógicas, a substituição de privilégios profissionais ou individuais ao verdadeiro interesse

Continua na pág. 18

A CRISE DA SOCIEDADE FRANCESA E DO MUNDO CAPITALISTA

Por JEAN FABRE

Há muito que os comunistas denunciavam as crises periódicas e as taras do capitalismo. Hoje, porém, trata-se da crise do capitalismo monopolista do Estado, isto é, da crise do sistema em que os monopólios e o Estado se integram. Não se trata de simples flutuações cíclicas que seriam agravadas por dificuldades de circunstância (moeda, energia). Também não se trata de uma crise análoga à dos anos 30: porque o que está principalmente em causa são as próprias estruturas económicas.

Após o relativo desenvolvimento dos anos 1945/1967 entramos num período de dificuldades muito profundas e duráveis. Hoje, as estruturas económicas caracterizadas pelo domínio dos monopólios privados, com a ajuda do Estado, servem de obstáculo aos programas das forças produtivas, à satisfação das necessidades humanas à nossa disposição. Para preservar os proveitos e a rentabilidade dos capitais dos monopólios, são mobilizados meios consideráveis: crescente exploração dos trabalhadores, pilhagem dos recursos nacionais, exportação sistemática dos capitais, intervenção maciça do financiamento público. Estes meios revelam-se hoje insuficientes pa-

ra remunerar os capitais acumulados, tendo em vista as crescentes exigências de lucros. Assim, os monopólios procuram novas fontes de proveito na superexploração, a inflação, a especulação, a pilhagem dos fundos públicos e dos países em vias de desenvolvimento.

Mas hoje nada disto basta. A superacumulação de capital agrava, com efeito, todos os desequilíbrios, todas as distorções do sistema e compromete gravemente o programa social, servindo de obstáculo às exigências essenciais do desenvolvimento económico e social e à realização do vasto potencial de progresso científico e técnico.

Em tais condições, as flutuações cíclicas reproduzem-se mas de um modo mais grave: maiores e mais duráveis baixas de actividade, menores fases de progresso. O desemprego, a inflação, as desigualdades de desenvolvimento, tornam-se simultâneas e duráveis e agravam-se. As condições de vida e de trabalho são insustentáveis. O quadro da vida degrada-se rapidamente. As crescentes desordens da produção capitalista engendram imensos gastos materiais e humanos: fábricas modernas fechadas, capacidades de produção su-

baproveitadas, regiões e ramos abandonados. Com o rápido crescimento do desemprego e a regressão do poder de compra, os trabalhadores são as primeiras vítimas de uma crise que lesa gravemente os interesses do desenvolvimento nacional.

A intervenção do Estado na base económica mas também em todos os outros domínios, que é o último recurso do domínio do capital monopolista privado, já não consegue vencer as suas dificuldades, pelo contrário, agrava-as. Por isso a crise é permanente e global. Ela atinge o mais profundo da estrutura económica da sociedade, afecta toda a formação social, o conjunto das actividades individuais e colectivas, o quadro da vida, as instituições e o Estado. Ela é política, económica, social, cultural e moral. É a crise de toda a sociedade.

É assim que a crise marca os limites históricos do mundo de produção capitalista e chama o socialismo.

...

O poder giscardiano e a grande burguesia monopolista estão conscientes disso e fazem um esforço político e ideológico considerável para tentar

masquear a natureza real da crise. A culpa é pois dos árabes, do petróleo, da escassez dos recursos naturais, das dificuldades dos outros países, da civilização industrial: ninguém escapa. A culpa é do consumo popular e das reivindicações dos trabalhadores.

Os círculos reformistas interrogam-se. Bastaria forçar as multinacionais a «renovar» o plano, controlar as estruturas técnicas, moderar o crescimento?

Na verdade esta campanha e estas ideias reformistas tendem a dar ainda mais crédito à ideia de uma fatalidade da crise para impor a austeridade às massas populares. O poder giscardiano e os seus mandatários, as grandes sociedades multinacionais responsáveis pela crise, procuram assim incentivar-se e prosseguir a sua política anti-social e antinacional. Esta campanha tem por objectivo retardar a única solução possível: a ruptura com essa política e com os seus autores e o aparecimento de uma nova política conforme com os interesses sociais e nacionais, a do programa comum de Governo. Essa campanha também tende a refrear a progressão das lutas populares e

Continua na pág. 13

Últimas

Amadora

PLENÁRIO DOS COMANDOS TRANSFERIDO PARA ESTA TARDE

Foi transferido para hoje à tarde o plenário dos militares do Regimento dos Comandos na Amadora, que contará com a presença não só do general Otelo Saraiva de Carvalho como do coronel Jaime Neves e dos restantes oficiais afastados daquela unidade.

O plenário, que estava marcado para as 10 horas, não se efectuou devido à reunião que começou a decorrer à mesma hora, no Quartel-General, entre o Directorio e os comandantes das unidades operacionais.

Contudo no Regimento dos Comandos começaria, após o render da parada, uma reunião de oficiais representantes das cinco companhias daquela unidade, na caserna dos soldados.

Entretanto, civis aglomeravam-se à porta do quartel: elementos das comissões de moradores e comissões de trabalhadores, entre outras, da Cometa, Sorefame, Bertrand e Celcat. Ao mesmo tempo que esperavam pelo início do plenário, pretendiam apresentar uma moção de apoio ao comunicado emanado do R.C. da Amadora e que em seguida passamos a transcrever.

COMUNICADO DOS COMANDOS

«O coronel Jaime Neves deu entrevistas aos jornais sobre o que se passou no Regimento de Comandos da Amadora e deu a todo o País e aos nossos camaradas de todos os ramos das F.A. uma informação que nada tem a ver com a realidade, tendo em vista colocar a opinião pública e as outras unidades contra nós.

«A urgência de dizer a verdade obriga-nos a aprovar esta moção hoje mesmo, domingo, voltando a submetê-la a aprovação logo que cheguem os nossos camaradas de fim-de-semana.

«Os factos são estes: O coronel Jaime Neves criou dificuldades ao funcionamento da Assembleia de Delegados da Unidade, não via com boa vontade o funcionamento do Gabinete de Dinamização da Unidade, não apoiou a deci-

são da Assembleia do M.F.A. da ligação povo-M.F.A. A sua atitude impediu a realização da Assembleia Popular da Amadora nos dias 26 e 27. Tentou que o Regimento aprovasse em Assembleia uma moção contra o Primeiro-Ministro, a quem fazia, diante dos seus subordinados, acusações obscenas e indignas de quem queira comandar.

«Fez, no dia dos acontecimentos, ameaças de morte a militares que o não apoiassem, gerando um clima de suspeita e medo. Na madrugada dos acontecimentos, soldados e graduados recebiam um golpe pela sua vida. Os factos são muitos, mas resumem-se a isto: os soldados e muitos graduados consideraram que o coronel Jaime Neves e outros militares já não lhes mereciam confiança para manter a unidade ao lado do M.F.A. Por isso na madrugada de 31 de Julho, em cada caserna, todos os soldados de cada uma das cinco companhias, constituindo a quase totalidade do Regimento, discutiram quem se devia sanear. Aproximaram uma lista e escolheram três delegados. Os furiéis, cerca de 40, fizeram o mesmo e escolheram um total de 10 delegados. Esta comissão eleita de 25 militares reuniu todas as listas de saneamento aprovadas nas companhias e elaborou uma lista comum, que foi aprovada por praticamente todos os militares presentes, com apenas cerca de 10 votos contra.

«É um caso militar, político, mas «político» do M.F.A. Não se tratou de manobra de um partido. Nós não somos nenhum partido nem pedimos o apoio de nenhum partido. O coronel Jaime Neves diz que é manobra partidária e que tem o apoio de um ou três partidos. Isto é que é manobra partidária. Manobra para esconder a verdade.

«Para esconder os factos, faz acusações pessoais a camaradas de armas e acusa-os de roubo. Os soldados comandados não aprovam esta conduta. Exigem dignidade e honra militar. Um comando como qualquer militar que se preze não

aceita isto.

«Queremos deixar bem claro que defendemos vigorosamente para o nosso Regimento e para o M.F.A. disciplina, obediência à hierarquia e à cadeia de comando. Excepto quando este está contra o M.F.A. e o processo revolucionário.

«Apoiamos o M.F.A., o nosso general Otelo Saraiva de Carvalho, comandante do Copcon. Pomos nas suas mãos a nossa unidade, agora mais firme ao lado do M.F.A., e a ele deixamos a tarefa de escolher outro comandante que esteja a favor da nossa revolução e do M.F.A.»

POSIÇÃO DE JAIME NEVES

Entretanto a opinião do coronel Jaime Neves diverge fundamentalmente das afirmações do comunicado do R. C. da Amadora, se nos reportarmos às entrevistas que aquele oficial em foco concedeu ao semanário «Expresso» e aos vespertinos «Jornal Novo» e «A Capital».

Acerca da acusação que sobre ele pende de dar entrevistas aos jornais para colocar as outras unidades e a opinião pública contra o Regimento dos Comandos, Jaime Neves declara ter sido esta a única possibilidade de fazer com que «a verdade seja dada a conhecer» aos seus soldados e ao grande público.

Quanto às decisões tomadas e que culminaram no seu «saneamento», Jaime Neves é peremptório em afirmar que tal atitude partiu de uma minoria. Palavras do coronel: «Pelo que sei, serão quatro oficiais, seis furiéis, o número de praças escapa-me, mas creio que activos seriam da ordem das duas dezenas, num total, calculo eu, de três ou quatro dezenas. A unidade tem cerca de 870 homens.»

Entretanto, como desenvolvimento do processo surgem duas moções de apoio aos «oficiais progressistas» e uma moção de apoio ao coronel Jaime Neves. «Eram de três partidos diferentes, todos de esquerda», acrescenta Jaime Neves.

Por outro lado, o coronel acusa três dos oficiais implicados na movimentação que levou à sua transferência para o Estado-Maior do Exército, de responsáveis, um pelo desvio de 52 contos, com processo instaurado na Guiné; outro a aguardar passagem à disponibilidade e que está retido por um processo pendente relacionado com o desaparecimento de material auto no valor de dezenas de contos; o terceiro e as palavras são de Jaime Neves, à «Capital», «sabia que eu me preparava para lhe instaurar um processo militar por ter informado um elemento do Copcon de determinadas frases que eu e um camarada de outra unidade trocámos durante um almoço na sala de oficiais».

Entretanto, Jaime Neves diz com veemência que os seus contactos com o capitão Sal-

gueiro Maia nada têm a ver com o processo que se está a desenrolar no R. C.

Quanto à acusação de que teria proibido a Assembleia de Moradores da Amadora, Jaime Neves relata minuciosamente tudo o que se passou e afirma que todas as decisões tomadas tiveram a concordância, ainda que não unânime, do Gabinete de Dinamização da Unidade.

Recorde-se que o coronel Jaime Neves foi violentamente atacado pelo M.R.P.P. aquando do assalto às respectivas sedes, sendo mesmo acusado de crimes cometidos nas guerras coloniais.

U.N.I.T.A. E F.N.L.A. DEFENDEM JUNTAS O ALTO-COMISSÁRIO EM ANGOLA

LUANDA, 4 — (F. P.) — Perante a partida do general Silva Cardoso, Alto-Comissário de Portugal em Angola, chamado a Lisboa em circunstâncias de conjuntura que tornam a situação angolana muito delicada, pronunciaram-se, a pedido do matutino «O Comércio», dois primeiros-ministros do Governo Provisório, dr. José N'Dele (UNITA) e eng. N'Gola Cabangu, que substituí o dr. Johnny Eduardo na ausência deste em Kinshasa. O jornal esclarece que não teve possibilidade de ouvir o representante do M. P. L. A. no Governo de Transição, esperando, todavia, fazê-lo na próxima edição.

O PAI DA «UNITA»

O dr. José N'Dele, da UNITA, depois de salientar a atitude imparcial, correcta e justa do Alto-Comissário, afirma que este foi para todos os ministros um verdadeiro esteio e quase «um pai». Sublinhando a absoluta isenção do general Silva Cardoso, considera que a sua nomeação foi a melhor e mais dignificante escolha de Portugal para aquele cargo. Continuará assim a apoiá-lo incondicionalmente.

Falando em nome da UNITA, indicou por outro lado, que o seu partido, neste momento decisivo para a vida de Angola, a três meses da independência, não veria com bons olhos o afastamento do Alto-Comissário. Caso esse afastamento se venha a revelar como uma manobra de tendência partidária — acrescentou — «isso será muito prejudicial à causa de Angola e ao futuro das relações entre Angola e Portugal».

«Porque — disse — a melhor actuação de Portugal será ainda a de manter a estrita neutralidade a que se referem os acordos de Alvor».

«Veríamos com muita preocupação o afastamento do general Silva Cardoso», concluiu.

COMANDOS ÍNTEGROS

Por seu turno, o eng. N'Gola Cabangu afirma que a retirada do Alto-Comissário é uma manobra que a F. N. L. A. não pode aceitar. «Uma retirada, por motivo de saúde, de uma pessoa que sabemos não estar com doença grave, embora lhe admitamos a fadiga, apenas pode significar uma manobra», frisou.

Referindo-se à personalidade do general Silva Cardoso, declarou que este tem-se afir-

DEZENAS DE OFICIAIS REUNIDOS COM O DIRECTÓRIO

Prosseguia esta tarde a reunião do Directório político-militar com altas patentes das Forças Armadas, designadamente os principais comandos do Continente. Uma fonte militar disse-nos no Q.G. da Região Militar de Lisboa que haviam sido confeitados ali mesmo cerca de 50 almoços, o que dá uma ideia do número das presenças neste importante encontro.

Entre outros nomes apontavam-se os do comandante da Escola Prática de Administração Militar, coronel Cardoso Gonçalves; comandante da Escola Prática de Transmissões, tenente-coronel Rego Falcão, acompanhado pelo menos pelo major Fialho da Rosa; segundo-comandante do Destacamento da Carregueira (pertencente ao R.I.O.Q.), capitão Falcão; comandante e segundo-comandante da Escola Prática de Cavalaria, de Santarém (o segundo-comandante é o capitão Salgueiro Maia); comandante do R.I. 11, de Setúbal, tenente-coronel Bêlico Velasco; major Tomé, da Polícia Militar; e comandante do Trém-Auto, tenente-coronel Pimentel.

Oficiais da Armada e da Força Aérea integram-se também na reunião, a qual, segundo fonte fidedigna, teria congregado todos os comandantes operacionais da R.M.L.

Foi dito aos jornalistas que não há qualquer informação oficial acerca da reunião, a não ser que seja tomada decisão em contrário.

mado um homem exemplar e vertical. Quando a F. N. L. A. acusa o Exército Português de tomar partido pelo M. P. L. A., ressalva os seus altos comandos que têm cumprido religiosamente os acordos e compreende que, no terreno os executores podem deixar-se influenciar pelas suas tendências particulares.

CONTRA A SUBSTITUIÇÃO

Referindo-se à presença, em Luanda, de uma missão enviada pelo Conselho da Revolução — a qual deveria contactar com os movimentos — indicou que tal não se tinha ainda verificado. Consumara-se, entretanto, a chamada do general Silva Cardoso a Lisboa sem que o Colégio Presidencial tivesse sido notificado do facto. A propósito, o eng. N'Gola Cabangu recordou que, nos termos dos acordos de Alvor qual-

quer substituição do Alto-Comissário tem de ter a anuência dos três movimentos.

«A F. N. L. A. — concluiu — confia na actuação do Alto-Comissário e não vê razão para que este se retire antes de 11 de Novembro. A F. N. L. A. reafirma o seu absoluto empenho em eleições livres e democráticas como única forma de concretizar o futuro de Angola em 11 de Novembro. Espero que o Governo tenha consciência da honestidade do Alto-Comissário e não consinta que a ponham em dúvida».

Entretanto, o almirante Rosa Coutinho, em breves declarações à Imprensa, indicou que a comissão que dirige prossegue as suas consultas. Acrescentou que não podia formular juízos de valor sobre a fase actual do processo de descolonização, dado que essa tarefa será posterior e resultante do trabalho em curso.

EXPLODIU UM PETARDO EM FAFE

FAFE, 4 — Rebentou às 2.45 da noite de hoje uma carga explosiva de potencial médio, em frente de um estabelecimento de mercearia e vinhos da freguesia de Golães, situada a cerca de 4 kms. desta vila. O referido estabelecimento é propriedade do comerciante Avelino Nogueira que vive no primeiro andar do edifício, presumindo-se que a bomba se destinasse a seu filho Albano

Nogueira, conhecido activista da região e membro do M.D.P. que emigrara para França de onde voltou depois de 25 de Abril. Esta, aliás, é a segunda bomba que explode na área, já que explodiu há pouco tempo uma outra na mesma rua, junto a um prédio do mesmo comerciante, que fora usado, durante um tempo como sede do M.D.P./C.D.E.

ASSALTO À POUSADA DE SERÉM

ALBERGARIA-A-VELHA, 4 — A pronta comparência da G. N. R. de Arrancada do Vouga e de uma força militar de Aveiro, impediu que alguns manifestantes reunidos em frente da estalagem do Serém, destruíssem completamente o recheio desta pousada do Estado que já tinha sido assaltada du-

rante a noite por alguns indivíduos que exigiam a saída da sua actual gerente

A pousada do Serém, é, actualmente, dirigida pela sr.ª D. Maria Lucia Braga Rodrigues da Silva Montalvão Coelho, que tem a confiança do pessoal.

ATAQUES À BOMBA EM ANHA (VIANA DO CASTELO)

VIANA DO CASTELO, 4 — No decorrer dos últimos dias, verificaram-se dois acontecimentos que alarmaram a população local e muito especialmente os seus elementos mais progressistas que receiam, não apenas o agravamento da escalada reacçãoária que presentemente se está a verificar no norte do país mas, até, que essa escalada assumia, no concelho formas que põham em risco vidas humanas. Na ori-

gem do alarme está a explosão de uma bomba na oficina do conhecido democrata e activista José Martins Neiva, residente na freguesia de Anha. Foram ainda encontradas junto a um local onde se ia efectuar uma reunião do M. D. P. / C. D. E. duas cargas de dinamite, de tipo primitivo, semelhantes às habitualmente usadas nas pedreiras. A G. N. R. tomou conta destas ocorrências.

EXTERNATOS



SÃO VICENTE
Rua Edith Cavell, 8 (ao Chile) - tel. 84 88 64/5



MARQUÊS DE POMBAL
Rua Morais Soares, 93 - tel. 82 02 21/83 45 58



ALIADOS CABRAL
Avenida Grão Vasco, 1 - (Belfica) - tel. 70 69 74/5

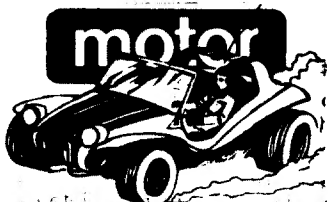


C. PREPARATÓRIO * CURSO LICEAL
C. GERAL COMÉRCIO * ADM. INSTITUTOS
ADM. UNIVERSIDADE * EXAMES «AD HOC»

Aulas de MANHÃ — TARDE — NOITE
Inscrições abertas p.º o próximo ano lectivo

CURSOS DE FÉRIAS

AGOSTO — SETEMBRO
(Exames de 2.ª época)



DUZENTAS E CINQUENTA MIL PESSOAS VÃO REGRESSAR DE ANGOLA

Duzentas e cinquenta mil pessoas regressarão brevemente a Portugal vindas de Angola — informa a 5.ª Divisão do Estado Maior General das Forças Armadas em comunicado ontem distribuído.

Face às dificuldades de ligação telefónica com Luanda (apesar de os circuitos terem sido requisitados no sábado à Marconi) passamos a transcrever na íntegra o comunicado da 5.ª Divisão, que se refere até às 19 horas de ontem.

«A situação no território de Angola, referida às 19 horas de hoje, dia 3 de Agosto de 1975: podemos dizer que a situação não evoluiu nestas últimas 24 horas. Em Luanda e arredores, nomeadamente no Caxito a situação mantém-se absolutamente estacionária.

No restante território e nomeadamente em relação a Lobito e Benguela, também não temos notícias que nos permitam realmente detectar uma evolução significativa na situação, e porque sabemos que esta parte Sul do território estará na ordem do dia, atendendo a que é a primeira vez que o conflito alastra aquela zona, aguardamos realmente amanhã poder dar notícias mais detalhadas.

Sobre a estadia em Angola dos elementos do Conselho da Revolução, nós poderemos adiantar que têm continuado ao longo do dia de hoje as reuniões, com vista a encontrar a melhor solução para este impasse em que se encontra o processo de descolonização de Angola.»

DECLARAÇÕES FALSAS

«Acerca das declarações de Lopo do Nascimento relativamente a um avião que, pilotado

por um oficial português, teria sido atingido sobre uma fortaleza em Luanda, parece tratar-se de ligeira confusão, dado dever referir-se a um avião que teria sido atingido, e não abatido, há tempos, tendo morrido um dos navegadores. As referidas declarações podem ser desmentidas frontalmente, uma vez que não houve nenhum avião abatido em Luanda e muito menos sobre a fortaleza. Houve apenas o caso, ocorrido talvez há cerca de duas semanas, de um avião alvejado por cima da barra do Dande, onde a F. N. L. A. se encontrava instalada nesse dia e em que efectivamente um tripulante foi atingido e morreu. Aliás, isso foi objectivo de um comunicado do comandante chefe. Acções desse tipo têm sido bastante intensas, efectuadas tanto pela F. N. L. A. como pelo M. P. L. A. Recorde-se que foi feito um comunicado em que se referia que a Força Aérea responderia pela força a acções desse tipo. Na realidade, posteriormente à divulgação desse comunicado, tais acções deixaram de verificar-se.

Os responsáveis de qualquer dos movimentos de libertação do território não emitiram quaisquer declarações concernentes às repercussões da conferência de Campala.»

INSEGURANÇA NAS POPULAÇÕES

«O estado psicológico das populações branca e negra é francamente mau. Muita população negra, nomeadamente em Luanda, quando dos conflitos, saiu e foi transportada por via aérea tanto por meios militares como por meios civis, continuando em Luanda milhares de indivíduos. Neste mo-

mento é tremendamente difícil, senão impossível, conseguir que as pessoas tenham estabilidade para se manterem em Angola. Com o desenvolvimento do conflito as pessoas saem dos locais em que ele se regista procurando zonas onde haja mais possibilidade de saírem de Angola ou até demandando locais onde as nossas tropas se mantêm podendo assim garantir-lhes maior estabilidade.»

FUGA

«Neste momento podemos encarar a hipótese de haver, pelo menos, 250 mil pessoas que regressam a Portugal. Aliás, nesse sentido, está a ser organizada uma ponte aérea para realmente se poder retirar de Angola essas pessoas. É impossível as pessoas manterem-se em Angola devido à falta de estabilidade. Não são só os conflitos, como é toda aquela onda de violência que se segue ao conflito em si: saques, roubo, violações, toda uma onda de violência que temos tentado controlar o mais possível, tendo-o efectivamente conseguido em determinados locais, nomeadamente aqui em Luanda. Mas há outros locais onde a nossa tropa já não está e que portanto quando lá chega, já essas acções se verificaram, condicionando assim uma instabilidade muitíssimo grande. As populações estão tremendamente traumatizadas pelo que se afigura extremamente difícil que as populações se mantenham aqui.

TIROTEIO EM LUANDA

LUANDA, 4 — (F. P.) — Foi escutado intenso tiroteio ontem à noite, em pleno centro

de Luanda, pouco depois das 22 horas.

A Polícia e o Exército portugueses cercaram imediatamente o bairro onde provinham os tiros mas, ao que parece, sem efectuarem qualquer prisão.

Embora todas as noites se ouçam tiros na capital angolana, é a primeira vez desde há várias semanas que se escutam tiros uma hora somente depois do recolher obrigatório, que começou às 21 horas.

PEQUIM RESPONSABILIZA MOSCOVO

PEQUIM, 4 — (FP) — O «Diário do Povo», na sua edição dominical, acusa a União Soviética de estar na origem do caos que vive actualmente Angola.

O órgão do P.C. da China, citado pela agência Nova China, afirma nomeadamente: «Os revisionistas soviéticos apoiaram abertamente um movimento nacional contra outro, e enviaram grandes quantidades de armas a fim de fomentar uma guerra civil, minando a solidariedade nacional em Angola e causando uma situação caótica neste país».

Apela em seguida os países africanos à «vigilância» face aos «projectos sociais-imperialistas soviéticos de infiltração em África e de estender a sua influência, no âmbito da sua intensa luta hegemónica no continente africano contra a outra superpotência».

«Esforçam-se não só por se apoderar de portos e bases na África, para exercer o controlo e intervir nos países africanos, como também em semear a discórdia entre estes países e entre os movimentos de libertação nacional na tentativa de pescar em águas turvas e de tomar o lugar dos colonialistas da velha escola», escreve o órgão do Partido Comunista da China.

CONTRA A SEPARAÇÃO DE CABINDA

LAGOS, 4 — (FP) — O novo Governo militar nigeriano exprimiu ontem a sua «surpresa» e «consternação» perante a secessão do enclave de Cabinda.

O Governo de Lagos, na sua primeira declaração sobre política externa, reafirma o apoio da Nigéria à posição dos movimentos de libertação angolanos, afirmando que o enclave de Cabinda é parte integrante de Angola e que deve ser libertado ao mesmo tempo que todo o território de Angola.

A declaração recorda «os sofrimentos» causados à Nigéria pela secessão do Biafra e apela aos dirigentes de Cabinda no sentido de poupar a semelhantes consequências o povo de Cabinda.

ALASTRA O CONFLITO ENTRE O M.P.L.A. E A F.N.L.A.

A 5.ª Divisão do E.M.G.F.A. divulgou no sábado passado, ao fim da tarde, mais um comunicado sobre a situação em Angola, até às 19 horas desse dia, onde se refere que o conflito entre o M.P.L.A. e a F.N.L.A. se estendeu mais para Sul do território.

É desse comunicado que passamos a transcrever o essencial:

«Nestas 24 horas, a única alteração significativa a assinalar será a de que o conflito se estendeu mais ao Sul do território. Deste modo, em Luanda e zona do Caxito, a situação mantém-se absolutamente estacionária. Noutros pontos do território, de referir o Luso, onde foi conseguido o cessar-fogo às 23 e 30 de ontem. A população civil estava na sua grande maioria

a regressar a suas casas. De Quibala e Gabela, as acções de fogo tinham diminuído, mas, face à onde de violência que se verificava nos arredores destas localidades, a população quer abandonar a zona a todo o custo. Foi deslocada para a Gabela uma companhia de tropas portuguesas a fim de dar a necessária protecção. Referimos no início que o facto saliente das últimas 24 horas foi a generalização do conflito mais ao Sul do Território. É facto que, segundo as notícias que nos chegaram, o conflito não tem sido tão violento como noutros locais. Mas, de qualquer modo, já houve acções armadas no Lobito e em Benguela. Assim, em Benguela houve tiros durante toda a noite passada, até às 7 horas altura em que diminuíram. Entretanto, e face ao conflito, as populações dos bairros periféricos estavam a afluír para o centro da cidade.»

FOGO NO LOBITO

«No Lobito, há pouco havia fogo de armas ligeiras e pesadas, com maior intensidade nos bairros periféricos. O comando das Forças Armadas portuguesas convocou esta manhã uma reunião com os movimentos de libertação a fim de tentar sanar o conflito, reunião essa à qual eles não compareceram. Aguardamos poder dar amanhã mais detalhes sobre o evoluir da situação nestas 24 horas.

«A finalizar, uma correcção a uma notícia fornecida ontem. Face a uma notícia mal compreendida, dissemos ter sido destruída uma ponte entre Lobito e Benguela, o que não corresponde à realidade.

«De modo geral, esta a situação em Angola referida às 19 horas de hoje (dia 2 de Agosto).»

FOGO NA SERRA DE SINTRA

«Alguém viu um automóvel entrar pelo portão da Tapada do Mouco para logo se retirar assim que o fogo começou» — o fogo começou eram 20 horas do dia de ontem, e foi dado por extinto cerca das duas da madrugada. Combateram as chamas doze corporações de bombeiros, e muitos populares que se declaram bem contentes pelo facto de o vento não ter soprado de maneira a fazer alastrar o sinistro até ao contíguo Parque Florestal da Pena. De referir que, a certa altura, dada a intensidade da

fumarada, foi pedido pela Rádio e pela Televisão que fosse fornecido leite aos bombeiros. Apenas com a participação do Sindicato dos Motoristas, foi possível conseguir mais de cem litros, em manifestação de solidariedade que, ao que nos pareceu, chegou a surpreender, pela eficiência, os próprios bombeiros. Estes — ressaltamos — não sabem até ao momento qual a origem das chamas.

TRÊS MORTOS NA POVOAÇÃO DE CEPOS

Os fogos, ao que nos afirmam, irradiaram «de maneira bastante estranha» por toda a área florestal englobada pelos

perímetros de Pampilhosa da Serra, Gois, Arganil, Lousã, Poiães. Na povoação de Cepos, três vítimas das chamas, mais de uma dezena de casas destruídas, tal é o balanço triste da devastação que durante dez dias lavrou por matas de pinheiros e eucaliptos da região centro.

Em Arganil houve uma manifestação dita de repúdio. De repúdio a um comunicado da comissão concelhia do P.C.P. sobre o incêndio na Pampilhosa da Serra, relacionado, no documento do P.C., com as actividades de fascistas e reaccionários do concelho.

Entretanto, gerou-se um amplo movimento de solidariedade para com as populações vítimas do fogo iniciado e propagado, conforme já referimos, de «maneira bastante estranha», e neste momento, declarado extinto.

TRABALHADORES CONTRA MANOBRAS PATRONAIS

Manobras reaccionárias do patronato, destinadas a desarticular o processo revolucionário, foram denunciadas por delegados sindicais dos trabalhadores do comércio numa assembleia realizada nas instalações da INATEL, no Porto.

Entre essas manobras inscreve-se o boicote de alguns armazenistas de mercearia aos fornecimentos destinados a empresas controladas por comissões de trabalhadores.

Foi também denunciada a

atitude dos industriais de ourivesaria que informaram os empregados de que não negociariam o contrato colectivo de trabalho. Posições idênticas estão a ser tomadas por outros sectores patronais.

Os trabalhadores reunidos declararam que só aceitarão as medidas de austeridade preconizadas pelo Governo desde que incidissem sobre os patrões e não sacrificassem, uma vez mais, as classes trabalhadoras.

FRELIMO CONSOLIDA A INDEPENDÊNCIA DE MOÇAMBIQUE

LOURENÇO MARQUES, 4 — (A.N.I.) — O presidente da Frelimo, da República Popular de Moçambique, e comandante chefe das F.P.L.M. (Forças Populares de Libertação de Moçambique), Samora Machel, procedeu, no sábado ao encerramento do IV Conferência Nacional do Departamento de Defesa, iniciada no passado dia 25 e que contou com a participação de membros dos Comités Central e Executivo da Frelimo e de 250 responsáveis das F.P.L.M.

No final da sessão falou o ministro da Defesa Nacional, Alberto Chipande, tendo depois sido lidas as decisões aprovadas pela conferência.

O presidente Samora Machel usou, então, da palavra, salientando que o documento aprovado «estabelece a plataforma segura para o novo combate em que nós estamos envolvidos».

«É um documento que nos indica como é que devemos combater, como é que devemos consolidar a nossa independência como é que devemos consolidar a nossa ideologia revolucionária e como é que devemos servir inteiramente, de uma maneira desinteres-

sada, as massas largamente exploradas pelo colonialismo e pelo imperialismo.»

EXÉRCITO SEM GALÕES

Mais adiante, Samora Machel acrescentou:

«Reafirmamos aqui mais uma vez, a nossa identidade de classe, a nossa classe explorada, a nossa classe de dominados, a nossa classe de trabalhadores».

O texto, aprovado por unanimidade e aclamação, é um instrumento teórico do mais alto nível e divide-se em quatro partes: os factores da vitória da guerra popular de libertação, as Forças Populares de Moçambique, suas tarefas na fase de construção da democracia popular, as Forças Populares de Moçambique e as massas populares, a construção do Exército regular, e, por fim, as conclusões.

O documento confirma que não haverá galões nas F.P.L.M., já que a responsabilidade é o critério da hierarquia.

A conferência reafirmou, por outro lado, o carácter internacionalista da revolução moçambicana.

APOIO ÀS NACIONALIZAÇÕES

Neste fim-de-semana, realizaram-se, por todo o país, reuniões populares de apoio às recentes medidas tomadas pelo Governo Popular de Moçambique e anunciadas previamente pelo presidente Samora Machel: nacionalização das escolas privadas, clínicas particulares, agências funerárias, escritórios de advogados e o fim do pagamento de rendas de terras.

Promovidas pelos grupos dinamizadores, as reuniões populares destinaram-se a discutir abertamente as razões das medidas tomadas e as suas implicações na reconstrução nacional.

RELAÇÕES DIPLOMÁTICAS COM A SÍRIA

DAMASCO, 4 — (R.) — A Síria estabeleceu relações diplomáticas com Moçambique a nível de embaixadores, segundo revela um decreto publicado hoje nesta capital.

OURIVESARIA EM PLÊNARIO

A crise da ourivesaria começou hoje a ser debatida num plenário promovido pela Associação dos Industriais de Ourivesaria e Relojoaria do Norte, que está a decorrer na Escola Industrial de Gondomar.

O encontro destina-se a estudar as medidas a adoptar a fim de impedir a «completa derrocada do sector», tendo em conta que «ainda não foi dada satisfação às sugestões e exposições apresentadas em vários ministérios», segundo revela um comunicado daquela associação.

Os industriais de ourivesaria apresentaram ao Governo no dia 11 de Junho um relatório sobre esta indústria, em que analisavam as razões da crise, sugerindo que a reconversão do sector fosse encarada ministerialmente.

Nacional

SURTO DE CÓLERA CONTROLADO NO DISTRITO DO PORTO

Segundo informação da Comissão Nacional de Luta Contra a Cólera, o surto surgido no distrito do Porto está a ser devidamente controlado pelas autoridades sanitárias, mercê dos meios e recursos técnicos disponíveis. No entanto, para que o controlo seja absoluto e seguro, torna-se conveniente que a população colabore, procedendo à higiene geral da água e dos alimentos, que têm vindo a ser difundidas.

Entretanto, a Comissão Nacional da Luta Contra a Cólera distribuiu um esclarecimento à população do seguinte teor: «Foram constituídas comissões coordenadoras de luta contra a cólera a nível concelhio e distrital a grupos de acção directa com a missão de estabelecer e executar os planos de acção. Estas comissões são constituídas por trabalhadores da saúde, representantes dos serviços locais e das populações.

Como medidas preventivas no âmbito da educação sanitária continuam a ser divulga-

das pelos órgãos de comunicação social, e por publicações, as normas de higiene que as populações deverão cumprir para evitarem o contágio.

Neste âmbito, foram ainda realizadas diversas acções de educação para a saúde junto de grupos de população, em especial das zonas de alto risco, que tiveram a colaboração das organizações de base popular.

De entre as diversas medidas de vigilância epidemiológica foi activada a vigilância das doenças diarreicas por meio de análises bacteriológicas para pesquisas de fontes de contágio, com o apoio laboratorial do Instituto Nacional de Saúde (I.N.S.) e dos laboratórios distritais de saúde pública, bem como se incentivou a vigilância sanitária dos mercados e trabalhadores do comércio e indústria alimentícia, e ainda se intensificou a vigilância e controlo laboratorial das águas, dos viveiros de moluscos e dos esgotos dos aglomerados urba-

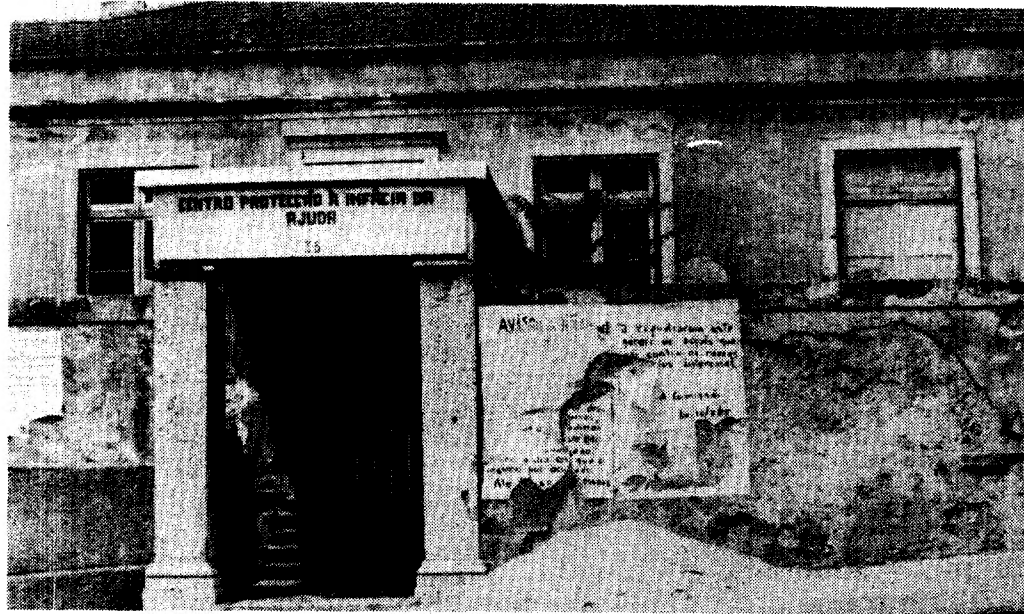
nos mais populosos.

Para a protecção sanitária ambiental, entre outras acções, foi intensificada a cloragem das águas do abastecimento público, feita a distribuição gratuita de garrafas de desinfectante destinadas a tratar da água que não é da rede pública, elaborado um estudo sobre desinfecção de poços e nascentes, que à data já se encontra em execução, e se prevê seja generalizado a curto prazo.

Com a colaboração do M.E.S.A., procedeu-se à construção de latrinas e lixeiras salubres.

Assegurou-se o tratamento adequado para os possíveis doentes com cólera, para o que se dinamizaram os estabelecimentos hospitalares com condições para tratamento, mantendo-se em estado de alerta.

Há hospitais nestas condições em Beja, Bragança, Coimbra, Faro, Guarda, Lisboa, Porto, Setúbal, Vila Franca de Xira, Vila Real, bem como em diversos concelhos.



Crianças da Ajuda DORMIR NUMA CAMA PELA PRIMEIRA VEZ

Três jovens (António Pedro, Maria Elizabete e Alcino Ribeiro) empregam, há cerca de três meses, o melhor do seu

esforço para que as crianças pobres dos bairros do Réssio, Caramão e 2 de Maio, possam ter o seu infantiário num prédio ocupado na Calçada da Ajuda. Apenas com a participação económica das massas populares (operários, estudantes, pequenos industriais, pequenos comerciantes), já que a Junta de Freguesia, face aos apelos constantes, tem primado pelo silêncio, a tarefa tem sido árdua, mas, apesar dos esboços, quarenta crianças já comem ali as suas refeições, aprendem as primeiras letras, empreendem os passos básicos na educação física e algumas dormem pela primeira vez numa cama.

Também os militares do Batalhão de Lanceiros (Policia Militar), aquartelados em frente, têm dado a sua contribuição, fornecendo viaturas para conduzir as crianças às

praças, a parques de recreio e a espectáculos infantis.

Segundo António Pedro, um dos problemas prioritários é o do mobiliário, pois as sessenta divisões que integram o amplo edifício encontram-se praticamente desnudadas. Para preencher esse vazio estão a ser enviados esforços junto da direcção da Escola Francisco Arruda, onde existem em depósito grandes quantidades de material escolar — e mesmo camas, cadeiras e sofás: «Se os nossos planos se concretizarem — diz-nos Maria Elizabete — dentro de dois anos poderemos ter aqui quatrocentas crianças. Teremos então cumprido integralmente o nosso propósito. O nosso ideal...» «Só a prática faz o revolucionário» — é a frase afixada numa das paredes do Centro de Protecção à Infância da Ajuda. E pelo que observamos a revolução está efectivamente em marcha naquele recanto popular.

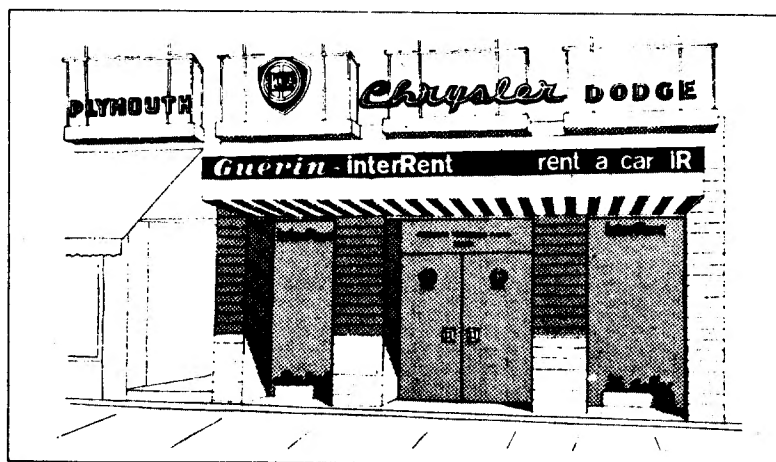
Guérin
interRent
R
rent a Car

novas instalações

A Sociedade Comercial Guérin, S. A. R. L., tem o prazer de comunicar a abertura de mais um ESCRITÓRIO da sua Divisão de Carros de Aluguer sem Condutor

Guérin-interRent

na Pr. dos Restauradores, 74, proporcionando assim uma maior comodidade a todos os seus Ex.ºs Clientes.



SOCIEDADE COMERCIAL GUÉRIN, S. A. R. L.

Escritórios interRent — Praça dos Restauradores, 74, tels. 36 67 51/7-37 01 71/5 — Av. Álvares Cabral, 45-B/C, tels. 68 91 74/5/6 — Aeroportos de LISBOA, PORTO e FARO — ESTORIL, PORTO, COIMBRA, ERICEIRA, BEJA, FARO, LAGOS, PRAIA DA ROCHA, ALBUFEIRA, MONTE GORDO e FUNCHAL.

SAPOCIAN

DEFENSOR EFICAZ
nas
doenças venéreas

SAPOCIAN

sabão líquido
para
a
HIGIENE MASCULINA

(À VENDA NAS FARMÁCIAS)

Ensino Particular

No Colégio Sá de Miranda, uma instituição modelar, continua patente ao público uma interessante exposição de trabalhos escolares, que pode ser visitada até 15/9.

Também ainda estão a receber inscrições para o Jardim de Infância.

R. Alex. Braga, 17
Tel. 45310

Em SETÚBAL o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na TABACARIA LOUREIRO

AGÊNCIA DE VIAGENS



SOC. COM.
OREY, ANTUNES,
S. A. R. L.

4, Praça Duque da Terceira — LISBOA-2

Tels. { 36 22 66
36 93 46

- LONDRES, 8 maravilhosos dias na velha capital inglesa. Saídas semanais.
- AÇORES e MADEIRA, 8 ou 15 dias. Saídas frequentes.
- ROMA, 8 dias, visitas guiadas.
- CURSOS DE INGLÊS EM INGLATERRA, incluem transporte, estadia e aulas.
- CRUZEIROS NO RENO, viagens de sonho.
- FÉRIES para Inglaterra e Norte de África. Comodidade.
- MARROCOS, a sua viagem deste ano.
- TURISMO INTERNO.
- PASSAPORTES.

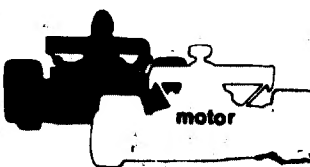
CIDADE
MARGINALVINTE
COCHES
EM "ESTUFA"...

Vinte coches expostos no pavilhão do Museu da Marinha, entre naus de «outras eras» e aviões pioneiros, um dos quais utilizado pelo almirante Gago Coutinho, na travessia do Atlântico Norte. Vinte carruagens desalojadas pelo desmoronamento do Museu dos Coches ocorrido há cerca de dois meses e agora sujeitas a autênticas temperaturas de estufa susceptíveis de lhes provocarem danos irreparáveis ocasionando assim a destruição a curto prazo, de uma colecção que, segundo as palavras do dr. Manuel Maia, dirigente do Museu da Marinha, é a mais importante do Mundo, só conhecendo o ligeiro paralelo com outras existentes na Áustria e na Rússia. E disse-nos ainda o dr. Maia: «Isto só foi possível devido à incúria de alguns dos responsáveis da Direcção-Geral dos Monumentos Nacionais, muitos deles vindos do tempo do fascismo e ainda não saneados».

O ESFORÇO
POPULAR

Como foi na altura noticiado, uma das paredes laterais do Museu dos Coches desmoronou-se depois de ter ameaçado ruir durante vários dias, sem que os responsáveis tivessem tomado a atitude que se impunha: proceder de imediato à sua restauração. Aconteceu então, o irreparável e os coches foram salvos de emergência devido aos esforços dos bombeiros auxiliados pelos populares.

Vinte foram transportados para o Museu da Marinha. Os restantes jazem num armazém fronteiro ao Palácio das Necessidades, onde, amontoados, permanecem afastados do público. E assim estarão pelo menos dois anos, tempo considerado necessário pelos peritos para as obras de restauro do Museu dos Coches. Sobre este caso uma frase que subscrevemos na íntegra, proferida por um dos cicerones de serviço naquele museu: «Pois se os fascistas não se interessavam pela segurança dos seres humanos, como se iriam eles interessar pela segurança dos coches? Se lhes têm dado mais tempo eles acabavam mas era por transformar as pessoas e os museus deste país em divisas para depositarem nos bancos estrangeiros». E, para isso, frise-se, nunca é de mais recordar o milhão e meio de emigrantes, os dezasseis mil mortos e os trinta e seis mil mutilados das guerras coloniais, as centenas de bairros da lata e os milhões de contos sonegados ao povo português por Salazar, Caetano e seus acólitos e transferidos abusivamente para a Suíça e outros países afins...



Mário Soares à chegada de Estocolmo

"A EUROPA TEM ESPERANÇA
NA DECISÃO SOCIALISTA"

A análise da situação política portuguesa dominou, conforme se esperava, os trabalhos da Cimeira Socialista de Estocolmo, convocada pelo dirigente social-democrata sueco Olof Palme e a que estiveram presentes «leaders» socialistas de onze países europeus e de Israel. Portugal, a crise económica que abala o sistema capitalista europeu mundial, os resultados da Conferência de Segurança Europeia de Helsínquia, a situação no Médio Oriente, constituíram os assuntos centrais da reunião socialista.

Participaram na Conferência, o chanceler Helmut Schmidt e o dirigente do Partido Social-Democrata, Willy Brandt, pela Alemanha Federal, o chanceler Bruno Kreisky, pela Áustria e os primeiros-ministros Harold Wilson, pela Grã-Bretanha, Joop Den Uyl, pela Holanda, Anker Sorsa, pela Finlândia e Olof Palme, pela Suécia. Como convidados especiais ou na qualidade de representantes de Partidos So-

cialistas que não estão no Governo, encontravam-se, em Estocolmo, Mário Soares, François Mitterrand, da França, o primeiro-ministro israelita, Yitzhak Rabin e Francesco de Martino, dirigente do P. S. Italiano.

Também estiveram presentes na reunião os ministros dos Negócios Estrangeiros da Grã-Bretanha e Suécia, respectivamente, James Callaghan e Sven Andersson.

Entre as decisões tomadas no que respeita ao nosso país, avulta a constituição de uma Comissão de Ajuda e Apoio ao Partido Socialista Português. No momento em que anunciou a formação desta Comissão, o primeiro-ministro Olof Palme declarou que ela «tomaria uma posição muito forte em favor dos direitos democráticos em Portugal, pelo direito de todos os partidos existirem e trabalharem pelas garantias de liberdade de imprensa, por um movimento sindical livre e pelos direitos de todos os grupos e partidos a trabalharem fora

do País com os seus amigos, em qualquer parte do Mundo». Ainda segundo Olof Palme, a Comissão irá «mobilizar a opinião pública dos países participantes na Conferência a favor da democracia em Portugal».

Quanto ao auxílio económico ao nosso país, os observadores consideram que as posições de Wilson e do chanceler Schmidt são diferentes das de François Mitterrand e Olof Palme. O primeiro-ministro britânico reiterou a sua posição: «A Comunidade está disposta a conceder um auxílio e a cooperar economicamente com Portugal, se o pluralismo político for respeitado». François Mitterrand, por seu lado, manifestou-se contra a imposição de «condições ao auxílio a Portugal», declarando a propósito: «Tudo o que permitir uma ajuda à democracia em Portugal, será bom para os socialistas franceses, dado que respeitamos os direitos dos portugueses a determinarem-se a si próprios».

REGRESSO
DE MÁRIO SOARES

Ao princípio da madrugada de hoje o dirigente do P. S. foi recebido no aeroporto de

Lisboa, por muitas centenas de militantes do seu Partido, no regresso da reunião da Internacional Socialista, em Estocolmo. Mário Soares falou aos jornalistas.

Acerca da notícia da demissão do Primeiro-Ministro Vasco Gonçalves, Soares afirmou que «é a primeira vez que ouço falar nisso».

Um dos jornalistas presentes quis saber a opinião do secretário-geral do Partido Socialista, a respeito do agravamento da situação política em Portugal nas últimas horas. Mário Soares respondeu: «Se foi nas últimas horas, devo-lhe dizer que a reunião terminou ontem e durante o meu encontro com os camaradas da Internacional Socialista, não havia ainda esse agravamento. E eu não dei nenhum aspecto dessa gravidade. Pelo contrário, a exposição que tive oportunidade de fazer foi de tranquilidade acerca da situação portuguesa. Tive ocasião até de declarar que certos boatos alarmistas que circulam, a meu ver, não têm razão de ser. Há que confiar no bom-senso, no amor pela liberdade do povo português».

Voltando à carga, o mesmo jornalista quis saber a opinião de Mário Soares, quanto à hipo-

tética escolha, para primeiro-ministro, de um militar da linha terceiro mundista, como Melo Antunes. O «leader» do P. S. respondeu: «O P. S. já expôs a sua posição há cerca de uma semana. É favorável a um Governo de unidade nacional presidido por um militar. Não nos vamos pronunciar sobre qual deve ser, mas entendemos que deve recair numa personalidade militar que consiga o apoio de todas as correntes do M. F. A. e, ao mesmo tempo, das principais forças progressistas, patrióticas e revolucionárias do nosso país».

Quanto ao encontro (programado) com Otelo Saraiva de Carvalho, Mário Soares diria que «os meus camaradas é que me irão anunciar agora quando é».

O dirigente do Partido Socialista discursou depois para a massa dos simpatizantes do P. S. «Encontrei-me com os «leaders» socialistas da Europa inteira e é uma grande consolidação para nós, portugueses, saber que a Europa e o mundo estão a seguir, apaixonadamente, o desenvolvimento do processo revolucionário português e que põem grandes esperanças no espírito e na decisão socialista».

Segundo Schlesinger

PORTUGAL AMEAÇA
6.ª ESQUADRA

Muito duro — eis como Harold Wilson classificou o encontro que teve com o general Costa Gomes na última sexta-feira em Helsínquia. Para o actual «premier» britânico, numa entrevista à BBC ontem, «duros» terão sido igualmente os encontros que o general Costa Gomes teve com o chanceler oeste-alemão Helmut Schmidt e o chefe do Governo Holandês, Joop Den Uyl. Eles disseram realmente aquilo que pensaram: «dissemos realmente aquilo que pensávamos» — disse Harold Wilson.

Também Gerald Ford deve estar a dizer aquilo que pensa quando afirma que «é muito trágico que em virtude das investigações sobre a CIA e de todas as limitações que nos foram impostas no campo das operações encobertas não possamos participar juntamente com os outros países da Europa Ocidental». Isto porque «não gostamos que Portugal esteja agora em agitação» e «sabemos que países da Europa Ocidental estão a ajudar os seus amigos sociais-democratas em Portugal». Isto, sobretudo, porque, segundo Ford, «está indubitavelmente reconhecido que a União Soviética está a auxiliar sub-repticiamente os elementos comunistas em Portugal».

Os excertos pertencem a uma entrevista dada por Ford à revista americana «U. S. News and World Report» e as afirmações do primeiro dos norte-americanos são assim uma confirmação de inúmeros ditos e suspeitos. Os Estados Unidos estão de facto preocupados com a situação em Portugal. O facto de as social-democracias europeias estarem a prestar auxílios aos social-democratas portugueses, no entanto, é um dado novo no xadrez, e em Washington pensa-se se não seria preferível seguir este exemplo. «Não digo que a nossa participação solucionaria automaticamente o problema» — admite Ford — «mas o desanviamento não devia impedir-nos — e não nos impede — de entrar e defrontar os desafios onde sabemos que a União Soviética está envolvida». A cimeira de Helsínquia terá assim trazido os Estados Unidos a uma posição

mais identificadamente próxima das social-democracias europeias. Também eles vão querer mais efectivamente «ajudar» na «construção duma democracia» em Portugal — expressões muito ocorrentes nos falares não muito diversos dos dirigentes capitalistas do Ocidente. Os Estados Unidos, pela parte que lhes cabe porém, acham «trágico» uma coisa: que uma real desconfiança em relação à CIA, tanto na Europa como nos próprios Estados Unidos, tenha produzido uma situação em que se levantam dificuldades a tal ajuda. Ford não fala de dificuldades: fala de «limitações».

Schlesinger, do Departamento de Defesa (Washington), também ontem falou nisso na Televisão. Era a propósito da Sexta Esquadra e dos riscos que a situação em Portugal faz correr às suas «capacidades» ano Mediterrâneo. Se Portugal caísse dentro da órbita da União Soviética, e se submarinos soviéticos tivessem bases nos portos portugueses (o que Schlesinger acha que não é muito provável venha a acontecer), como era? O secretário dos Estados Unidos diz: isso «colocaria em perigo a viabilidade da Sexta Esquadra». Portugal reganha assim uma importância que sempre teve, por fatalidade geográfica, mas que agora se renova com perspectivas políticas que não coincidem com a estratégia global do capitalismo no Ocidente Europeu.

Nada disto é surpreendente para os povos duramente experimentados na opressão dos sistemas onde o capitalismo é a forma de produção e administração da vida.

SINDICATO DOS TRABALHADORES
DA INDÚSTRIA METALÚRGICA
E METALOMECÂNICA
DO DISTRITO DE LISBOA
O FASCISMO REABRIU
A PORTA DA VIOLÊNCIA!

CAMARADAS:

As forças da reacção encabeçadas pelos caciques e pelos serventuários do capitalismo monopolista e dos grandes agrários, arregaçaram as mangas e passaram a nova etapa da escalada contra-revolucionária; a da violência e da agressão física!

O joguinho venenoso dos comícios e dos discursos políticos já não chega para os seus objectivos; às campanhas de agitação e de subversão, juntam os insultos ao MFA, o desafio às Forças Armadas e a agressão física e brutal aos militantes políticos, aos sindicalistas e a todos os democratas que estão com a Revolução.

Do Norte e do Centro a violência nazi alastra para o Sul. Pelos métodos utilizados, os adversários escolhidos e os objectivos visados, pode facilmente concluir-se que a sua meta final é o regresso ao fascismo.

Desde o terrorismo individual até ao ataque bombista tudo cabe no arsenal da reacção. O fascismo abriu a «caça às bruxas» como forma predilecta para a conquista do poder através da intimidação e do medo.

É uma tática que não tem nada de original. Salazar e Caetano usaram-na durante meio século e apenas lhe mudaram as formas de harmonia com as necessidades e circunstâncias do momento.

CAMARADAS, à violência reacçãoária, temos que responder com a violência revolucionária. Hoje, só os reacçãoários que nos atacam terão o descaramento de afirmar que não são necessários órgãos de defesa da Revolução... para mais facilmente nos atacarem!

CAMARADAS, a reacção está organizada com planos centralizados para reconquistar o poder e desancadar um banho de sangue, de que a actual escalada de violência é o primeiro sinal.

O banho de sangue sobre militares revolucionários, militantes políticos, sindicalistas e sobre todos os democratas que apoiam a Revolução é a «vacina anticomunista» que as forças do imperialismo nacional e internacional querem aplicar no nosso País, para estabelecer a «ordem democrática» da dominação e exploração capitalistas.

Metalúrgico, trabalhador português! Reforça a tua vigilância revolucionária; a reacção não dá tréguas nem férias. Contacta e informa-te no teu Sindicato. Colabora e organiza piquetes de segurança no teu Sindicato, no teu Comité de Fábrica ou de Bairro. Reforça a vigilância em todas as organizações populares.

Metalúrgico! No teu Sindicato há piquetes de vigilância. Inscribe-te depressa. Não consintas que o teu Sindicato venha a ser assaltado ou ocupado pela reacção.

- Vigilância Revolucionária!
- Pelo reforço da aliança das massas populares com o MFA!
- Pela unidade dos trabalhadores!
- Em frente, rumo ao Socialismo!

Lisboa, 1 de Agosto de 1975.

A COMISSÃO DIRECTIVA

Nacional

TUMULTOS EM FAMALICÃO

— depois de um fim-de-semana trágico, o estado de tensão

Continuação da pág. 1

ma rua, quase em frente da sede da «Textil Manuel Gonçalves».

ASSALTOS SUCESSIVOS À SEDE DO P.C.P.

Ao grupo inicial foram-se juntando, entretanto, mais gente e, por volta das 22.30 a multidão dirigiu-se para o Centro de Trabalho do P.C.P. onde se encontravam reunidos cerca de quarenta militantes e começaram a apedrejá-lo, gritando «Morte aos comunistas», «Abaixo o M.F.A.» e outras palavras de ordem semelhantes. Verificando, porém, que era difícil, senão impossível, penetrar no edifício pela frente, os manifestantes tentaram assaltá-lo pelas traseiras, sem conseguirem o seu intento. Os militantes que se encontravam na sede, ao verem avolumar-se a multidão decidiram defender-se a tiro de caçadeira, tendo os disparos atingido Arlindo Augusto, de dezoito anos, feirante, e Heitor Augusto Peixoto, de 36 anos, operário. A luta só não teve consequências mais graves devido à intervenção de destacamentos do R.I. 8 de Braga e do R.C. 6 do Porto, que tomaram posições em frente do Centro de Trabalho, impedindo que os manifestantes forçassem a entrada das instalações. A partir desse momento, travou-se diálogo aceso entre os militares, comandados pelo coronel Soares, e os manifestantes que não desistiam dos seus propósitos e cujas fileiras iam engrossando com elementos vindos de outras aldeias da região. A situação de equilíbrio manteve-se toda a noite, mas na manhã de sábado, já se adivinhava que a vila ia ser teatro de novos desastros. Com efeito a multidão não cessava de aumentar e era visível nela o propósito de ultrapassar a barreira militar e forçar a entrada das instalações que os militantes do P.C.P. persistiam em defender.

As 17.30, os capitães incumbidos da defesa do Centro de Trabalho, vendo que a tensão aumentava e que dificilmente a poderiam deter, enviaram aos militantes barricados a seguinte ordem: «Considerando que se impõe prioritariamente a salvaguarda de vidas humanas e face à ordem telefónica recebida do Quartel-General da Região Militar do Norte, ordena-se, em nome do mesmo, que os militantes do P.C.P. retidos por uma manifestação dentro da sua sede em Vila Nova de Famalicão, a abandonem».

Obedecendo à ordem, os defensores do Centro de Trabalho, deixaram o edifício, declarando que o faziam para evitar contatos com as Forças Armadas, tendo sido imediatamente transportados para o Quartel-General da Região Militar do Norte em camiões militares. Com esta evacuação forçada, diminuiu a histeria da multidão, tudo levando a crer que a vida regressaria à normalidade ou, pelo menos, que não voltariam a repetir-se os ataques ao Centro de Trabalho, agora ocupado por militares. Parte das tropas que se tinham deslocado à vila voltaram às unidades, ficando apenas um pelotão de guarda ao edifício.

UM MORTO E TRÊS FERIDOS À MEIA-NOITE

Porém e ao contrário do que seria de esperar, a multidão voltou a reforçar-se ao anoitecer, o que levou os militares a formarem um cordão à volta do edifício. Por volta da meia-noite, acossados por todos os lados as forças do Exército dispararam uma rajada de metralhadora para o ar atingindo o tractorista de Minotães (Barcelos) Laurentino Leite de Carvalho que foi transportado para o hospital da Misericórdia da vila onde chegou morto. Ficaram ainda feridas mais duas pessoas, uma das quais em estado grave.

O SAQUE AO CENTRO DE TRABALHO

De acordo com um comunicado transmitido esta madrugada pela Direcção da Organização Regional do Norte do P.C.P., os soldados que penetraram no Centro de Trabalho depois da evacuação dos militantes, procederam ao saque e à pilhagem das instalações com a complacência dos oficiais presentes. «Tais factos, afirma-se nesse comunicado, deslustram o justo prestígio das Forças Armadas, ajudam a minar a confiança no M.F.A. e não cimentam a aliança Povo/M.F.A.». Nestas circunstâncias, a D.O.R.N. vai proceder judicialmente contra as entidades directamente envolvidas ou publicamente responsáveis». De acordo com o comunicado que vimos referindo, o «banditismo fascista» que se espalha no Norte do País é obra «de elementos treinados em Espanha, comandados por grupos de mercenários pagos pelos exploradores capitalistas e da C.I.A. encobertos pela propaganda do C.D.S. e do P.P.D. Depois de revelar os nomes de vários fascistas envolvidos em assaltos às sedes de Fafe, Ofir, Famalicão, Póvoa do Lanhoso e outras localidades, e de afirmar que a acção dos oficiais presentes «encoraja o alastramento dessa onda de crimes», a D.O.R.N. sublinha que a defesa da legalidade democrática e das conquistas alcançadas depois do 25 de Abril é hoje uma tarefa prioritária de todos os antifascistas».

A SITUAÇÃO NO MOMENTO PRESENTE

A situação, no momento presente, parece estar menos grave mas de forma nenhuma desanuviada. O Centro de Trabalho continua cercado por cerca de trezentas pessoas e, durante a noite, os carros e as motorizadas dos militantes comunistas evacuados foram destruídos pela multidão. Sabe-se, por outro lado, que circulam de automóvel pelas aldeias da região indivíduos munidos de magafones que tentam mobilizar a população para novas manifestações, podendo presumir-se, portanto, que ainda não terminou a longa série de incidentes que tem vindo a alterar a vida da vila e que já causou um morto e vários feridos. Do Quartel-General da Região Militar do Norte, informam-nos que já ali chegaram informações sobre esta mobilização, mas

que se desconhecem os nomes dos seus promotores.

MAIS UMA VÍTIMA

Faleceu, às primeiras horas da madrugada, no Hospital de S. João do Porto, um dos feridos transportados para aquele hospital. Trata-se de Luís Carneiro Barroso, enfermeiro, de 19 anos de idade, que residia em Famalicão, no Campo Mouzinho de Albuquerque. Eleva-se, assim, a dois o número de pessoas que morreram no decorrer destes incidentes.

A POSIÇÃO DOS SINDICATOS FACE AOS ACONTECIMENTOS

Em reunião geral, que se efectuou na sede da União dos Sindicatos do Porto, as direcções sindicais aprovaram uma moção, que entregaram no Comando da 1.ª Região Militar e cujo teor é o seguinte: «As Direcções Sindicais reunidas em reunião geral convocada de emergência, na U.S.P., no dia 2 do corrente, para analisar a situação política e deliberar sobre as medi-

das a tomar, face à escalada contra-revolucionária, consideram que as ocorrências dos últimos dias verificadas em Ofir e em Famalicão, em que indivíduos identificados com o regime anterior e com organizações contra-revolucionárias, puderam impunemente agredir a maioria dos trabalhadores na pessoa dos seus representantes sindicais e violar toda a espécie de legalidade perante a passividade daqueles a quem compete zelar pela ordem democrática, são extremamente graves.

«De facto, tais indivíduos aproveitaram-se da crise política que o País atravessa e da confusão em que as lutas partidárias e a falta de objectividade de certos órgãos de Informação lançaram parte da população.

«Não podem estas Direcções Sindicais deixar de expressar a sua mais viva preocupação a esse comando pelos acontecimentos de Ofir e da Têxtil Manuel Gonçalves, que se enquadram, como se vê claramente, no processo de desestabilização política que visa derrubar o poder democrático e ferir de morte a aliança Povo/M.F.A., e, conscientes de que as acções contra-revolucionárias devem responder-se com firmeza exemplar, reclamam a imediata detenção e jul-

gamento dos responsáveis por esses atentados e a tomada de medidas de reforço de disciplina revolucionária necessárias à prossecução da via definida pelo M.F.A. de construção de socialismo.»

MANIFESTAÇÃO ANTIFASCISTA

PORTO, 4 — A Comissão de Moradores e a chamada Organização Revolucionária do lugar de Cimo da Serra, na freguesia de S. Pedro da Cova, (Gondomar), reunidas em plenário, decidiram convocar uma manifestação para quarta-feira. Essa convocatória consta de uma moção aprovada e cujo teor é o seguinte:

«A Comissão de Moradores e a Organização Revolucionária de Cimo da Serra, reunidas em plenário no dia 2 de Agosto de 1975, considerando que a actividade dos reaccionários se desenvolveu seriamente nos últimos dias, surgindo com grande violência através de acções terroristas concentradas, e que revela o perigo real de a conjura fascista pretender afogar pelo sangue a nossa revolução e fazer regressar o fascismo a Portugal, decidem promover o alerta das

populações e dos trabalhadores, esclarecendo-os e convocando uma grande manifestação popular para a próxima quarta-feira, pelas 19 horas, no Quartel-General da Região Militar do Porto, na Praça da República.

Foi ainda decidido convidar todas as comissões de moradores e trabalhadores, organizações unitárias e forças progressistas apartidárias, a participarem na convocação desta manifestação.»

ATAQUES A MEMBROS DO M.D.P. E DO P.C.P.

Na sequência dos acontecimentos registados nas últimas horas nesta Vila, grupos de manifestantes levaram a cabo esta noite uma autêntica «caçada às bruxas» durante a qual assaltaram os escritórios de algumas pessoas conhecidas como membros do M.D.P. e do P.C.P. Está no primeiro caso o dr. Salvador Coutinho cujo escritório foi saqueado, tendo os assaltantes destruído todos os documentos encontrados. Foram ainda destruídos durante esta «caçada» reaccionária, o escritório do advogado Lino Lima e o consultório dentário do sr. Miguel Cruz.

OS ACONTECIMENTOS DE AVEIRO — UM DESMENTIDO DO GOVERNO CIVIL

PORTO, 3 — O Governo Civil de Aveiro acaba de distribuir o seguinte comunicado acerca da nomeação da Comissão Administrativa de Estarreja:

«Tendo chegado ao conhecimento do governador civil do distrito de Aveiro que no concelho de Estarreja está a ser distribuído um documento no qual se refere que «em reunião efectuada no Destacamento Militar de Aveiro na tarde do dia 24 de Julho foi encarregada a comissão de 21 indivíduos, 3 por freguesia, de promover reuniões populares nas 7 freguesias do concelho

de Estarreja, para que seja eleita uma comissão administrativa para a Câmara Municipal, escolhida pela vontade do povo, para substituir a que se demitiu por não corresponder à vontade do povo», esclarece-se o seguinte:

1 — Na reunião havida no Destacamento Militar de Aveiro e que contou com a presença do governador civil, comandante do Destacamento e outros oficiais, o presidente da Comissão Administrativa demissionária e um grupo de habitantes do concelho de Estarreja, foi referido que o Governo, enquanto não for promulga-

da legislação que regularmente as eleições para as autarquias de forma alguma se demitirá do direito de designar comissões administrativas para as câmaras municipais, 2 — Ficou, porém, assente que para a nomeação da nova comissão administrativa de Estarreja seriam ouvidos, para além dos representantes das forças políticas locais, as comissões administrativas das juntas de freguesia e as comissões de moradores onde as houvesse ou as que entretanto se formassem. 3 — Nessa reunião foi ainda sugerido que se aproveitasse o interesse suscitado à

volta da nomeação da comissão administrativa para que se incentivasse o aparecimento de comissões de moradores, de base unitária, em todas as localidades, de forma a permitir aos munícipes interessados a sua participação na resolução de um problema que a eles diz respeito. 4 — Carecem assim de legitimidade as anunciadas «assembleias populares» com o objectivo que lhes foi predeterminado, pelo que desde já se declara que não se reconhece qualquer validade às deliberações que no sentido anunciado forem tomadas.»

Intersindical do Porto

FORÇAS FASCISTAS CONTRA OS SINDICATOS

«As forças fascistas começam a lançar os seus olhares assassinos contra os sindicatos, pagos pelos trabalhadores e contra os dirigentes sindicais que agem em defesa dos interesses da classe trabalhadora.

A condução da luta contra a democracia está agora nas mãos das forças fascistas — na realidade as forças fascistas assumiram já a orientação das investidas contra as liberdades», afirma num comunicado a União dos Sindicatos do Porto — Intersindical.

ASSALTADAS SEDES DO M.D.P. E DO P.C.P.

POVOA DE LANHOSO, 4 — Algumas centenas de pessoas reuniram-se ontem à tarde no Largo Engenheiro Armando Rodrigues desta vila e manifestaram o propósito de assaltar as sedes do M. D. P. e do P. C. P. Convocados pelo comandante do posto da G. N. R. local, deslocaram-se à vila um destacamento da G. N. R. de Braga e alguns soldados do R. I. 8 dessa cidade que iniciaram o diálogo com os manifestantes tentando chamá-los à razão e impedi-los de levar avante

o seu propósito. Dado o estado de exaltação em que os manifestantes se encontravam não foi, porém, possível evitar que graves desmandos viessem a ter lugar pouco depois quando a multidão se lançou ao assalto das sedes do M. D. P./C. D. E. e do P. C. P. destruindo os móveis e todos os documentos que encontraram. Mais tarde chegou uma força de cavalaria do Porto que se encontrou perante um facto consumado. Não houve vítimas ou feridos a lamentar.

Sublinhando o facto da reacção virar agora os seus ataques contra o movimento sindical, a União dos Sindicatos do Norte exemplifica: «O assalto à União dos Sindicatos de Aveiro; o assalto ao Sindicato dos Metalúrgicos de Agueda; a perseguição a dirigentes e delegados sindicais em Minda; o cerco de características nazis aos dirigentes sindicais têxteis em Ofir; as ameaças de assalto a sindicatos, especialmente àqueles onde os trabalhadores se têm mostrado mais dinâmicos na luta pelo socialismo; as ameaças a dirigentes sindicais, com vista à criação de um clima de terror; os espancamentos a delegados sindicais e a trabalhadores mais activos na luta contra o capitalismo de que o exemplo vivo é o assalto à delegação do jornal «República»; as tentativas de

expulsão das suas actividades de trabalhadores progressistas, retomando os métodos pidescos de perseguição, etc.»

Apelando, nesta nova investida da reacção, para a unidade do povo com o M. F. A., termina o comunicado: «A defesa do que conquistámos com o 25 de Abril, a sua consolidação, são objectivos prioritários no momento actual. Para isso, nós trabalhadores, temos que nos unir firmemente na defesa dos nossos interesses de classe pondo de lado os motivos de discórdia, aticados pelos que nos tentam dividir. É necessária a repressão enérgica a todos os fascistas e reaccionários, ou seja, a todos os que antes do 25 de Abril reprimiam, torturavam ou exploravam o povo e que agora sonham fazê-lo outra vez. É preciso com decisão cortar a cabeça à reacção. Só assim evitaremos o seu avanço.»

Nacional

ÁLVARO CUNHAL EM ÉVORA:

"A REACÇÃO JÁ MOSTRA A CARA"

Cerca de três mil pessoas, correspondendo ao apelo do Partido Comunista manifestaram, no sábado, em Évora junto ao templo de Diana, o seu protesto contra o avanço da reacção encorajado por aqueles que apostaram na explosão de uma crise política no País. Viam-se cartazes empunhados por trabalhadores rurais exigindo a imediata prisão dos conspiradores. De Reguengos, Portel Escoural e outras aldeias do distrito de Évora vieram grupos de camponeses gritar bem alto que não estão dispostos a deixar passar o fascismo encapotado ou de cara destapada.

Na tribuna montada sobre as ruínas romanas destacam-se algumas figuras do Comité Central do P.C.P. como António Gervásio, Dinis Miranda, e Francisco Miguel e José Pedro Soares. O M.F.A. tinha também uma representação na pessoa do capitão Andrade e Silva que proferiu algumas palavras acentuando que a revolução atravessava uma hora difícil «para a qual a militância revolucionária teria de dar o seu contributo». Já quase no final do comício, chegou Álvaro Cunhal, que antes de fazer uma análise política da situação saudou os trabalhadores alentejanos, a classe operária, os soldados, os sargentos, e os oficiais progressistas que se encontram ao lado do povo, os partidos aliados e aqueles que neste momento difícil da revolução portuguesa se empenham em a defender.

Álvaro Cunhal afirmou: «Durante alguns meses a reacção pôs a máscara democrática es-

condendo-se atrás de partidos que diziam ser pela revolução. Agora já mostra a cara. Os agrários alentejanos organizam-se e pagam a bandos de mercenários as acções contra-revolucionárias. A questão não está em descobrir quem eles são, mas sim em impedir as suas atitudes criminosas... Depois de 25 de Abril as forças políticas de esquerda quase que esqueceram os fascistas e eles agora levantam a cabeça». O secretário-geral do P.C.P. salientou ainda a necessidade de unir todas as forças de esquerda para «pôr fim ao espectáculo degradante da escalada de violência» dizendo que a condescendência em nada contribui para resolver os problemas.

Numa outra passagem do seu discurso Álvaro Cunhal, ao comentar atentado à bomba de que foi vítima Dinis Miranda, seu camarada de luta, declarou: «Não será a morte de um comunista que vai travar a marcha da revolução pois por cada comunista caído dez se levantarão para ocupar o seu lugar. Os comunistas continuam prontos a todos os sacrifícios para assegurar o socialismo em Portugal. O proletariado rural alentejano vencerá as dificuldades que se opõem à Reforma Agrária». A assistência, onde se sentiam os nervos à flor da pele, a dureza determinada das posições assumidas e uma emoção contagiante gritava «Fascista recua, o povo está na rua». O porta voz do P.C.P. terminou a sua intervenção afirmando que os comunistas, em todas as juntas (escolas, campos, fábricas,

portos e bairros) estão prontos a unirem-se a socialistas, católicos, portugueses com o fim de defenderem as liberdades ameaçadas: «Apelo a todos os trabalhadores antifascistas, para esmagarem, unidos aos comunistas, os bandos de fascistas que de Norte a Sul vêm desenvolvendo actos de provocação».

Ao longo do comício foram apresentadas moções que o público aprovou por aclamação. Assim os estudantes da U.E.C. e jovens trabalhadores da Sorefame ali presentes, e que se deslocaram de Vendas Novas onde se encontravam na Cooperativa Sol Nascente numa jornada de trabalho voluntário, neste fim de semana, exigiram medidas firmes contra a onda de violência.

Falou também Manuel Vicente, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais que, sem qualquer papel à sua frente, taceu algumas considerações sobre o tema central daquele comício-manifestação: a urgente necessidade de parar com os passos já, de certo modo usados já de certo modo usados, do fascismo:

«A reacção tenta abafar a luta dos trabalhadores. Está visto qual é a meta final mas não podem pensar que têm a corrida ganha. Dizem que isto é uma luta de partidos. Não. Isto é uma luta de classes. Se a defesa da revolução exige pegar em armas o povo alentejano estará nas primeiras linhas». António Gervásio traçou um quadro da escalada da reacção e esboçou nas últimas semanas salientando que é preciso uma resistência mais

firme da classe operária e dos trabalhadores. A derrota da reacção exige uma mobilização durante 24 horas por dia. «Os comunistas são ameaçados de serem cortados às postas, afastados das comissões liquidatárias, autarquias, grêmios...». O orador é interrompido pelos manifestantes que gritam: «Bochechas escura o povo está em luta». António Gervásio continua: «Assistimos ao lançamento de milhares de panfletos atacando o M.F.A. e os partidos progressistas. Dizem que Spínola estará em Portugal no mês de Agosto. Inventam-se os boatos mais infames e canalhas contra o P.C.P. que em algumas regiões do País foram para a clandestinidade. No Alentejo os latifundiários tentam assaltos, espingardeiam trabalhadores, agredem comunistas... Pedimos a prisão e julgamento dos terroristas. Os inimigos da revolução fomentam greves e provocam o desemprego para criar o caos caminho aberto para a contra-revolução».

A concentração terminou quando a noite rompia, dirigindo-se em manifestação para a praça do Giraldo. Depois de uma breve paragem em frente do Centro de Trabalho do Partido Comunista os manifestantes dispersaram ordeiramente.

Foi lida e aprovada no final do comício uma moção em que se pormenorizam os principais actos de violência cometidos contra militantes do P.C.P. da região, e em que se denunciam os fascistas considerados mais perigosos, de quem é exigida a prisão imediata.

CONSELHOS REVOLUCIONÁRIOS:

"AVIZINHA-SE CONFRONTO FINAL"

«Portugal, altamente dependente do imperialismo explorador, sem recursos naturais, sofre neste momento pressões e chantagens de toda a ordem do capitalismo estrangeiro, em estreito conluio com algumas forças políticas internas, que são os seus agentes no nosso País», sublinha um documento sobre a análise da situação económica, política e militar, apresentado no 2.º Congresso Nacional dos Conselhos Revolucionários cuja primeira parte dos trabalhos decorreram neste fim-de-semana nas instalações do Instituto Superior Técnico.

Promovido sob o tema da formação de organismos autónomos apartidários, conforme a proposta do Documento-Guia da Assembleia do M.F.A. sobre o Poder Popular, o documento refere ainda, no tocante ao aspecto económico, que se assiste, ultimamente, a um «descarado bloqueio económico do capitalismo estrangeiro ao nosso país, que atinge unidades de produção importante, como é o caso da Lisnave e Setenave, sem que se tomem medidas firmes para a sua resolução».

SANEAMENTO NO M.F.A.

No tocante à situação política o mesmo documento insiste na urgência de se pôr em prática «um projecto político que dê resposta imediata aos an-

seios mais imediatos dos explorados e oprimidos» e acentua que «as sucessivas crises políticas do após-25 de Abril têm servido para o proletariado clarificar melhor a situação política e recolher ensinamentos importantes para o confronto final que se avizinha».

Relativamente à situação militar o documento frisa que «as decisões tomadas pela Assembleia do M.F.A., sobre o Poder Popular são uma conquista das massas populares que aumentaram mais ainda as condições no seu seio». Sublinhando entretanto a necessidade de que sejam expurgados do seio do M.F.A. «todos os elementos conservadores e reacccionários» e de que «de imediato o M.F.A. se defina politicamente sem ambiguidades, o que determina a ruptura no seu seio, que não é a divisão das forças armadas».

Considerando que o desenvolvimento da crise actual coloca hoje as massas proletárias perante uma opção fundamental que é: ou a revolução ou a contra-revolução, o documento conclui: «Sabendo isso a reacção interna e o imperialismo internacional procuram o confronto imediato, sabendo que neste momento ele lhe é favorável confronto esse inevitável, que o proletariado procura adiar por não reunir forças, nem estar devidamente organizado».

Os trabalhos do congresso continuarão no próximo fim-de-semana.

TRABALHADORES AGRÍCOLAS DE BEJA

"PEGAR EM ARMAS"

No I Encontro dos Trabalhadores das Herdades Colectivas e das Cooperativas Agrícolas do Distrito de Beja, promovido ontem pelo P. C. P., nesta cidade, reuniram-se, algumas centenas de assalariados rurais e camponeses que têm vindo a actuar no sentido da concretização da Reforma Agrária. Sem demagogia, até porque as desconhecem esses trabalhadores que travam uma luta isenta de tréguas contra os latifundiários opressores, esses homens expuseram a situação das herdades ocupadas. Queixaram-se da falta de apoio económico, da escassez de máquinas agrícolas, dos entraves ao escoamento dos produtos colhidos da terra que cultivaram de ponta a ponta. Esses homens, muitos deles, passaram semanas e semanas sem receber um tostão, recusando os salários elevados oferecidos pelos grandes agrários, cujas manobras eles detectaram. Esses gigantes da Revolução, os trabalhadores alentejanos, não se curvaram por uns tostões. Preferiram viver apenas do subsídio de 500 escudos semanais, dado pelo sindicato que aceitar os ordenados dos fascistas que os querem dividir e esmagar.

Na mesa de uma sala da Escola Comercial e Industrial, onde decorreu o Encontro, estavam António Gervásio, do Comité Central; João Honrado, da Direcção Regional do Sul; representantes de 14 sindicatos; o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas, José Soeiro; o eng.º Júlio Martins, do Ministério do Trabalho e o primeiro-tenente Judas, do Conselho da Revolução. A sessão foi preenchida com uma primeira parte dedicada à análise da situação política e uma segunda em que se definiram as medidas a tomar para o avanço da Reforma Agrária extraídas das experiências dos trabalhadores das herdades colectivas.

António Gervásio, como já o tinha feito em Évora, alertou os trabalhadores para o momento político que estamos a viver em que as forças da direita, os «pésses» e os «pêpêdistas», conjuntamente com a reacção europeia, fazem todos os esforços para travar a Revolução. Aquele membro

do Comité Central do P. C. P. salientou:

«O V Governo Provisório vai ter uma guerra aberta da direita. A classe operária não deseja a social-democracia, mas sim construir o socialismo». No entanto, António Gervásio sabe perfeitamente (e afirmou-o) que infelizmente há alguns trabalhadores ainda não esclarecidos. E até focou certos casos que aconteceram no Norte do País em que homens de mãos calejadas gritavam em manifestações «Patrão amigo o trabalhador está contigo». Pelo contrário, o operário agrícola do Alentejo está na vanguarda da Revolução e «não anda a fazer reivindicações como certos operários, vêm-nos a trabalhar de noite e dia lutando para que haja mais trigo, mais cevada, mais milho...»

Os trabalhadores alentejanos estão dispostos a pegar em armas. Estas palavras soaram na sala pesadas como chumbo. São verdades que só se dizem uma vez. Nada daqui é palavreado. E se os fascis-

tas ouvissem a maneira como essas verdades se pronunciam talvez pensassem duas vezes antes de arrancarem com qualquer acção contra-revolucionária.

No distrito de Évora foram 100 herdades ocupadas pelos trabalhadores. Por isso os latifundiários levantam a grimpia. Em Beja, a Reforma Agrária acentua a sua marcha. Por enquanto já estão cerca de quarenta e tal propriedades sob o controlo daquelas que têm esse direito. Muitas mais se seguirão.

José Mota, da Direcção Regional do Sul, ao abordar o tema da «Unidade dos trabalhadores para fazer face à reacção», afirmou que algumas forças políticas queriam fazer uma Reforma Agrária tecnocrata, «escrevendo lá em cima num papelinho as linhas que iriam aplicar cá em baixo». E continuou: «Não é a parte reivindicativa que interessa neste momento. Isso pretendem eles, certos fascistas, que agora aparecem armados em bons oferecendo grandes ordenados e dantes pagavam salários de miséria».

José Mota, cujo aspecto de rural não engana ninguém, dirige sinceros elogios aos trabalhadores que passaram nas herdades 14 e 15 semanas sem receber. Aos que no seu posto de combate estavam a levar a Reforma Agrária para diante.

E afirma ainda: «Os actos heróicos do proletariado alentejano têm que pressionar os organismos estatais para que seja posto um banco ao serviço da agricultura. Dizem lá em cima que são precisos 30 milhões de contos para concreti-

zar a Reforma Agrária. Os trabalhadores precisam apenas de crédito como tinham os grandes agrários. Um hectare de trigo é alquevado, adubado e ceifado por 4 contos. Os senhores que estão nos gabinetes não sabem o que aconteceu cá em baixo. Venham ver. Mesmo os operários fazem reivindicações irrealistas. Ganham bons ordenados e não se lembram dos trabalhadores agrícolas que, às vezes, não recebem nada. Muitos técnicos do nosso país foram formados com o dinheiro do povo, com o sangue daqueles que produzem. É preciso que se coloquem ao lado dos trabalhadores. Queremos técnicos revolucionários ombreando com este povo que passou tanta fome... É preciso que os técnicos deixem de lado os seus privilégios e façam também sacrificios. Apelo para esses homens que sempre foram de uma classe privilegiada que...»

José Mota falou com a voz estrangulada e sentimos que o silêncio iria ser rompido com os mais calorosos aplausos. Naquela sala toda a gente funcionava na mesma onda. Os aplausos contidos irromperam, juntamente com o grito: **UNIDADE SIM, FALSIDADE NÃO**. Grito espontâneo como tudo o que sucedeu nesta reunião de trabalhadores alentejanos.

«O meu nome é José Maria Guerreiro. Sou delegado sindical de Ferreira do Alentejo. Venho contar as nossas dificuldades na Herdade do Sobrado...» O trabalhador relata os momentos de hesitação de alguns camaradas antes da ocupação.

E depois a decisão que se seguiu:

«Que vamos nós fazer? Os camaradas do Outeiro ocuparam uma herdade. Porque não fazemos o mesmo? Não somos menos do que eles».

Guerreiro lamentou que ainda houvesse alguns trabalhadores ao serviço do capital e traçou um quadro daquilo que já fizeram ele e outros no Sobrado.

«O trigo está preparado para entrar nos celeiros. Ninguém nos poderá deter na marcha da Reforma Agrária. Se eles, os fascistas, têm armas, nós também as temos. Se eles quiserem avançar que o façam, pois não temos medo. Chamam-nos gatunos... Que chamará a gente a esses malandros que nos roubaram durante 48 anos?»

Sobre a Herdade dos Machados falou Bento Guerreiro. Afirmou que a comissão de trabalhadores devia «estar mais desenvolvida e vir participar nas reuniões». Quanto à produção não há nenhum problema.

«Devemos ter cevada a 17 sementes e trigo a 22. Lutamos, porém, com falta de máquinas».

Aquele trabalhador pediu aos seus camaradas de outras herdades para se unirem e procederem ao intercâmbio de máquinas e produtos. Uma intervenção para melhor se defenderem.

Jacinto Lanita, trabalhador da Herdade Colectiva da Insula, que foi ocupada depois de terem chegado à conclusão de que o patrão fazia sabotagem económica.

«Temos dificuldade em arranjar máquinas. Metade do trigo está por ceifar. Trabalhamos até altas horas da noite. Recebemos um abono do sindicato. Na propriedade há 1200 cabeças de gado, em condições de ser abatido. Os chibos morrem de fome. Precisamos de escoar o gado».

Todavia os trabalhadores encontram «travões» por todos os lados. Compram-se os produtos, mais caros, aos latifundiários e faz-se boicote aos produtos das herdades colectivas. Que é isto senão um ataque à Reforma Agrária?

«As cabeças de gado estão inscritas e não há ordem para as levantar».

Muitos factos semelhantes foram narrados pelos trabalhadores. Da Corte Condência, da Pinela, do Pato... Por exemplo, José Ganhão, da Herdade da Pinela, relatou, com humor, a sua experiência de ocupação.

«O sr. Francisco do Alvitto, o reideiro, que dizem ser boa pessoa, aproveitando-se da boa fé dos trabalhadores levou tudo o que havia na Herdade. Não deixou nem um borrego nem uma galinha. Quanto a ferramentas nem uma forquilha lá encontramos. Mesmo que tivéssemos tendência para matar algum fascista não tínhamos com quê. Eu podia estar a ganhar 250 escudos por dia. Mas prefiro receber os 500 semanais do sindicato e ir para a frente com a Reforma Agrária...» E terminou com vivas ao Primeiro-Ministro, ao Otelo Saraiva de Carvalho, «que talvez tivesse trazido algumas ideias de Cuba» e ao Partido Comunista Português.

Nacional

MFA, VASCO, POVO



POVO, VASCO, MFA

Distrito da Guarda:

QUE INFORMAÇÃO?

Por ROGÉRIO RODRIGUES enviado especial do «DL»

O distrito da Guarda tem um posto emissor, a Rádio Altitude, três jornais, os semanários «Guarda», o «Amigo da Verdade» e «Alta Cidade» (quinzenal), com sede na cidade. Espalhadas pelo distrito, publicam-se 30 a 40 folhas de paróquia.

A excepção da actual Rádio Altitude, toda a imprensa do distrito pode ser considerada conservadora.

Aliás o oficial Santa Clara Gomes deslocou-se há tempos expressamente à Guarda para se reunir com os representantes das várias folhas paroquiais e expor o que pretendia que a imprensa fosse e deixar bem claro o que ela não podia continuar a ser.

Não estaremos longe da verdade se considerarmos o «Amigo da Verdade» o ideólogo de quase toda a imprensa do distrito. Neste momento publica a entrevista concedida por Álvaro Cunhal a Oriana Falacci, à semelhança do que fez o «Templário» e «O Jornal do Caso República». Vive quase exclusivamente de assinaturas e tem grande implantação como todas as outras folhas paroquiais entre os emigrantes. No que respeita à imprensa nacional, os matutinos do Porto chegam à cidade às 11 horas, os matutinos de Lisboa entre as 15 e as 16 horas. Dos jornais da tarde, só dois se vendem no mesmo dia da sua edição, a partir das 20 horas: o «Diário de Lisboa» e o «Diário Popular».

RÁDIO ALTITUDE

A Rádio Altitude celebrou o seu 26.º aniversário na passa-

da semana. No ar, das 9 da manhã à meia-noite, a Rádio Altitude é captada de Castelo Branco a Bragança. De pequena potência, é desejado, já expresso pelos seus trabalhadores, de aumentar a sua capacidade de onda.

Inicialmente uma estação amadora, o «Altitude» está dependente da Direcção-Geral da Assistência já que faz parte integrante do sanatório Sousa Martins situado numa das saídas da cidade. Na ideia que fundamentou a sua criação, a Rádio Altitude tinha como funções específicas, a recuperação dos doentes. O posto emissor existia a par de oficinas para torneiros-mecânicos, oficinas de electricidade, cursos de relojoaria e finalmente teleescola. Os doentes do sanatório são e têm, na generalidade, originários das camadas mais desfavorecidas da população portuguesa. Por outro lado, na maioria dos casos, as profissões dos internados eram incompatíveis com a sua doença. A sua recuperação passa pela escolha e aprendizagem de um novo e mais leve ofício.

Entretanto, a Rádio Altitude foi-se tornando voz concordante «master voice» do regime de posto. Os doentes não eram grandemente motivados e os interesses individuais sobrepujavam-se ao projecto inicial.

Programas insistiam sobretudo nos discos pedidos, chamada de emigrantes e fonte de receita. O posto emissor transformara-se, de certa maneira, no ópio da região.

Com o «25 de Abril» modificaram-se as condições e re-



A Rádio Altitude cobre uma zona rural que vai de Bragança a Castelo Branco.

lações de trabalho. É eleita uma comissão de gestão. Redimensionada, a Rádio Altitude adquire uma nova vocação.

Como diz o dr. Baeta, presidente da comissão de gestão, ex-M.E.S. e democrata de há muito, embora contestado por certas organizações políticas, a «Rádio Altitude não está ao serviço de nenhum partido. Está ao serviço do povo, da revolução e do M.F.A.».

Com um noticiário regional duas vezes por dia, a colaborar intimamente com a campanha de dinamização da Academia Militar, a luta prossegue, no entanto, na Rádio Altitude.

Ao momento, apenas quatro elementos são remunerados. Todos os outros (e são 30 os trabalhadores do posto emissor) abdicaram voluntariamente de qualquer remuneração.

Entretanto, está pendente, no Tribunal de Trabalho, um processo do funcionário também pertencente aos quadros regionais da Emissora Nacional. A instauração do processo prende-se a exigências salariais. Na sequência deste acontecimento, efectuou-se uma assembleia-geral de trabalhado-

res em que é deliberado, por unanimidade, o saneamento da Rádio Altitude daquele funcionário.

SITUAÇÃO DEFICITÁRIA

«Mesmo sem pagar ordenados, a situação da Rádio Altitude pode-se considerar deficitária» — declara o dr. Baeta que acrescenta estarem em nítida minoria os trabalhadores progressistas daquele emissor. Depois do «25 de Abril», a Rádio Altitude tem funcionado à base de deliberações da assembleia-geral dos trabalhadores. O presidente da comissão de gestão explica: «As assembleias gerais são os controladores efectivos de toda a actividade do Rádio Altitude».

Durante o 11 de Março, forças progressistas da cidade montaram piquetes permanentes ao posto. Os trabalhadores do sanatório onde o emissor está instalado exigiam para si, nessa altura, a responsabilidade dos piquetes de vigilância. «O que nos falta é gente nova» — lamenta-se o dr. Baeta.

Novo secretariado da Intersindical

“O FORTAL É O FORTA

Novo Secretariado da Intersindical Nacional. Eleito no Congresso dos Sindicatos, realizado nos dias 25, 26 e 27 de Julho passado, o actual Secretariado da Central Única dos Trabalhadores Portugueses propõe-se seguir o Plano de Orientação e Acção definido nesse Congresso.

«A nossa actividade», disseram os elementos que integram o Secretariado agora eleito, no acto de posse, ocorrido no sábado passado, «não será nem poderia ser diferente da preconizada pelo Plano de Orientação e Acção aprovado no Congresso dos Sindicatos».

Nesse Congresso, Vasco Gonçalves, Primeiro-Ministro do Governo Português, afirmou no discurso que proferiu no final da sessão de encerramento deste 1.º Congresso: «Vós amadureceis, dia-a-dia, a vossa consciência de classe. E é muito importante que tenhais consciência de classe, porque o fortalecimento da consciência de classe dos trabalhadores portugueses é o fortalecimento do patriotismo português».

Saudado com a palavra de ordem: «Força, força, companheiro Vasco! Nós seremos a muralha de aço!», Vasco Gonçalves discursou durante 70 minutos. Setenta minutos de palavras de unidade, de firmeza, só possíveis em quem está do lado dos trabalhadores.

CONSTRUIR E NÃO DESTRUIR

Vasco Gonçalves, que afirmou que a aprovação da unidade sindical constituiu «o primeiro golpe no capitalismo monopolista de Estado», não foi o único membro do M.F.A. que esteve no Congresso. Também o almirante Rosa Coutinho também o 1.º tenente Judas. Também o major Costa Martins, ministro do Trabalho.

Este último, entrevistado pelo jornal «Alavanca», diria: «Uma vez destruídos os latifúndios e os monopólios, julgo que é a altura de começar a construir e de parar com a destruição».

Num ponto importante dessa entrevista, Costa Martins ainda afirmou:

«Consideramos que os trabalhadores têm um papel muito importante a desempenhar neste momento, e so poderão desempenhar esse papel através de uma organização conveniente. Fundamentalmente esse papel baseia-se na reconstrução da economia nacional. A economia dependente, fundamentalmente, do fruto do esforço dos trabalhadores. Há que ver quais são neste momento as verdadeiras possibilidades do País, há que conter determinadas reivindicações irrealistas; por outro lado, há que elevar salários, que se apresentem bastante injustos e corrigir determinadas distorções existentes a nível salarial e mesmo de regalias dos trabalhadores. Isso só se pode processar atra-

ves de uma verdadeira consciencialização dos trabalhadores e de uma forma organizada, tendo em atenção, fundamentalmente, as necessidades primárias e principais dos trabalhadores mais desfavorecidos, devendo aqueles que têm uma condição de vida razoável e aceitável abdicar de regalias que ultrapassam um determinado limite que não se ajuste, neste momento, às possibilidades económicas do País. Julgo que deverão ser tomadas determinadas medidas moralizadoras, no sentido de podermos ir buscar aqueles que têm por excesso para distribuir pelos que vivem pior. Dentro do seio dos próprios trabalhadores deve haver essa consciência de justiça social, o que nem sempre tem acontecido. Se atendermos a que mais de 50 por cento dos trabalhadores têm salários muito próximos do salário mínimo nacional, e que há outros indivíduos a ganhar 12, 15 e 18, 20 contos e mais, há que ter em atenção essas distorções, não permitindo que elas aumentem e procurar, tanto quanto possível, corrigi-las. Trabalhadores e entidades responsáveis terão que orientar a sua actuação no sentido de uma verdadeira justiça social.»

SAUDAMOS OS TRABALHADORES PORTUGUESES

Na tomada de posse dos novos elementos do Secretariado da Central Única dos Trabalhadores Portugueses, um dos empossados, em nome de todos os outros, pronunciou o seguinte discurso:

«Em nome do Secretariado que haveis acabado de empossar saúdo em primeiro lugar os trabalhadores portugueses a quem asseguro a nossa determinação de dedicarmos à defesa dos seus direitos todas as nossas capacidades.

«Em segundo lugar presto homenagem aos camaradas que, quer nos tempos difíceis do fascismo, quer depois do 25 de Abril, permitiram, pela sua dedicação total à causa das classes trabalhadoras, que haja um Movimento Sindical Português, unitário, independente, democrático e de massas.

«Camaradas: «A nossa actividade não será nem poderia ser diferente da preconizada pelo Plano de Orientação e Acção aprovado no Congresso dos Sindicatos.

Ele mostra a necessidade da aliança da classe operária com outras classes interessadas no processo revolucionário, evitando o perigo fatal do seu isolamento; aponta as necessidades imediatas das massas trabalhadoras, cuja satisfação não só é possível como é essencial para a sua identificação com a revolução; aponta as tarefas de organização e reestruturação a levar a cabo pelos Sindicatos por forma a reforçar a sua capacidade de intervenção na vida nacional, como órgãos dinamizadores do poder popular, evidenciando a urgência na

Sindicato dos Trabalhadores da Indústria e Comércio Farmacêuticos COMUNICADO

Camaradas,

Ao abrigo do artigo 91 dos Estatutos do nosso Sindicato foi aceite pela Mesa Provisória da Assembleia Geral um documento subscrito por vários sócios, no qual se recorre do acto eleitoral.

Este recurso baseia-se em várias irregularidades que foram verificadas pelos representantes das listas A e B e pelo Presidente da Mesa Provisória da Assembleia Geral. Em consequência de serem considerados procedentes e provados os factos invocados no pedido de impugnação a Mesa Provisória da Assembleia Geral declarou anulado o acto eleitoral efectuado no dia 26 de Julho de 1975.

Neste sentido são totalmente infundadas e abusivas as notícias postas a circular, inclusivamente através de órgãos de informação pública, quanto a uma pretensa tomada de posse de nova direcção.

O Presidente da Mesa Provisória da Assembleia Geral
Manuel dos Santos Gama

“O NASCIMENTO DA CONSCIÊNCIA DE CLASSE E O NASCIMENTO DO PATRIOTISMO”

verticalização sindical como factor essencial ao controlo económico pelos trabalhadores; e afirma, claramente, que o objectivo máximo da luta dos trabalhadores é a sociedade Socialista, definindo as tarefas imediatas que tornarão possível alcançar esse objectivo: Batalha da Produção, Controlo da Produção, a Unidade dos trabalhadores.

«Assumimos a Direcção do Movimento Sindical Português num momento particularmente grave da revolução portuguesa».

«Os fascistas aparecem nos últimos dias organizados em acções terroristas, aproveitando a cumplicidade daqueles que tudo têm tentado para dividir os trabalhadores e o forte apoio externo das forças do imperialismo internacional, numa tentativa desesperada de fazer retroceder o processo revolucionário».

«Os trabalhadores estão profundamente interessados na criação das condições para uma sociedade nova que abra a via ao socialismo, e, nesse sentido, estão dispostos a dar contribuição activa e responsável assumindo a plenitude das funções que lhe caibam na defesa da revolução».

Para isso dispõem da sua unidade, da aliança com o M.F.A., do apoio das forças políticas democráticas e revolucionárias e ainda da solidariedade militante e da classe dos trabalhadores do Mundo.

«A luta continua, e o novo secretariado da Intersindical tem a obrigação de estar na primeira linha dessa luta».

«Cumpriremos o nosso dever».

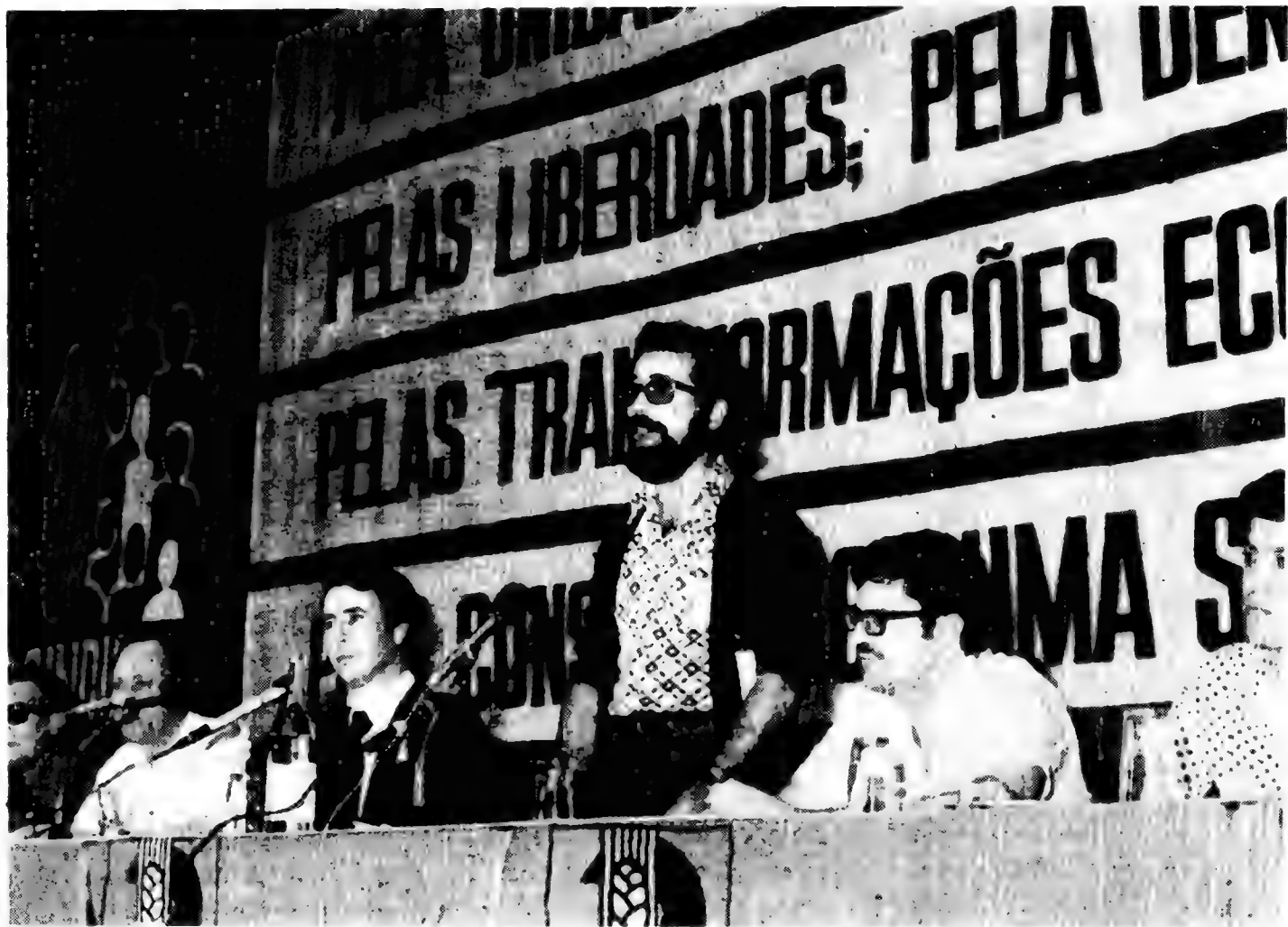
QUEM SÃO OS MEMBROS DO NOVO SECRETARIADO

ADÉRITO DO NASCIMENTO CATALÃO

Tem 38 anos de idade.
Activista sindical, fez parte em 1964 da Comissão Pró-Sindicato que iniciou a luta para expulsar a Direcção fascista primeiro e a Comissão Administrativa que a substituiu, depois.
Foi eleito para a direcção do Sindicato em 1973, lista arbitrariamente cortada pelo regime fascista.
Foi eleito em 1974 para a Direcção do Sindicato dos Rodoviários de Lisboa.
Milita na actividade da Intersindical desde 1970.

ÁLVARO FERNANDES RANA

Tem 42 anos de idade.
Activista Sindical, fez parte em 1968 numa Comissão representativa do sector de Propaganda Médica que iniciou a sua luta contra a Comissão Administrativa fascista que dominava o Sindicato. Na sequência desta luta registar-se-ia a expulsão da Comissão Administrativa e a prisão, por roubo, do indivíduo que a presidia.
Foi eleito em 1969 da Comissão dos sectores socioprofissionais que apoiavam a candidatura da C.D.E. de Lisboa.
Foi eleito em 1972 para os corpos gerentes do Sindicato onde veio a ocupar o cargo de Presidente da Direcção que manteve depois do



Manuel Lopes, do Secretariado cessante, no uso da palavra, durante uma sessão do Congresso dos Sindicatos

25 de Abril.

Foi eleito em 1972/73, do grupo de trabalhadores que desencadearam a luta na empresa italiana Lepetit, donde viriam a ser expulsos os directores Italianos e alguns dos seus laiaos portugueses.

Milita na actividade da Intersindical desde a sua formação.

É membro do Secretariado da Intersindical desde a sua constituição em 1973.

É o responsável pelo Departamento de Relações Internacionais da Intersindical.

Foi eleito pelo Plenário da Intersindical de 17 de Maio de 1975 para representar os trabalhadores portugueses na Sexagésima Sessão da Conferência Internacional do Trabalho (O.I.T.).

ÂNGELO DE PINTO PEREIRA

Tem 33 anos de idade.
Activista Sindical desde 1962, quando se integrou na luta pela formação do Sindicato de Desenhadores o que não foi possível concretizar então devido à repressão fascista.

Tomou parte em 1969 nas lutas para derrubar a direcção fascista do Sindicato dos Metalúrgicos do Porto. No seguimento da vitória, foi eleito em Junho de 1970 a lista da confiança da classe.

Foi preso pela P.D.F. em Abril de 1972, altura em que desempenhava o cargo de secretário da Direcção do Sindicato.

Foi eleito novamente em 1973, passando a desempenhar o cargo de Presidente da Direcção do Sindicato dos Metalúrgicos do Porto, cargo que ocupa actualmente.

Colaborou activamente nas greves de 1973, especialmente no norte do País.

Milita na actividade da Intersindical desde a sua formação.

Foi eleito do Secretariado da Intersindical desde a sua constituição até ao 25 de Abril tendo a partir de então, concentrado a actividade no Sindicato e na Federação.

Foi eleito Presidente do Conselho Geral da Federação dos Metalúrgicos, em cuja constituição participou.

ANTERO MARTINS PINTO GUIMARÃES

Tem 30 anos de idade.
Activista sindical desde 1963, ano em que começou a participar na luta por melhores condições de vida e de trabalho dos Bancários.

Participou nas lutas de 1965 para a diminuição do horário de trabalho e contra a exploração capitalista.

Participou na campanha eleitoral em 1968, para os Corpos Gerentes do Sindicato e foi posteriormente designado pela Direcção para substituir um dos elementos da lista então cortados pelo Governo fascista.

Participou nas bases socioprofissionais da C.D.E. em 1969.

Foi eleito dirigente do Sindicato em Janeiro de 1971, permanecendo em funções até Junho do mesmo ano, data em que o Governo fascista impôs uma Comissão Administrativa no Sindicato.

Participou na luta contra a Comissão Administrativa e foi novamente eleito dirigente do Sindicato em Junho de 1972.

Milita na actividade da Intersindical desde a sua formação.

É membro do Secretariado desde a sua constituição em 1973.

É o responsável pela coordenação do Secretariado.

Foi eleito para representar os trabalhadores portugueses na Conferência da O.I.T. em 1974.

ANTÓNIO DOS SANTOS ALBERTO ANDRADE

Tem 32 anos de idade.
É activista sindical desde 1968.
Perseguido pela Pide em 1971, teve de sair de Portugal, emigrando para França.

Militou activamente na C.G.T., colaborando no jornal «O Trabalhador».

Regressou a Portugal depois do 25 de Abril, empregando-se em Agosto na C.P.

Foi eleito em Assembleia Geral em Setembro de 1974 membro da Direcção do Sindicato dos Ferroviários do Sul.

Foi eleito em Junho de 1975 para a Direcção do Sindicato.

É membro do Secretariado da Intersindical desde Junho de 1975.

ANTÓNIO ROSAS

Tem 36 anos de idade.
Activista sindical desde 1969, foi eleito em 1970 Secretário da Assembleia Geral do Sindicato dos Lanifícios.

Foi eleito em 1974 segundo-Secretário da Direcção do Sindicato dos Têxteis de Lisboa e Lanifícios e Vestuário do Sul.

Milita na actividade da Intersindical desde a sua formação.

É membro do Secretariado da Intersindical desde 1974.

BEATRIZ SANTANA MATOS DIOGO

Tem 42 anos de idade.
Participou desde 1955 nas lutas e greves desencadeadas na empresa (Intar).

Eleita em 1970 para a Direcção do Sindicato, não tomou posse, por o seu nome ter sido cortado.

Foi eleita em Assembleia Geralizada depois do 25 de Abril para a Comissão «Ad-hoc» do Sindicato.

Foi eleita para a Direcção do Sindicato da Indústria e Tabacos, de que é actualmente Presidente.

É delegada do Sindicato à Intersindical.

Representou a Intersindical no «Simposium» da Mulher Trabalhadora da Indústria Alimentar Tabaqueira em Abril de 1973.

Foi parte da delegação dos trabalhadores portugueses Sexagésima Conferência da O.I.T.

CARLOS ANTÓNIO DE CARVALHO

Tem 26 anos de idade.
Activista sindical, também tem participado nos últimos anos em actividades culturais e políticas.

JOSÉ ANTÓNIO DE MATOS ALVES

Tem 30 anos de idade.
Activista Sindical desde muito novo participou na condução das lutas dos trabalhadores da empresa J. Pimenta, onde trabalhou há 5 anos.

Foi eleito para a Comissão «Ad-hoc» do Sindicato em Dezembro de 1974.

Foi eleito em Janeiro de 1975 para a Direcção do Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil do Distrito de Lisboa, onde ocupa o lugar de Presidente

JOSÉ LUIS JUDAS

Tem 32 anos de idade.
Activista Sindical desde 1970.

Foi candidato às eleições para a Direcção do Sindicato dos Trabalhadores de Escritório em 1972, lista que o Ministério fascista das Corporações impugnou.

Foi parte do grupo de trabalhadores que se bateu contra a direcção fascista do Sindicato, expulsos em 27 de Abril de 1974.

Foi eleito para a Direcção do Sindicato dos Trabalhadores de Escritório de Lisboa.

É membro do Secretariado da Intersindical desde Outubro de 1974.

É responsável pelo jornal «ALAVANCA», órgão da Intersindical.

MANUEL GODINHO TAGARROSO

Tem 39 anos de idade.
Participou desde os dezoito anos de idade nas lutas dos trabalhadores agrícolas alentejanos.

Colaborou activamente na greve de 1954 por melhores salários e pela conquista das oito horas de trabalho.

Foi nomeado pela população de Pias, onde reside, para a Comissão Administrativa da Casa do Povo da freguesia logo a seguir ao 25 de Abril.

Participou na formação do Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas.

Foi eleito Presidente da Direcção do Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas de Beja.

MANUEL TEIXEIRA DE FREITAS

Tem 26 anos de idade.

Pertenceu ao MOJAF até este ser encerrado pela Pide.

Foi eleito após o 25 de Abril da Comissão Directiva do Sindicato Têxtil do Porto.

É actualmente Presidente da Assembleia Geral do Sindicato.

Faz parte do Secretariado da União dos Sindicatos do Porto/Intersindical.

MARIA FILOMENA CARVALHO SANTOS

Tem 35 anos de idade.
Activista Sindical desde 1970, colaborou com a Direcção do Sindicato eleito para 1970/1972.

Foi eleita para a Direcção do Sindicato dos Caixeiros de Lisboa para o triénio 1973/1975.

Faz parte da Comissão Directiva da Federação Nacional dos Trabalhadores do Comércio.

Milita na actividade da Intersindical desde 1972.

É membro do Secretariado da União dos Sindicatos do Sul.

Como suplentes, foram eleitos os seguintes elementos: Alfredo Manuel Rodrigues Figueiredo Filipe (jornalista), Américo Nunes (trabalhador da Indústria Hoteleira), António Cavaca Calarão (operário Agrícola), Armando Artur Teixeira da Silva (membro da União dos Sindicatos do Porto), Carlos Manuel Lourenço Dias (bancário), membro da Comissão de Gestão do Inatel, em Coimbra), Álvaro António Branco (metalúrgico), João Maria Pacheco Gonçalves (presidente da direcção do Sindicato dos Escritórios do Porto), Juvêncio Ferreira Colaco (operário vidreiro), Maria Clara Botelho Carreiro da Costa (delegada do Sindicato dos Engenheiros Técnicos) e Viriato Manuel Pardo Ramos (operário mineiro).

JAIME MARQUES MACHADO

Tem 27 anos de idade.
Activista sindical, foi eleito secretário da assembleia geral do Sindicato dos Gráficos de Lisboa em Janeiro de 1975.

É actualmente delegado do Sindicato à Intersindical.

JOAQUIM MANUEL PIRES MOREIRA

Tem 27 anos de idade.
Participa desde muito novo nas lutas de empresa (Cometna) de que era delegado sindical.

Foi eleito, depois de luta desenvolvida para que as eleições se realizassem, para a direcção do Sindicato da Indústria Química de Lisboa, em 1975.

Estrangeiro

COMANDOS JAPONESES DETÊM SEIS REFÊNS NO CONSULADO AMERICANO EM KUALA LUMPUR

KUALA LUMPUR, 4 — (R) — Elementos armados do Exército Vermelho Japonês abriram o caminho a tiro até ao consulado dos Estados Unidos em Kuala Lumpur e fizeram reféns o cônsul Robert Stebbings, e três funcionários, segundo revelou um informador norte-americano.

Os assaltantes feriram a tiro um guarda do edifício antes de chegarem ao 9.º andar do bloco de escritórios, onde está instalado o consulado.

O informador norte-americano disse que os assaltantes estavam fortemente armados. «Exigem a libertação de sete elementos do Exército Vermelho presos no Japão».

Declarou ainda que os atacantes — as primeiras notícias diziam ser três — pediram que os presos partissem do Japão num avião comercial japonês.

«Foi estabelecida comunicação com os japoneses, contactos esses que estão a ser feitos pelas autoridades malaias» — prosseguiu o informador.

Revelou que o prédio de doze andares, onde a embaixada dos Estados Unidos tem um consulado no nono e instalações no sétimo, estava a ser evacuado, visto os atacantes ameaçarem lançar granadas de mão.

Um homem de negócios apanhado dentro do edifício, onde ficou retido, disse à Reuter pelo telefone de julgava que os japoneses ameaçaram matar a tiro os reféns se não fosse posto à sua disposição um helicóptero para os retirar do edifício por volta das 15.00 locais (08.30 de Lisboa).

Um dos assaltantes, com uma máscara e luvas brancas, achava-se junto a uma das janelas do nono andar e acenava com a pistola para a multidão.

Testemunhas oculares disseram que os guerrilheiros atiraram uma nota para a polícia que se encontrava em baixo.

O inspetor geral da polícia da Malásia, Haniff Omar, disse aos jornalistas para aguardarem um comunicado oficial.

Mais tarde, um informador oficial disse que o Governo malaio efectuará uma sessão de emergência, a partir das 14.30 locais, (08.30 de Lisboa).

Em Washington, o departamento de estado afirmou hoje que estava a fazer tudo o que podia para conseguir a libertação dos quatro reféns, incluindo o consul, identificado como sendo Robert Stebbings, de 42 anos.

O informador desse Departamento, Robert Funseth, recusou-se a revelar as medidas

que estavam a ser tomadas, mas acrescentou que os Estados Unidos «estavam a fazer tudo o que era possível para conseguir a libertação dos reféns».

Em Tóquio, a polícia recusou-se, por razões de segurança, a identificar os sete elementos presos do Exército Vermelho.

Sabe-se, porém, que a polícia tem presos dois terroristas japoneses deportados da Suécia, em Março.

Estão também a cumprir penas de cadeia no Japão cinco membros do Exército Vermelho Unido, um grupo terrorista ligado ao Exército Vermelho Japonês, que foram detidos após um cerco espectacular, em Fevereiro de 1972, a um centro de turismo japonês, durante o qual três guardas e a mulher de um oficial da polícia foram mortos a tiro.

A polícia japonesa comunicou hoje não dispor ainda de informações suficientes para identificar os homens que assaltaram o consulado norte-americano em Kuala Lumpur.

Crê-se geralmente que entre vinte a trinta e cinco membros do Exército Vermelho andam a monte no estrangeiro. Pensa-se que têm um campo de treino em Aden e esconderijos em Beirute e Bogotá.

Um informador da embaixada norte-americana em Kuala Lumpur afirmou hoje que 9 encarregados de negócios suecos Fredrik Bergenstrahl fora feito também refém.

AS EXIGÊNCIAS DO EXÉRCITO VERMELHO

Em Damasco, o Exército Vermelho Japonês tornou hoje conhecidas as suas exigências por intermédio de fontes desta capital.

Os guerrilheiros afirmaram que, «executariam» os reféns se o Japão não libertasse sete dos seus companheiros, a cumprir penas em penitenciárias japonesas. As autoridades japonesas tinham quatro horas para cumprirem a exigência.

Os sete presos a serem libertados e entregues ao Exército Vermelho foram identificados como sendo Kazuo Tohira, Jun Nishikawa, Kunio Bando, Hiro Hi Sakaguchi, Junichi Matsuu, Hisashi Matsuda e Norio Sakaki.

O Exército Vermelho pediu que as linhas aéreas japonesas fornecessem um avião CD-8, com um piloto, um co-piloto e um engenheiro de voo, para transportar «os nossos sete camaradas e os elementos de unidade da operação».

Disse que o avião deve ser abastecido de combustível antes de descolar da Malásia, mas não revelou para onde o DC-8 seguirá.

O Exército Vermelho afirmou que a sua «unidade de operação» apenas negociaria com as autoridades malaias, que «devem assumir a responsabilidade de levar as autoridades japonesas a acederem às nossas exigências».

Ameaçou que o consulado norte-americano iria pelos ares com os reféns dentro, se fosse feita qualquer tentativa para entrar no edifício.

«A resposta das autoridades japonesas deve ser apenas sim. Executaremos os reféns

em caso de não ser recebido uma resposta ou se a resposta for não» — asseverou o exército japonês.

Disse ainda que as autoridades malaias devem garantir a saída com segurança da unidade de operação da Malásia e dos sete presos, após chegarem de avião do Japão.

O informador norte-americano disse ainda em Kuala Lumpur que os guerrilheiros ocuparam a embaixada sueca, após se apoderarem do consulado dos Estados Unidos. Ambas as instalações se encontram no nono andar do edifício.

O informador, Reuben Monson, que conseguiu sair do prédio onde se encontra também a embaixada dos Estados Unidos, disse aos jornalistas que os guerrilheiros, ao entrarem no edifício, feriram a tiro um polícia e um guarda da noite, fazendo depois reféns os dois diplomatas e três funcionários do consulado norte-americano.

A última grande operação do Exército Vermelho foi um assalto à embaixada francesa em Haia, em 13 de Novembro último, quando três extremistas mantiveram como reféns onze pessoas, incluindo o embaixador. Mais tarde, libertaram os reféns, após seguirem de avião para a Síria com um companheiro, solto de uma penitenciária francesa, e 300 000 dólares em dinheiro de resgate.

O Exército Vermelho ocupou, pela primeira vez, os cabecinhos dos jornais em 1960, quando nove dos seus elementos assaltaram um avião comercial japonês e o desviaram para a Coreia do Norte, empregando na operação uma espada de Samurai.

Após essa operação, que terminou com os nove assaltantes

procurando asilo em Pyongyang, os guerrilheiros do Exército Vermelho desencadearam assaltos à mão armada, assaltos a bancos e atentados bombistas no Japão.

O seu ataque que causou maior indignação foi perpetrado por uma brigada suicida de três homens no aeroporto de Telaviv, em 30 de Maio de 1971. Em consequência dessa operação, perderam a vida 27 pessoas e quase 80 ficaram feridas.

O Exército Vermelho é também responsável pelo assalto e destruição de um jacto Jumbo das Linhas Aéreas japonesas em Benghazi, na Líbia, em Julho de 1973, e de um ataque contra uma refinaria de petróleo em Singapura, em Janeiro do ano passado.



Os quatro homens que vemos na primeira fila desta foto — Gregory Spandidis, Nikos Makarezo, George Papadopoulos e Stylianos Patakos — fizeram tremar a Grécia, depois de conjuntamente com 17 cúmplices terem derrubado em 1967 o regime democrático do seu país, instalando uma ditadura fascista. Acusados de crime de alta traição estão a ser julgados num tribunal de Atenas, onde esta foto foi tirada. No caso de serem considerados culpados poderão ser condenados à morte.

GOLPE PRÓ-FRANCÊS NAS COMORES

MORONI (COMORES), 4 — (R.) — Um grupo oposicionista que quer manter os laços com a França tomou o poder neste arquipélago do Oceano Índico num golpe de Estado sem efusão de sangue, quatro semanas depois de o Parlamento das ilhas ter proclamado unilateralmente a independência do território.

O dirigente do golpe, Ali Soilih, disse que o presidente deposto, Ahmed Abdallah, estava a levar o arquipélago para uma ruptura total com a França.

Soilih, que é um antigo mi-

nistro das Obras Públicas das Comores, acrescentou que o grupo que chefiava a Frente Nacional Unida, convocará uma assembleia de todos os partidos políticos para a elaboração da constituição.

Manifestando a esperança de que as futuras relações com a França sejam o mais estreitas possível, frisou: «Precisamos da França, dada a situação em que o presidente Abdallah colocou o Arquipélago das Comores».

Abdallah pediu na sexta-feira, à França que se retirasse das ilhas o mais depressa possível e teria dito às autoridades francesas que já não precisava de cooperação francesa.

Soilih relatou que cerca de cinquenta pessoas participaram na tomada do aquartelamento da Polícia em Moroni, a capital, enquanto o presidente Abdallah visitava outra ilha do arquipélago. Houve pouca resistência aos assaltantes, que estavam armados de carabinas, revólveres e facas, não se tendo registado feridos.

Os gendarmes franceses ainda estacionados na Grande Comore permaneceram no seu quartel e Moroni estava calma depois do golpe, embora tivesse sido imposto o recolher obrigatório durante a noite.

A declaração da independência em 6 de Julho impediu a ratificação pela Assembleia Nacional francesa dum referendo que teria permitido que uma das quatro ilhas, a Mayotte, permanecesse francesa.

Na Mayotte 68 por cento da população votou a favor da continuação da soberania francesa e reagiu adversamente à proclamação da independência.

Na sexta-feira, manifestantes pró-franceses protestaram contra o facto de as outras três ilhas arrastarem a Mayotte para a independência e teriam expulso dos seus postos as autoridades locais do novo Estado independente.

Soilih espera conferenciar em breve com Marcel Henri, dirigente do Movimento Mahorais (da Mayotte), com vista a solucionar o problema.

«É um amigo meu e estou convencido de que tudo correrá bem» — sublinhou.

Quanto a Abdallah, declarou que não será tomada qualquer acção contra ele. «Poderá voltar a tornar-se importante, mas em todo o caso deixá-lo-emos em liberdade» — frisou.

Os franceses serão bem-vindos nas Comores desde que respeitem a «nossa autenticidade e a unidade do arquipélago» — acrescentou.

Caleidoscópio

LIBERTAÇÃO DO PANAMÁ

ILHA CONTADORA (PANAMÁ), 4 — (R) — O dirigente panamiano Omar Torrijos prometeu que o controlo dos Estados Unidos sobre a gestão e defesa do Canal do Panamá terminaria dentro de três anos. O general Torrijos declarou a noite passada numa conferência de imprensa nesta ilha do Pacífico, ao largo da costa panamiana que, dentro desse prazo, desapareceriam dez das catorze bases militares norte-americanas na zona do canal.

INDIRA GANDHI

NOVA DELHI, 4 — (R) — O Governo indiano apresentou hoje no parlamento legislação que absolverá automaticamente a sr.ª Indira Gandhi, primeiro-ministro, que foi considerada culpada de abusos eleitorais por um magistrado de um tribunal superior.

GUERRILHAS NO UGANDA

KAMPALA, 4 — (ANI) — Uma organização secreta destinada a derrubar o presidente Idi Amim começou recentemente a operar no Uganda. As guerrilhas, pertencentes ao Movimento de Libertação do

Uganda, começaram a actuar no país através da colocação de uma série de engenhos explosivos na capital, com o objectivo de sobressaltar os serviços de segurança da conferência cimeira da Organização da Unidade Africana, que recentemente se realizou na capital ugandesa.

FIM-DE-SEMANA TRÁGICO

SEUL, 4 — (ANI) — Setenta e três pessoas morreram na Coreia do Sul no fim-de-semana em acidentes nas praias e rios (62 afogadas) ou nas estradas (11).

Takeo Miki nos E.U.A.

WASHINGTON, 4 — (R) — O primeiro-ministro japonês, Takeo Miki, chegou a Washington a noite passada para uma visita de três dias, durante a qual terá conversações com o presidente Ford.

Arranjos de segurança entre o Japão e os Estados Unidos, assim como a segurança na península coreana deverão dominar, as conversações que Miki terá com Ford e com o secretário de Estado Henry Kissinger, o qual regressará da Europa amanhã.

Cronologia do golpe

São os seguintes os acontecimentos mais importantes que levaram ao golpe de Estado efectuado hoje por um grupo que deseja laços mais estreitos entre as Comores e a França:

— 22 de Dezembro de 1974 — uma grande maioria do eleitorado comoriano vota num referendo pela independência do arquipélago, mas 64 por cento da população da ilha Mayotte pronuncia-se a favor da continuação da soberania francesa.

— 30 de Junho de 1975 — o Parlamento francês apoia a ideia de uma comis-

são para a elaboração de uma constituição que seria adoptada por cada uma das quatro ilhas do arquipélago. O chefe do Governo das Comores, Ahmed Abdallah, repudia a proposta como «inaceitável e inaplicável».

— 6 de Julho — declaração unilateral da independência pela assembleia do território. Os deputados da Mayotte denunciam a declaração.

— 8 de Julho — Abdallah é feito presidente do arquipélago.

— 3 de Agosto — um golpe de Estado derruba o Governo de Abdallah.



Em LAGOA o DIÁRIO DE LISBOA vende-se no CAFÉ CENTRAL

A CRISE DA SOCIEDADE FRANCESA E DO MUNDO CAPITALISTA

Continuação da pág. 3

a união das forças organizadas dos trabalhadores.

O exemplo dos países socialistas, sem crise e possuidores de meios capazes de vencer alguns dos seus efeitos, inevitáveis devido ao desenvolvimento dos câmbios internacionais, mostra claramente que a crise não é fatal. A austeridade também não é quando tantas riquezas são produzidas e quando as técnicas oferecem tantas possibilidades. Com a crise do capitalismo monopolista do Estado, o que está em causa é o domínio dos grandes grupos capitalistas em toda a sociedade e o auxílio que lhes é dado pelo Estado.

Explica-se assim a política de Giscard, que agrava todos os traços negativos da política dos seus predecessores. Ela constitui uma agressão muito grande contra os trabalhadores assalariados, os camponeses, os intelectuais e as camadas médias: uma taxa de inflação de mais de 10 por cento, mais de um milhão e setecentos mil desempregados totais ou parciais; uma queda brutal do poder de compra; uma recessão sem precedentes desde 1945. Em todos os domínios, essa política aprofunda a regressão social e compromete o futuro técnico e industrial do país.

Sob o véu muito suave da reforma, aquilo que Giscard ousa chamar o seu «liberalismo avançado» é, de facto, o mais retrógrado dos estadismos, o autoritarismo mais reaccionário. Isto confirma a estreiteza da margem de manobra, a pequenez das bases sociais e, por fim, a fraqueza do poder na defensiva. E esta política aprofunda a crise. Mesmo que não seja de excluir uma modificação, ela seria passageira, e todas as dificuldades surgiriam de novo, a um nível mais elevado.

...

A crise é também a do mundo capitalista no seu conjunto. Por um lado, todos os países capitalistas sofrem os males da inflação, do desemprego, da produção mais lenta, da degradação da situação dos trabalhadores e dos povos submetidos ao domínio dos monopolistas. As perspectivas de recomeço da produção são adiadas em toda a parte. Mas, por outro lado, o conjunto das relações do mundo capitalista, foi atingido. Simultaneamente, os problemas monetários têm uma nova actividade, as perturbações financeiras multiplicam-se, os ataques comerciais entre os países imperialistas tornam-se cada vez mais violentos, de tal modo que no último período, o próprio comércio internacional dos países capitalistas diminui. A pilagem neocolonial revela os seus limites e abre falência. Tudo isto, quando no mundo a relação das forças à escala internacional se modifica a favor do progresso, da democracia e do socialismo.

A crise internacional é uma prova da superacumulação durável dos capitais, efectuada pelas sociedades multinacionais mantidas pelos Estados imperialistas. Assim, a crise internacional não é a simples justaposição de crises nacionais. Mas a crise em cada país capitalista e em especial em França, também não é a simples consequência da crise do imperialismo.

Por isso o aumento da solidariedade atlântica sob o domínio americano e alemão ocidental, a «supranacionalidade» europeia, não podem constituir qualquer solução para a crise. Tais atitudes têm por único

co objectivo reforçar o domínio e os malefícios das sociedades multinacionais, e jugular as lutas dos povos contra a crise.

...

A nossa análise mostra aos trabalhadores que não há solução para a crise, a não ser através de uma luta decidida contra o domínio monopolista em França. Essa é também a melhor contribuição do povo francês contra a crise internacional, através de um novo tipo de relações económicas internacionais, fundadas nos interesses mútuos dos povos. Longe de se oporem, a solidariedade anti-imperialista internacional e a luta antimonopolista nacional completam-se e ajudam-se mutuamente.

A crise não leva automaticamente à destruição do sistema. Também não pode sofrer consentos parciais, deixando intactas as estruturas políticas e económicas de base. A grandeza da crise, a sua dimensão histórica, excluem mais do que nunca fórmulas pouco duradouras de reconciliação a que a grande burguesia monopolista não renunciou, e que oferece às tentações das séries reformistas. Toda e qualquer visão catastrófica ou reformista da crise, não poderia explicá-la nem reduzi-la.

A crise também não abre forçosamente caminho a mudanças sociais importantes. Pelo contrário, ela torna necessário um combate de classe de amplitude irregular.

No fundo da crise nacional e internacional, que se torna cada vez menos tolerável, verifica-se o alargamento do descontentamento popular, o número e a aspreza dos conflitos que surgem por toda a parte, em todas as categorias sociais e em domínios de actividade estreitamente interdependentes, em especial nas empresas.

Os trabalhadores recusam-se a pagar a crise e lutam contra ela. Querem assim preservar as riquezas humanas e materiais nacionais e o potencial económico e social do país. Ao mesmo tempo põem cada vez mais directamente em causa a política do Poder e o próprio sistema.

Estes factos, juntos à total ligação do Estado ao patronato, conferem às lutas populares uma amplitude política sem precedentes. O Partido Comunista Francês está em todas as frentes ao lado dos trabalhadores.

Como dizia Georges Marchais ao concluir uma das suas últimas sessões do Comité Central: **Mais do que nunca, o que está na ordem do dia é a acção contra a política do Poder.** O P. C. F. propõe incansavelmente aos trabalhadores e às suas organizações, a acção imediata sobre objectivos concretos, a fim de corresponder às necessidades urgentes dos trabalhadores, no que respeita à defesa do seu poder de compra, à luta contra a inflação e o desemprego, à nacionalização dos «trusts» petrolíferos, informática e farmácia, à luta pela defesa das liberdades. Estas lutas, estas propostas de medidas concretas, inscrevem-se claramente na perspectiva das soluções traçadas pelo programa comum, e contribuem para revelar a sua necessidade. A sua aplicação permitirá ao nosso país sair da crise e desenhará a perspectiva do socialismo: o socialismo que o nosso povo construiu e que, com a liquidação das sequelas da crise do C. M. E. inaugurará uma nova era de liberdade e prosperidade.

© («Le Monde»)

Juan Quin abre

A SEMANA DO CINEMA CUBANO

Principia hoje, no **Estúdio Apolo 70**, uma organização conjunta daquele cinema e da Associação de Amizade Portugal-Cuba, uma **Semana de Cinema Cubano**, que se integra nas comemorações do XXII aniversário do assalto à Moncada (26 de Julho).

Como introdução a essa **Semana**, publicamos hoje algumas notas históricas sobre os antecedentes do cinema cubano da revolução.

1. ANTECEDENTES

Depois de um longo período de colonização espanhola, Cuba cai sob uma nova fórmula de colonialismo, a partir de 1898. A proximidade de um tão grande e poderoso país — os E. U. A. — está na base desta substituição de exploradores.

É evidente que o colonialismo se desenvolve também a um nível cultural, forma cinematograficamente, Cuba era igualmente uma colónia dos E. U. A. Aliás durante todo o período de cinema mudo, os historiadores falam unicamente de dois cineastas cubanos relativamente importantes: Enrique Díaz Quesada e Ramón Peón. O primeiro é homem dos anos 10 e sobressai pela tonalidade social da temática das suas obras, nomeadamente **ARROLLITO** ou **LA ZAFRA**. Peón situa-se na década seguinte e é referido como técnico competente, ainda que integrado numa estrutura de produção abertamente comercial. As suas películas mais conhecidas são **EL VENENO DE UN BESO** e **LA VIRGEN DE LA CARIDAD**.

A chegada do sonoro é tardia. O primeiro filme sonoro cubano data de 1937 e é assinado por Ernesto Caparrós, **LA SERPIENTE ROJA**. Tratava-se de películas de mero consumo: musicais, melodramas, comédias, policíacos...

Entre a produção dos anos 40, sobressai um único título: **SIETE MUERTOS A PLAZO FIJO**, de Manuel Alonso, de 1949, um policial negro, rodado «com grande habilidade».

Politicamente, Cuba continua na mais completa dependência americana. Os Governos sucedem-se mas o ditador Carlos Prío está todavia ligado à cinematografia cubana, dado que criou um banco cinematográfico, destinado ao financiamento de películas. Por influência deste banco criam-se os «Estúdios Nacionales», que são inicialmente dirigidos por Manuel Alonso, realizador **CASTA DE ROBLE**, a melhor produção daqueles estúdios.

Nos inícios dos anos 50, os títulos mais característicos são **LA ROSA BLANCA**, rodado pelo mexicano Emilio Fernandez, e **UN ESTREÑO EN LA ESCALERA**, lamentável biografia do herói revolucionário José Martí, assinada por Tulio Demichilli.

A REVOLUÇÃO

Em 1956 a guerrilha de Fidel é um facto, preparando os acontecimentos de 1958 e a triunfal entrada em Havana, a 2 de Janeiro de 1959.

Enquanto a resistência armada se intensifica na sierra Maestra, a resistência intelectual cresce nos centros urbanos. Em cinema amador, por exemplo, desde 1943 que o Concurso Nacional vai revelando novos valores, entre os quais é justo referir pelos lugares que futuramente irão desempenhar, Tomás Gutiérrez Alea (que dirigiu, em 1946, **LA CAPERUCITA ROTA**, e, em 1947, **UN FAKIR**, ambos em 8 milímetros) e, Nestor Almendros, operador que trabalhou com Alea, em 1948, em **UNA CONFUSIÓN COTIDIANA**.

Por seu turno, um grupo formado por Edmundo Desnoes,

Ranon F. Suárez, Guillermo Cabrera Infante, Germán Puig, Carlos Franqui e Nestor Almendros fundam a Cinemateca de Cuba que desenvolve intensa actividade cultural. Esse mesmo grupo realiza algumas curtas-metragens, entre as quais **CARTA A UNA MADRE**, **EL GUANTE**, **PINTURA** ou **HAMLET**. Tomás Gutiérrez Alea e Julio García Espinosa (que, de 1951 a 1953, frequentaram o Centro Sperimentale de Cinematografia de Roma) rodam igualmente uma curta-metragem sobre os mineiros da região de Zapata, **EL MEGANO**.

A estes nomes juntam-se os alunos dos cursos do Departamento de Cinematografia de la Universidad de La Habana, alguns dos quais colaboradores da revista «Nuestro Tiempo». É neste clima que irrompe a revolução.

Com Fidel Castro a primeira lei dedicada a actividades artísticas e culturais é a que cria, em 20 de Março do mesmo ano, o I. C. A. I. C. Pela sua importância e significado histórico, referem-se alguns pontos da lei que cria o Instituto Cubano del Arte y la Industria Cinematográfica.

UMA LEI REVOLUCIONÁRIA

«Porque: O cinema constitui em virtude das suas características um instrumento de opinião e formação da consciência individual e colectiva e pode contribuir para tornar mais profundo e diáfano o espírito revolucionário e sustentar o seu alento criador.

«Porque: A estrutura da obra de arte cinematográfica exige a formação de um complexo industrial altamente técnico e moderno e um aparato de distribuição de iguais características.

«Porque: O desenvolvimento da indústria cinematográfica cubana supõe uma análise realista das condições e possibilidades dos mercados nacionais e exterior e, no que se refere ao primeiro, um trabalho de publicidade e reeducação do gosto médio, seriamente maltratado pela produção de filmes concebidos segundo critérios mercantilistas (...)

«Porque: O enunciado anterior pressupõe a mais íntima colaboração com economistas e técnicos, com educadores, psicólogos e sociólogos, com os artistas e criadores de todo o género, com as autoridades docentes e directores da obra cultural da revolução e com os comandantes e departamentos especializados do Exército, da Marinha, da Polícia e da Força Aérea (...)

«Porque: A nossa História, verdadeira epopeia da liberdade, reúne desde a formação do espírito nacional e os alvares da luta pela independência até aos dias mais recentes uma verdadeira fonte de temas e heróis capazes de encarnar na tela e fazer do nosso cinema uma fonte de inspiração revolucionária, de cultura e conformação (...)

«Porque: O desenvolvimento da indústria cinematográfica cubana comporta o estabelecimento de uma nova fonte de riqueza e de trabalho, de que resultarão beneficiados os técnicos, artistas, laboratórios, músicos, escritores, etc.

«Portanto: No uso das facil-

dades que lhe estão conferidas, o Conselho de Ministros aprovou e sancionou o seguinte: A criação do I. C. A. I. C. — Instituto Cubano de Arte e Indústria Cinematográfica.»

ACTIVIDADES DO I.C.A.I.C.

O I. C. A. I. C. fica a ser dirigido por Alfredo Guevara e as suas actividades são múltiplas desde logo:

- produção, distribuição e exibição de curtas e longas metragens cubanas;
- direcção da Cinemateca Cubana, com uma sala com lotação para 1500 pessoas;
- edição da revista «Cine Cubano»;
- edição regular de um «Jornal de Actualidades».

Ao nível da produção, os primeiros filmes cubanos posteriores à revolução são curtas-metragens documentais que, desde logo, anunciam uma via para esta cinematografia. **SEXTO ANIVERSÁRIO**, de Julio García Espinosa, **ESTA TIERRANUESTRA**, de Tomás Gutiérrez Alea e **LA VIVIENDA**, de novo de García Espinosa são os títulos que iniciam a revolução cultural cubana. Simultaneamente, desenvolve-se uma forte actividade em 16 milímetros, com documentários de curta duração e índole didáctica, que servem de rodagem aos cineastas mais jovens, tais como Manuel Octavio Gómez, Fausto Canel ou Nestor Almendros.

De 1960 é a primeira longa metragem, realização de García Espinosa, segundo projecto de Cesare Zavattini: **CUBA BAILA**. Deste mesmo ano é uma

película em episódios, **HISTÓRIAS DE LA REVOLUCIÓN**, pensada primitivamente para comportar cinco histórias de Gutiérrez Alea e de José Miguel García Ascot (um espanhol radicado no México), mas que surgiria na tela unicamente com os três **sketchs** de Alea.

A nacionalização das empresas americanas («Fox de Cuba», «Artistas Unidos», «Compañía del Sur de Películas», «Warner», «Primera Naciona» e «Universal de Cuba») data de 1961, ficando a partir deste ano o I. C. A. I. C. a controlar a distribuição e exibição cinematográfica cubanas. De qualquer forma, é constante a presença de filmes das mais variadas proveniências: Europa Ocidental e Oriental, América do Norte e do Sul, África e Ásia.

A situação da cinematografia cubana era, dez anos depois do triunfo da revolução, de franco desenvolvimento. Havia-se construído mais de meia centena de novas salas e reconstruído 62. Os cinemas ambulantes andavam à volta das 80 unidades.

Em produção, o I. C. A. I. C., até Março de 1969 rodara:

- 45 longas metragens;
- 210 documentários de curta-metragem;
- 85 documentários didácticos;
- 49 desenhos animados;
- 94 «notas» para a «Enciclopedia Popular»;
- 446 números do «Jornal de Actualidades», intitulado «Reportes I. C. A. I. C. Latino-Americano», sob a orientação de Santiago Alvarez.

LAURO ANTÓNIO

HONDA

quilómetros a preço reduzido

\$62	1 Km
6S20	10 Kms
6S50	100 Kms
6S500	1000 Kms

Um pequeno e económico carro que reúne tudo o que um hábil e sensato condutor deseja — fácil condução, conforto e baixo custo de manutenção. Consumo médio de 5 litros/100 Kms. Consumo total aproximado por Km Esc: \$62 centavos, cada um dos 4 passageiros p/Km Esc: \$15 centavos. Efectivamente, com o Honda N 600 V. pode percorrer ainda mais Kms. Portanto quilómetros a preço reduzido! Verifique e comprove por si próprio. Venha hoje mesmo visitar-nos. Proporcionamos demonstrações.

HONDA - na economia um GIGANTE

SANTOMAR Av. CASAL RIBEIRO, 46 C. 533697-533675 LISBOA AGENTES EM TODO O PAÍS

Em ALVERCA o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na TABACARIA LUSA Rua Joaquim Sabino Faria, 16

Espectáculos

Crítica
de
Teatro

CARLOS PORTO

OS CADÁVERES DO IMPÉRIO

«OS FUNDADORES DE IMPÉRIO», de Boris Vian. S/ ind. de tradutora. Encenação: Mário Jacques. Colaboradores: Artur Santos, Marina Isabel, António Mesquita, Alice de Sousa, Cristina Farto, Miranda Garcia, Francisco Sousa, João Cabrita. Intérpretes: Celda Marina, João Arraiano, Anabela Amaro, Adalberto Pinheiro, Guilhermina Macedo, José Monteiro. Grupo Cultural e Desportivo dos Empregados do Banco de Fomento Nacional. Teatro da Trindade. Julho 1975.

Se podemos incluir «Schmurz» («Os Fundadores de Império») — não seria preferível: «Os Construtores do Império»? no capítulo do teatro de absurdo, então não poderemos deixar de considerar a peça de Boris Vian como uma das evidências mais poderosas e convincentes desse tipo de teatro que os franceses, e afrancesados, exportaram depois da guerra. Obra aberta, assim a poderemos qualificar por admitir várias leituras das linhas que se cruzam na situação que lhe serve de base, «Schmurz» nem por isso deixa de apontar para uma pista que nos leva a sua perspetivação política antiburguesa. Imagina-se: uma família retintamente pequeno-burguesa, repetidamente caracterizada através dos diálogos e das situações, é obrigada a abandonar o andar em que habita e a subir

para o andar superior, em consequência do terror inexplicável (inexplicado) que sente quando ouve um certo ruído. Esse ruído está possivelmente ligado à existência de um ser estranho de cuja presença a referida família finge não se aperceber.

Esse ser — «Schmurz» — surge com a aparência de um homem de que apenas se vêem o rosto e as mãos, pois está envolvido em ligaduras. Permanece deitado, sem se mexer, sem falar, e, de vez em quando, é espancado pelo casal ou pela criada, às ordens daquele. À medida que a família vai fugindo de andar em andar sempre acompanhada por «Schmurz» os seus membros vão desaparecendo, como que sugados por um mundo cujos contornos se desconhecem. Por último, o dono da casa (para quem a salvação da própria pele passa por cima de tudo) fica só, frente a frente, com «Schmurz». O sr. Léon-Dupont veste a farda das suas guerras coloniais, procurando assim socorrer-se dos seus mitos para o embate com o seu inimigo implacável (a censura tinha proibido esta peça ao Teatro Experimental do Porto, num gesto que podemos considerar excepcionalmente inteligente, o que era raro). Mas o espectador sabe que o senhor poder burguês está liquidado: aparentemente semimorto, aparentemente indefeso, «Schmurz»

(sobre ele (s) se edificam os impérios) não pode deixar de ser o vencedor.

É esta uma leitura óbvia da peça de Boris Vian; outras haveria: não poderá ser «Schmurz» a consciência do burguês que este tenta destruir por saber que a transformação dela implica a sua eliminação como classe?

Esta peça de Boris Vian — mais perto da farsa do que da tragédia, com um cheirinho a Ionesco — introduz-nos num universo estratificado (os móveis, os «napperons», os tituais), pautado por convenções restritas cujos habitantes obedecem a um código rígido e a estatutos que não se discutem. Por isso, a criada (excelente personagem) pira-se ou, como ela diz, «desinteressa-se da conjuntura». É significativo o facto de se recusar a bater em «Schmurz» ao abandonar a casa.

Infelizmente, o texto de Boris Vian foi muito mal servido por uma encenação banalíssima, nada criadora, de Mário Jacques cuja confrangedora direcção de actores nos surpreendeu. Com efeito, os actores do Banco de Fomento não conseguem colocar a voz nem articular convenientemente as palavras. Não é por isso de estranhar que não cheguem a transmitir ao público o terror de que deveriam estar possuídos. Há por vezes uns lampejos nas personagens da criada e do patrão, mas muito vagos e espaçados. Foi pena porque a peça de Boris Vian (bastante difícil sobretudo para amadores merecia melhor sorte.

Um dos aspectos que nos deu a medida do falhanço do espectáculo consiste no simples facto de não se ter arranjado um ruído capaz de assustar de facto os actores e os espectadores. Pareceu-nos, a certa altura, tratar-se do ruído de uma máquina em movimento (de uma fábrica). A ser essa a intenção do encenador, seria um bom achado. Simplesmente, o facto do ruído ser definível não o deveria fazer menos aterrador.

Não teria sido de usar a luz,

para dar a sensação de estreitamento que a família vai sentindo? E o «Schmurz» não deveria estar mais perto do público, para que a sua presença se valorizasse?

“SEARA DE VENTO”: PANFLETO DE MÃO EM MÃO

«Seara de Vento», que a RTP apresentou em palco, ganhará hoje com a sua transmissão pelo 1.º canal a partir das 21 horas, um novo e muito mais amplo auditório. É merecido, na verdade, esta vigorosa obra de Manuel da Fonseca, na medida em que, para além da beleza literária dos diálogos e do recorte humano das personagens, sobrevivem nela uma violenta acusação contra o regime ditatorial que oprimiu o Povo Português durante quase 50 anos e o sentimento de revolta que desde sempre animou os camponeses do Alentejo, onde a acção se situa.

O caso que se vive na «Seara de Vento» tem como pano de fundo uma fusão de vários episódios reais ocorridos no Alentejo em que se viu um homem só, camponês encurralado na sua miséria, desafiar a ordem dos senhores da terra e opor às forças policiais uma resistência desmesurada e trágica, à medida do desespero para que o empurrara o mandado arbitrário dos latifundiários.

A trajetória de António Valmurado da «Seara de Vento» poderia explicar a de António Dias Matos, trabalhador rural, que a 4 de Janeiro de 1932, a poucos quilómetros de Beja, matou a família de um lavrador com quem andava desavindo, após o que se enrincheou em casa, resistindo longas horas à guarda que veio para o prender.

Sobrevivem familiares de Dias Matos e testemunhas dos acontecimentos, mas ainda hoje, na região, a figura do trabalhador é objecto de uma espécie de lenda, na qual o episódio referido aparece aureolado de grande heroísmo, sendo minimizado o seu próprio crime.

Nos jornais da época, em Lisboa, o facto teve honras de «tragédia emocionante, sem precedentes em Portugal», chegando a ser comparado às façanhas do Bande à Bonnot, o famoso grupo anarquista francês.

Sucessos vividos, logo dramaticamente reais, trabalhados Manuel da Fonseca no romance que sacudi o panorama editorial — e não só... numa altura em que as correntes neo-realistas penetravam a cultura portuguesa.

Não sendo um romance imediatamente político, a narrativa da odisséia de António Valmurado, dito António Palma, camponês despojado das suas terras, resume em si mesma todas as coordenadas do drama do homem alentejano e encerra um grito de revolta que encontrou eco na garganta de todos os leitores. A robustez desse grito assustou demasiado os poderes constituídos, merecendo o romance a honra de ser proibido pela Polícia. Lido num quadro de clandestinidade, o manifesto político implícito na «Seara de Vento» passou a ser como um panfleto circulando de mão em mão.

CONCERTO POPULAR NO AR LIVRE DE BENFICA

Por iniciativa do Grupo de Acção Cultural da Comissão de Moradores da Rua República Peruana realiza-se hoje, às 21 e 30, naquela Rua, um concerto popular ao ar livre dedicado aos moradores de Benfica.

Actuará a Orquestra Sin-

fónica da Emissora Nacional dirigida por Alvaro Casuto que interpretará: «Carnaval Romano» de Berlioz; «Variações Sinfónicas sobre um tema Alentejano» de Joly Braga Santos; «Ribatejo» de Frederico de Freitas e «Capricho Espanhol» de Rimsky-Korsakoff.

PIRANHAS E JACARÉS DE ALTO RENDIMENTO

Perante as receitas «record» atingidas por «Jaws» (70 milhões de dólares) nas primeiras semanas após o seu lançamento, os produtores Richard Zanuck e David Brown encaram a realização de um seguimento a esse filme que de intitulará Jaws Part II.

Aliciados por este sucesso remunerador, outros cineastas tentam imitá-los na pesquisa do paroxismo da horrível Piranha, numa história de um far-

sante que, sub-repticiamente, lança nas piscinas de Beverly Hills o peixe-carniceiro.

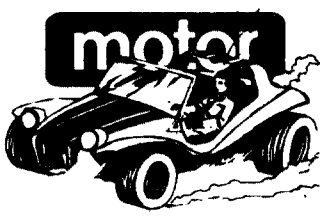
Por outro lado, a United Artist que se preparava para filmar as façanhas terríficas de um jacaré, hesita agora em pôr o projecto em execução depois de ter conhecimento que o saúro ataca muito raramente o homem. Todavia a sociedade procura já outro monstro para substituir o jacaré.

RESISTÊNCIA ANTI-FASCISTA

Linha Cometa, foi o nome dado a uma conjura ímpar de jovens, que arriscou a vida, para libertar combatentes aliados, nos piores dias da Segunda Guerra Mundial.

Composta por poucos elementos, em que raros eram os que tinham mais de 25 anos, a Cometa acabou por ser uma das mais bem sucedidas organizações do género, tendo resgatado 770 pilotos aliados.

Leia no número de Agosto das Selecções do Reader's Digest, a descrição do que foram essas operações de fuga, comandadas pela jovem belga Andrée de Jongh. Selecções, o prazer de ler.



Teatro
Maria
Matos

A RTP apresenta

AMANHÃ — DIA 5 DE AGOSTO

às 21.30 horas

ESTREIA DA PEÇA DE
MIGUEL FRANCO

LEGENDA DO
CIDADÃO
MIGUEL LINO

Música de Siegfried Sugg — Cenário de António Casimiro

Encenação de Herlander Peyroteo

ELENCO (P/ordem alfab.)

Adelaide João — Andrade e Silva — Armando Cortês — Arminda Taveira — Benjamin Falcão — Carlos Cabral — Carlos Santos — Carlos Veríssimo — Eugénio Estribilho — Fernanda Borsatti — João de Carvalho — José Brás — José de Carvalho — José de Castro — José Leitão — Lourdes Norberto — Madalena Braga — Reis Jorge — Rui de Carvalho — Vitor de Sousa

Telef. 89 70 17

M/ 13 anos

ZEFFIRELLI ESCOLHEU “LIZ” PARA “MARIA MADALENA”

O realizador italiano Franco Zeffirelli anunciou em Londres, que a rodagem de «A Vida de Cristo», uma co-produção anglo-italiana de seis horas para a Televisão, começará no próximo dia 8 de Setembro em Marrocos e na Tunísia.

Para interpretar o Cristo, Zeffirelli escolheu o actor britânico Robert Powell, já conhecido pela interpretação de Gustav Mahler, no filme com o mesmo nome realizado por Ken Russell. Elisabeth Taylor será Maria Madalena, Laurence Olivier interpretará Nicodemo e Marcelo Mastroiani desempenhará o papel do governador romano, Pôncio Pilatos, informou ainda Zeffirelli no decorrer de uma conferência de imprensa.

A rodagem de «A Vida de Cristo» que conta com um orçamento de quatro milhões de libras e com o patrocínio da firma americana General Motors, durará seis meses. A série de seis programas de uma hora cada um será difundida em simultâneo pelas televisões britânica e americana em Dezembro do próximo ano.

VAGAS NA ORQUESTRA GULBENKIAN

Está aberta a inscrição para o Concurso de Admissão à Orquestra Gulbenkian, destinado ao preenchimento das vagas de violino-tutti e viola-tutti.

As provas efectuar-se-ão no próximo dia 23 de Setembro às 17 horas, e constam da execução de uma peça moderna ou contemporânea à escolha do candidato e uma leitura à primeira vista e de: prova de

viola — Suite em ré menor de Bach (transcrição da suite em ré de violoncelo); prova de violino — concerto ou sonata de estilo barroco ou clássico à escolha do candidato.

Os interessados deverão dirigir-se, até ao dia 19 de Setembro inclusive, à recepção da Fundação Gulbenkian, Av. de Berna, 45 — Lisboa, a fim de lhes ser fornecido o boletim de inscrição.

AS VIÚVAS TÊM RAZÃO

A Justiça americana reconheceu às viúvas de Laurel e Hardy (Bucha e Estica) o direito de comercializarem os nomes dos dois célebres cómicos do cinema. Uma decisão nesse sentido acaba de ser tomada pelo Tribunal Federal de Nova Iorque depois de um processo

intentado em 1970, por Lucille Hardy e Ida Laurel, contra os estúdios «Hal Roach» que afirmavam que os contratos assinados com os cómicos entre 1926 e 1939 lhes permitiam explorar no plano comercial, os nomes dos cómicos Bucha e Estica.

CANAL DA CRÍTICA

MARIO CASTRIM

Foi em Helsínquia. Nós vimos pela Televisão. Todos os países da Europa, menos a Albânia, esse «farol do socialismo» como lhe chamou Mao Tzetung. Para assinarem aquilo a que já se chama «o código da moral da convivência europeia».

Está claro que não existem sanções para os prevaricadores. Mas prevaricar, mesmo sem castigo, não é nada cómodo. Muito antes de nós já o sabia um sujeito chamado Hipócrates. Mas, relacionada com este «código moral», há toda uma situação de tragédia possível que é indispensável combater. Ora uma possibilidade de combatê-la é exactamente provocando a mobilização dos povos, reforçando o seu sentido das responsabilidades através do conhecimento da realidade.

E uma das faces da realidade é esta: existem hoje armas tão ou mais (!) perigosas do que a bomba nuclear. Daí o aviso aos povos através de Helsínquia. Daí a vinculação dos Estados ao compromisso de resolverem as divergências por meios pacíficos.

Entretanto, paralelamente à coexistência pacífica, processa-se entre o socialismo e o capitalismo o desafio: vamos lá ver qual de nós garante melhores condições de felicidade aos respectivos povos.

O capitalismo vai ser batido por K.O. Não se sabe a que round. O campo socialista com a União Soviética à cabeça, tudo fará para que seja antes do round nuclear. Porque, nesse caso, não se salvará ninguém, nem comunistas nem capitalistas. Bom: talvez escapem uns chinezinhos que, mais amarelinhos do que nunca, se entreterão até à eternidade a ler o catecismo vermelho do chefe que a América é um tigre de papel.

A propósito da conferência de Helsínquia, *Teleforum* reuniu as seguintes personalidades: comandante Martins Guerreiro; tenente-coronel Costa Brás; comandante Gerdal Freire; capitão Luís Pessoa; doutor Silas Cerqueira; doutor Orlando de Carvalho; frei Bento Domingues; doutor Santa Clara Gomes. Moderou Megre.

Como não podia deixar de ser, a breve trecho o tema alargou-se, extraviou-se, perdeu-se — para se entrar nos problemas que preocupam o nosso país, neste momento. Mesmo nas alturas de maior drama colectivo, os problemas individuais, por vezes de nenhuma ou de quase nenhuma dimensão de ordem geral, são os que se sobrepõem, nos atormetam. Ainda ontem, quando acaloradamente se discutiam as questões universais, o programa foi interrompido para se anunciar o incêndio na serra de Sintra. Queremos símbolo mais perfeito?

Silas Cerqueira, no entanto, lutou até ao limite das suas forças para deixar bem exposto quanto o nosso destino está ligado a tudo quanto ficou dito e escrito em Helsínquia. Aliás, a sua presença ontem, marcou um dos momentos mais altos e mais belos da arte de ser televisão em Portugal: na sua intervenção se reuniram o domínio da matéria específica, o exercício calmo da reflexão, a capacidade polémica, a captação do essencial, a atenção às grandes (e às pequenas...) armas dos contendores.

Silas Cerqueira: o público

HELSÍNQUIA COMO PRETEXTO PORTUGAL COMO RAZÃO

português não vai esquecer facilmente este nome.

FREIRE: O GESTO ESSENCIAL

Pouco solicitado, o comandante Gerdal Freire usou da palavra uma única vez. Mais do que palavras, valeu a intenção que lhes presidiu.

Na sua opinião, em relação ao caso português impõe-se um código de cinco pontos: unidade, disciplina, constituição de uma ampla frente popular em torno do Directório do M.F.A. e maior decisão do Povo Português na batalha da produção.

Ostelespectadores portugueses mais simples não serão capazes de prestar atenção a certas explanações filosóficas ou exposições políticas muito complicadas. Nenhum terá deixado, no entanto, de entender as palavras do comandante Gerdal Freire.

Sim. Unidade, disciplina revolucionária, trabalho. Digamos isso. Digamos socialismo.

BRÁS: FALAR MUITO E JOGO FRANCO

Não sei se a palavra desastrosa será a que define melhor as intervenções do tenente-coronel Costa Brás. Seja como for, permaneceram bastantes naturais. Costa Brás não teve a preocupação de se mostrar diferente, honra lhe seja. Em todo o caso, para não exaquerar, poderá noutras alturas falar menos. Falando menos defender-se-á melhor.

Na sua opinião, a condicionante posta pelas potências ocidentais, não é uma ingerência nas nossas questões internas. Não é uma intromissão...

Se os países capitalistas não correspondem aos nossos interesses, diz-nos candidamente Costa Brás, «eles lá terão as suas razões dessa não correspondência...»

Logo se apressa a acrescentar que não tem qualquer procuração dos países ocidentais para falar em nome deles. Isto «por razões pessoais e outras».

Recorda que a estabilização da vida portuguesa é indispensável para que os países ocidentais cooperem. Claro, meu tenente-coronel, negócios são negócios. Quem investe, investe para alguma coisa. Os países ocidentais investiram no tempo do Caetano porque este lhes deixava rédea solta à exploração do povo português. Contra isso (como atrás muito bem recordou Costa Brás) se fez também o 25 de Abril.

Se agora não investem — digo eu — é porque estão à espera: se pretendemos caminhar para o socialismo, é natural que eles não auxiliem; se voltássemos atrás, se nos pudessem explorar à vontade, voltaríamos, é claro, a investir... Mas que raio de auxílio é este?

Não, meu tenente-coronel, não temos que «nos pôr no lugar deles» para procurar esclarecer a situação: o que temos é de denunciar a atitude deles e saber quem são os nossos amigos, numa situação económica tão grave como a nossa hoje, sem procurar saber o que vamos ser amanhã política e socialmente.

GOMES: PELO MENOS, MÁ-FÉ

Santa Clara Gomes não gostou das palavras do general

Otelo Saraiva de Carvalho quanto à necessidade de impor uma ordem revolucionária. Santa Clara Gomes (quem?) refere as conotações, a propósito do Campo Pequeno, com o Chile e a Alemanha nazi.

Evidentemente nem quero argumentar. Não desço a isso. Mas torna-se bem claro que a expressão de Otelo Saraiva de Carvalho deve entender-se como a necessidade vital, para a nossa Revolução, pode passar pela utilização da violência revolucionária: quando uma revolução não vinga com cravos nas espingardas, far-se-á que vingue usando balas, em vez de cravos.

O general Otelo Saraiva de Carvalho foi claro: a utilização da violência há-de fazer-se, não para imitar o Chile, mas para o evitar. Está a perceber o sr. Santa Clara? Se isto desse prô torto, talvez você escapasse (em todo o caso, não confie muito...) e é por isso talvez que fala — mas certamente não escaparia o general Otelo e os outros revolucionários portugueses.

Alguns ingénuos pensam que não haveria Chile em Portugal, se. Se não são ingénuos são tolos. Os últimos acontecimentos em Portugal — ataques à bomba, assaltos às sedes do Partido Comunista, perseguições aos militantes comunistas, etc., etc. — provam que Chile não há, mas há semente de Chile. Semente que é preciso eliminar.

Esquecer isto e pôr a tónica nas palavras justas do general Otelo, tomando-as à letra e não no seu significado profundo é, pelo menos, má-fé. Pelo menos.

ORLANDO: O PODER DA LÓGICA

Orlando de Carvalho é homem que, só por si, vale um serão. Com uma riquíssima experiência política, com uma excepcional bagagem cultural, Orlando de Carvalho alia, de uma forma rara, a profundidade dos conceitos à perfeição formal e à alegria da convivência em que transforma cada uma das suas palestras.

Ontem, Orlando de Carvalho quase não falou. Mas, ao fazê-lo, foi para clarificar um ponto essencial, como o da «convergência» entre o Leste e o Ocidente. O que importa, recordou-nos, é determinar a «face oculta» dos comportamentos, saber quem nos dá amizade ou quem nos promete esquemas de exploração.

A presença de Orlando de Carvalho será muito útil noutras circunstâncias. Oxalá a Televisão Portuguesa se lembre dele mais vezes.

PESSOA: PALAVRAS QUE VALEM OURO

O comandante Luís Pessoa fez uma intervenção extremamente breve mas de grande utilidade ao rebater as afirmações do tenente-coronel Costa Brás.

Na realidade, se uma potência declara que «nos dá apoio se...», está imediatamente a sugerir uma orientação. Se isto não é ingerência, ingerência o que será?

Claro, como acentuou o comandante Luís Pessoa, as potências capitalistas desejariam para o nosso país uma «democracia pluralista». Importa apenas saber qual a natureza desse pluralismo.

A brevíssima intervenção do comandante Luís Pessoa pôs

a claro a miopia política do tenente-coronel Costa Brás. Só por isso teria valido a pena.

Silas Cerqueira: o «pivot» da já o bastante para dar a entender a importância da sua presença no *Teleforum*.

Ele venceu bem que tudo se joga, neste momento, entre as forças da paz e da guerra. Que a Revolução Portuguesa é factor importante entre as forças da paz. Que, ao optarmos pelo socialismo, estamos a influir favoravelmente no equilíbrio europeu. Que, se temos muitos inimigos lá fora, entre as forças da guerra, também possuímos muitos amigos entre as forças da paz.

Denunciou a utilização daquilo a que Megre e Costa Brás apelidaram de «doutrina Brezhnev». Sublinhou a necessidade de mobilização dos povos, no combate contra a guerra e pela cooperação internacional. Recordou os 54 milhões de mortos da última Guerra: quantos haveria noutra guerra?

Quanto às relações com o Terceiro Mundo, referiu a necessidade de não esquecer os países do Terceiro Mundo que, como nós, estão lançados numa via socialista, e os países fascistas do Terceiro Mundo. E acentuou quanto estamos longe de aproveitar o potencial industrial do campo socialista.

Silas Cerqueira: o «pivot» da inteligência num *Teleforum* animadíssimo.

Outra grande figura do *Teleforum* foi sem dúvida o comandante Martins Guerreiro.

Serenamente, atento a todas as jogadas, Martins Guerreiro foi, para além de tudo o mais, o exemplo da modestia revolucionária. Evitou as grandes frases, os gestos empolados, o poleiro. Não se pôs nunca em bicos dos pés, quase nos podia desculpar quando usava da palavra. Mas, ao fazê-lo, quanta firmeza, quanto rigor — e que pontaria!

Ao comandante Martins Guerreiro ficamos a dever algumas das melhores intervenções deste *Teleforum*. Particularmente aquela em que denunciou o problema do ritmo da nossa Revolução. Trata-se — disse, muito justamente — de um falso problema. O importante, o essencial, é definir o centro do poder da nossa Revolução. Só conquistado esse objectivo se pode colocar o conceito de ritmo, de velocidade.

Seria impossível dar aqui uma ideia da importância, da lucidez das intervenções de Martins Guerreiro. Fiquemos com esta ideia: a de um homem que presta uma atenção feroz à defesa do nosso processo revolucionário — com a modestia de um simples soldado.

Falta uma referência a frei Bento Domingues. Uma lástima, coitado. Reconheço é para desmoralizar. É melhor não insistir, senhores da Televisão. Este homem não tem nada para nos dizer. Está oco. A propósito não sei de quê, a China. Frei Bento Domingues deve ser a única pessoa neste país a ignorar que é a China quem recusa as relações com o nosso país... Não é frade é um anjinho.

A certa altura, a propósito da falta de apoio das potências ocidentais e certamente para sugerir o aspecto da confrontação dos «blocos», frei Bento saiu-se com esta: «Os países capitalistas não nos ajudariam se quiséssemos fazer o capitalismo...»

Como também diz frei Bento «Santa Mãe de Deus!»

Hoje



Fernanda Borsatti e Armando Cortês numa fase da representação de «Seara de Vento», peça a que fazemos circunstanciada referência na página 14

I PROGRAMA

- 19.00 Abertura e *Telejornal* — 1.ª edição
- 19.05 *TV Juvenil*
- 19.25 «*Karino*» — série filmada realizada por Jan Batory.
- 19.55 *Teledesporto*
- 20.30 *Telejornal* — 2.ª edição — noticiário do País e do estrangeiro.
- 21.00 *Teatro* — «Seara de Vento» — de Manuel da Fonseca. Encenação de Artur Ramos. Cenografia de Moniz Pereira. Colaboração musical de Domingos Moraes. Dramaturgia de José Sasportes. Intérpretes (por ordem de entrada em cena): Rui de Carvalho, Adelaide João, Lurdes Norberto, Madalena Braga, José Manuel, José de Castro, Armando Cortez, Arminda Taveira, Fernanda Borsatti, José de Carvalho, Carlos Veríssimo, Branco Alves, Andrade e Silva e Carlos Santos.
- 23.00 *Telejornal* — 3.ª edição
- 23.15 Fecho

II PROGRAMA

- 21.00 Abertura e a série filmada «*Karino*»
- 21.30 *Telejornal* — em diferido a edição transmitida às 20 e 30 no I Programa.
- 22.00 *Clássicos do Cinema* — apresentação de Lauro António. Colaboração musical de Melo Pereira.
- 23.00 Fecho

DESTAQUES

I. PROGRAMA
Teatro (21.00)

II PROGRAMA
Clássicos do Cinema (22.00)

SIEMENS
ESTORIL

Amanhã

I PROGRAMA

- 19.00: Abertura e TV Infantil; 19.30: Série «Mulherzinhas»; 20.00: Magazine do Norte; 20.30: *Telejornal*; 21.05: A Gente Que Nós Somos; 21.30: Série «Capitão Kloss»; 23.00: *Telejornal*; 23.15: Fecho.

II PROGRAMA

- 21.00: Abertura e a série «Mulherzinhas»; 21.30: *Telejornal*; 22.00: Eurovisão Jogos Sem Fronteiras; 23.30: Fecho.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV

**CLÍNICA DE TELEVISÃO
E ASTRONAUTA**

COM RADIO TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA

Dislocam. de técnicos e peças grátis

Telefs. 72 27 86 - 83 42 71

Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

Desporto

Ontem, no Lago dos Cisnes:

O DESPORTO DAS CRIANÇAS A AMIZADE DOS ADULTOS

Não havia cisnes, porque nem sequer havia água...

O restaurante dos casamentos elegantes também estava fechado: para obras, dizia o letreiro; e, no entanto, ontem durante todo o dia, o Lago dos Cisnes, no Parque de Monsanto, esteve particularmente animado por uma Juventude entusiasta pela prática desportiva e cultural e pela amizade que ficou mais vincada entre os adultos, seus familiares.

O convite partia de algumas colectividades da freguesia da Ajuda, em estreita colaboração com as Comissões de Moradores já formadas, a Comissão Administrativa da Junta de Freguesia e o Movimento das Forças Armadas, através da Polícia Militar; a notícia tinha saído em letra de forma; por isso uma multidão de jovens e graúdos foram ontem ao Lago dos Cisnes, no Parque de Monsanto, onde alguns praticaram desporto (e não só) e outros aprenderam a conhecer melhor o seu vizinho...

Também houve quem chegasse de táxi: porque o importante era realmente chegar; pouco importava o meio de transporte: a pé, de autocarro, no automóvel do familiar ou do amigo, ou tão apenas de táxi, como fizeram alguns. Ali em pleno Monsanto, onde o repórter assistiu a muitos casamentos elegantes, ia acontecer um domingo diferente, um domingo cheio de «coisas doces», como sendo a livre prática das mais diversas actividades desportivas, a livre prática das actividades culturais, a livre audição da música chamada de canto livre ou de uma banda da Força Aérea.

Começou a romaria até à Serra de Monsanto: restaurante fechado, garantia segura de ausência de «pessoas importantes», bem instaladas na vida. O dia era das gentes humildes, não apenas do popular bairro da Ajuda, mas de todos quantos quisessem participar. Farnel bem aviado em cesta de palha, Manéis e Marias dis-

postos a «gastar» (alegremente) o primeiro domingo de um Agosto tradicionalmente quente.

A ideia partiu da Comissão Administrativa da Junta de Freguesia da Ajuda: «Era importante nós levarmos a efeito uma coisa destas: a população do nosso bairro, parece que ainda não acreditou no 25 de Abril... Ainda desconfia da Junta, ainda não acredita que o poder real está nas suas mãos. Por isso contactámos as diversas colectividades desportivas e recreativas da área, as poucas Comissões de Moradores já formadas e resolvemos meter ombros à obra; pedimos o apoio das «nossas Forças Armadas» (polícia Militar) e a iniciativa nasceu; chamando os miúdos para um dia de festa, tínhamos a certeza de que os adultos também viriam: para que vissem com os seus próprios olhos a nova realidade portuguesa, para que se conhecessem um pouco melhor, convivessem, se organizassem em grupos, em outras Comissões de Moradores. Temos ainda poucas na nossa freguesia; são necessárias mais e mais, para que o programa do interesse geral seja cumprido. Havendo ou cheirando a festa infantil, os mais crescidos aparecem: por isso levámos a efeito esta iniciativa; esperamos que resulte... (Manuela Pedro, secretária da Comissão Administrativa da Junta de Freguesia da Ajuda).

UNIDADE

Apenas meia dúzia das mui-

tas colectividades desportivas e de recreio que existem na Ajuda responderam à chamada: aquelas que, de um modo mais activo poderiam, na verdade, melhor colaborar. Elas cederam tudo quanto poderiam ceder (em matéria de material desportivo), já que em mão-de-obra todas colaboraram. De salientar o apoio da Direcção-Geral de Desportos, que segundo a nossa entrevistada, também cedeu algum material.

Aos poucos a malta miúda ia chegando: em trajo civil (alguns até em fato de ver a Deus) ou já devida e eficientemente equipados. Porque, no largo espaço reservado à actividade desportiva, lá estavam os letreiros indicando os campos de actividade do andebol, do basquetebol, do atletismo, da corrida de sacos, das corridas de bicicletas ou de triciclo, do salto em altura ou do rãguebi.

Miúdos ao campo desportivo, graúdos ao convívio salutar: «É essencial que este convívio se estabeleça; há muita gente no nosso e noutros bairros que ainda não se conhece; têm problemas comuns, mas teimam em permanecer no desconhecimento. É essa, também, uma das finalidades desta iniciativa: enquanto os filhos correm ou saltam, os pais devem conviver, trocar impressões, falar dos seus problemas, adivinharem um plano de acção. Desta aproximação de gente miúda, há-de, forçosamente, nascer a amizade, a compreensão dos adultos; como há-de nascer a confiança de todos em quantos, agora, dão o seu contributo à Comissão Administrativa da nossa Junta de Freguesia. Pretendemos que hoje, aqui, nasça um pouco de amizade, de união, já que o trabalho a realizar é muito e só com a ajuda de todos poderemos realmente conseguir tudo quanto necessitamos. Alguém já reparou que não existe na Ajuda um único

cinema, uma única sala para espalhar a arte teatral? Já alguém referiu alguma vez e em qualquer lugar, que na Ajuda falta quem controle os preços do que a boca come todos os dias? Pretendemos unidade, amizade, organização. Pensamos que assim, chamando a Juventude ao campo Desportivo, conseguiremos alertar os mais velhos para os problemas que a todos dizem respeito.» (Manuela Pedro).

Desporto chama amizade: competição chama familiaridade...

PIQUENIQUE

A hora do almoço foi a hora do piquenique: foi quando os farnéis se desataram e o pão e chouriço, o arroz de manteiga ou a massa guisada saltaram do cesto e bocas felizes saborearam o fruto da cozinha de véspera. Um pastel de bacalhau que se troca por um croquete de carne: e um diálogo que se trava, qual alicerce de uma amizade que há-de trazer frutos.

Espalhados na relva esquelada, essa mesmo que figura em tantas fotografias de casamentos elegantes, serviu de tapete a um almoço algo diferente. Gargalhadas ecoavam no ar: era a alegria a vestir um Sol doirado, num domingo de Agosto numa Lisboa despida de movimento motorizado.

A sobremesa o prato inesperado: a banda da Força Aérea a substituir a música do transistor entretanto desligado. Era a música «ao vivo» a entreter até ao momento das pinturas e dos desenhos, também prometidos e que seriam cumpridos. O domingo continuava vestido de alegria: os miúdos divertiam-se, os graúdos começavam-se a conhecer...

«O verdadeiramente importante é que os adultos comecem a ter um pouco mais de confiança em nós. Necessitamos unir-nos um pouco mais, já que a tarefa é grande e a

Por Orlando Dias Agudo

confiança (agora) ainda é pequena. Chamamos os mais pequenos à prática desportiva, tentando despertar nos adultos, seus familiares, o desejo de participar. Só com o esforço de todos, chegaremos à meta desejada. (Manuela Pedro).

FIM

Ontem, no Lago dos Cisnes, em plena serra de Monsanto, terá acontecido um milagre: chamando os miúdos ao Desporto, os adultos terão compreendido que o verdadeiro jogo da vida é a eles que compete participar. O Desporto das crianças trouxe, afinal, a amizade dos adultos...



O menino, a bola e o cesto... lá nas alturas.

COMO VAMOS DE FUTEBOL UNIÃO DE MONTEMOR NA SEGUNDA DIVISÃO

Não obstante a nova época de 1975/76, em futebol, ter principiado no passado dia 1 de Agosto, a grande verdade é que ainda ontem se disputou um importante desafio correspondente à época passada: devido a protestos e contra-protestos aconteceu que só ontem terminou o torneio de competência das 2.ª e 3.ª divisões, tendo-se defrontado, em Torres Novas, a equipa local e o União de Montemor. O jogo (repetimo-lo) era importante: não para a equipa que actuava em casa (desde logo apurada para disputar o nacional da 2.ª divisão, independentemente do resultado), mas sim para o seu adversário e também para o Portalegrense.

O encontro terminou com o triunfo dos homens de Montemor, que assim ascenderam ao primeiro lugar da classificação da série, com 8 pontos, sendo o Torres Novas o outro apurado, já que somou 7 pontos. Na terceira posição quedou-se o

Portalegrense, igualmente com sete pontos, mas em inferioridade no conjunto de jogos disputados com o Torres Novas.

Deste modo e se não surgir qualquer (possível) reacção do Portalegrense, terminou o torneio de competência da 2.ª/3.ª divisões. Mas alguma coisa há ainda a acrescentar a este prolongamento forçado da época para todos estes clubes, principalmente no que diz respeito ao Torres Novas e ao União de Montemor: estabelecendo o regulamento que qualquer jogador, desde que a partir de 1 de Agosto represente um clube, não poderá vir a representar outro qualquer, será que todos os atletas que ontem vestiram as camisolas dos dois clubes têm asseguradas as prorrogações dos seus contratos?

Esta a pergunta que fica, quanto mais não seja para sublinhar a grande verdade que alguns pretendem esconder: a de que muita coisa está mal no actual figurino do nosso futebol.

Para terminar apenas um desejo: boas férias aos jogadores do Torres Novas e do União de Montemor, que só agora (talvez) podem esquecer a bola, os golos, os pontos. Mas não vão para longe: podem vir a ser precisos, para arrumar de vez com a época de 1974/75...

Registo

QUELUZ: No Clube Atlético de Queluz estão abertas as inscrições para a prática do basquetebol, para todas as idades e ambos os sexos.

ESGRIMA: A Federação Portuguesa de Esgrima marcou para o próximo dia 28 a sua assembleia geral ordinária.

FANHÕES: O departamento de futebol do S. L. Fanhões abriu inscrições para jogadores das categorias de juvenis e de juniores que, poderão ser atendidos pessoalmente no parque de jogos da Matinha — Fanhões — a partir do próximo domingo, dia 10, às 10 horas da manhã.

CICLISMO: A direcção da Associação de Ciclismo do Sul promove hoje uma reunião na sua sede, com delegados dos clubes filiados, atletas e representantes dos Órgãos da Comunicação Social, durante a qual será presente o plano de provas que engloba o Grande Prémio Trinaranjos. Entretanto, para o dia 15, está marcada uma prova reservada a veteranos, com partida do Campo Grande e chegada à Venda do Pinheiro.

TOTOBOLA A CHAVE

Copenhaga - Belenenses	2
Elfsborg - Setúbal	X
Innsbruck - Malmö	1
Sp. Rotterdam - St. Liège	2
1903 Hellerup - Linz	2
Winterthur - Bratislava	2
Veile - Vojvodina	1
Holbaek - Telstar	1
Sturm Graz - Zaglebie	X
AIK - Brno	2
Grasshopper - Östers	1
Kaiserslaut. - Göteborg	1
Celik Zénica - Ostrava	1



Um primeiro ensaio nos pesos e aliteres: verdadeiramente pesada é a vida sem unidade popular.

BATAS PROFISSIONAIS

ALFAMENTE ESPECIALIZADOS
PARA HOMENS E SENHORA

TINTURARIA GUANABARA — Dep. de cont. —
Av. José XXI, 57 — Tel. 200 10 00 — 20 05 00

Desporto

AUTOMOBILISMO:

CARLOS REUTEMANN
VENCEDOR NA ALEMANHA

O argentino Carlos Reutemann, em Brabham, ganhou o Grande Prémio da Alemanha de Fórmula Um seguido do francês Jacques Laffite (Williams) e do austríaco Nikki Lauda (Ferrari). Lauda, que andou à frente nas dez primeiras voltas, perdeu alguns minutos devido a uma avaria, terminando na terceira posição. Apenas 9 carros, dos 24 que alinharam à partida, terminaram a prova.

Depois da primeira volta, o favorito local Jochen Mass, da equipa do campeão do Mundo Emerson Fittipaldi, ambos guiando carros McLaren M23, desistiu-se e abandonou a corrida sem contudo se ter magoado.

Já tinha acontecido a mesma coisa a Massa durante os treinos de sábado, que desfez o seu carro, o que o obrigou a ficar como suplente para a corrida principal.

Mark Donohue, dos Estados Unidos da América, ao volante de um Penske PCL, teve um furo na roda esquerda da frente e regressou aos «pits» depois da primeira volta. Também foi aos «pits» o sueco Ronnie Peterson, que guiava um Lotus JPS 72/9. Uma avaria fê-lo desistir. No final da segunda volta, as posições eram: primeiro Lauda, segundo Depailler terceiro, Pace e quarto, Carlos Reutemann da Argentina.

Fittipaldi, que nunca esteve muito bem no circuito da montanha, teve um furo no pneu esquerdo de traz, o que provavelmente o terá levado a perder as suas oportunidades por perda de pontos.

Na terceira volta, Depailler, pegado a Lauda, estabeleceu o novo record da volta em 7.10.9 minutos, com a média de 190,8 km/hora.

Vittorio Brambilla, ao volante de um March 751, foi o terceiro a sofrer um furo, pelo que teve de recolher aos «pits» depois de já ter substituído uma roda.

Depois da quarta volta os três primeiros não modificaram as suas posições. Regazzoni ficou em quarto lugar, Reutemann em quinto, James Hunt em sexto e em sétimo Hans Joachim Stuck da Alemanha, ao volante de um March 751, que acabou por ter problemas mecânicos (segundos mais tarde), em oitavo Jean Pierre Jarier da França com um Shadow DN5, em nono Mário Andretti dos Estados Unidos num Parnelli PCL, que lutava para obter uma melhor posição. Andretti tinha começado na décima quarta posição no conjunto dos 24 competidores.

Jody Scheckter, que ficou para trás na primeira volta, conseguiu alcançar a décima posição.

Depois do primeiro terço da corrida, Regazzoni, vencedor dos últimos anos, alcançou a terceira posição mas seguiu para os «pits», ao que parece com avarias no motor, dando o seu lugar a Reutemann. Na quinta volta, Lauda estabeleceu o novo record oficial com 7.08.2 minutos.

Durante a sétima volta, Fittipaldi voltou aos «pits» com problemas na suspensão. O que praticamente lhe tirou as possibilidades de conservar o título este ano.

No início da nova volta o trio da frente mantinha-se inalterável com Reutemann em quarto lugar e Hunt em quinto. Scheckter desistiu-se sendo incapaz de continuar.

Mas antes da volta terminar, Reutemann alcançou o terceiro lugar, Hunt ficou em quarto e Tom Pryce em quinto.

A classificação alterou-se

quando Regazzoni teve de abandonar a corrida, por avaria, ficando Reutemann em segundo e Hunt em terceiro.

A sensação só veio porém, na décima volta, quando Lauda parou por causa de um furo, ficando, por isso Reutemann a comandar a corrida, lugar que ocuparia até final da prova. A roda de Lauda foi substituída em 19 segundos, e voltou à competição em busca do seu lugar, irremediavelmente perdido.

Resultados finais oficiais no Grande Prémio:

1.º, Carlos Reutemann, Argentina, (Martini-Brabham), 1.41.14,1; média horária: 189,473 km; 2.º, Jacques Laffite (França) Williams, 1.42.51,8; 3.º, Niki Lauda, (Austria), Ferrari, 1.43.37,4; 4.º, Tom Pryce, (Inglaterra), Shadow, 1.44.45,5; 5.º, Alan Jones (Austrália), Hill, 1.45.04,4; 6.º, Gijs Van Lennep, (Holanda), Ensign, 1.46.19,6; 7.º, Lella Lombardi, (Itália), March, 1.48.44,5; 8.º, Harold Ertl, (Austria), Hesketh, 1.48.55,0; 9.º, Patrick Depailler, (França) Tyrrell Ford, uma volta atrás.

CLASSIFICAÇÃO ACTUAL

Após o Grande Prémio da Alemanha de Fórmula 1, ganhou pelo argentino Carlos Reutemann, a classificação actual do Campeonato do Mundo de Condutores é a seguinte:

1.º, Niki Lauda (Austria), 51 pontos; 2.º, Carlos Reutemann (Argentina), 34; 3.º, Emerson Fittipaldi (Brasil), 33; 4.º, James Hunt (G. B.), 25; 5.º, Carlos Pace (Brasil), 24; 6.º, Jody Scheckter (Afr. do Sul), 19; 7.º, Clay Regazzoni (Suíça), 16; 8.º, Jochen Mass (Alemanha), 14; 9.º, Patrick Depailler (França), 12; 10.º, Jacques Laffite (França), 6.

ANULADO O G. P. CANADÁ

O Grande Prémio do Canadá prova a contar para o Campeonato Mundial de Condutores de Fórmula 1, marcada para o próximo dia 21 de Setembro, foi cancelada — anunciou hoje a Associação de Construtores de Fórmula 1.

De acordo com um comunicado à imprensa distribuído pela Associação, os organizadores da prova recusaram-se a suportar as despesas normais envolvidas na realização de uma prova de Fórmula 1 fora da Europa.

O cancelamento do Grande Prémio do Canadá reduz as hipóteses do actual campeão mundial Emerson Fittipaldi de renovar o seu título, pois após o Grande Prémio da Alemanha, que ontem se disputou, restam apenas três provas: Austria, Itália e Estados Unidos.

«É muito mau para mim» — afirmou Fittipaldi.

A Associação de Construtores de Grande Prémio confirmou, por outro lado, a realização a 5 de Outubro do Grande Prémio dos Estados Unidos, em Watkins Glen. «Foram estabelecidas condições satisfatórias com os organizadores» — dizia a nota da Associação de Construtores.

La fora

JOGOS
PAN-AMERICANOS

Dezanove países confirmaram já a sua presença no torneio de futebol dos VII Jogos Pan-Americanos — informa o Comité Olímpico Mexicano.

Na informação acrescentada, os organizadores esperam a inscrição de outros cinco países que já



VIERAM NO MESMO AVIÃO

BELENENSES E VITÓRIA DE SETÚBAL:
SORTE DIFERENTE, ESPERANÇA IGUAL

Belenenses e Vitória de Setúbal tiveram sortes diferentes no Torneio Intertoto: enquanto os «azuis» do Restelo conseguiram o primeiro lugar na série que disputaram (pelo que o clube receberá 150 contos) o Vitória de Setúbal viu-se afastado não do primeiro lugar mas do prémio, à força do regulamento da prova; terminando a sua carreira em igualdade pontual com

Peres Bandeira, o tranquilo treinador dos «azuis», vinha de azul trajado e falou para o «DL»: «Agora que o torneio terminou é altura de reafirmar aquilo que já uma vez disse: a de que, no aspecto desportivo, este torneio pouco interessa-se desperta, já que vem apanhar as equipas portuguesas numa altura péssima. Ainda não é princípio de época e ainda não é final de temporada. Assim, a preparação física de qualquer equipa terá de ser sempre deficitária. Salvar-se-á o aspecto financeiro, pormenor que não poderá ser esquecido já que sem dinheiro nos cofres os clubes pouco ou nada poderão fazer. No entanto, e no mínimo, este torneio sempre nos serviu para fazer rodar os jogadores mais jovens.

«Como balanço geral, não posso deixar de testemunhar o meu agrado por termos vencido a nossa série, para mais sem derrotas. O nosso penúltimo jogo, em Amsterdão, foi simplesmente maravilhoso, já que o nosso adversário jogou aí todas as esperanças que ainda alimentava para triunfar a série. Usou de certa dureza, mas nem por isso o Belenenses recuou, respondendo com saber e desportivismo ao convite do seu parceiro de espectáculo. No que diz respeito à nova época é de prever um campeonato muito mais equilibrado, tendo em consideração que algumas equipas sofreram autênticas sangrias na saída dos seus melhores elementos. Depois, ainda um outro pormenor: como serão cinco as turmas a baixar de divisão, adivinha-se um campeonato «a doer» logo a partir da primeira jornada.

«Agora, os nossos jogadores vão ter umas miniférias: apenas três dias, para voltarem aos treinos na véspera de nova saída, desta feita até Cadiz, onde efectuaremos um jogo. Seguem-se os Torneios de Valladolid e de Santander, sem que regressemos a Lisboa, mas com os períodos de repouso que reputo essenciais e indispensáveis para não «matar» os atletas com jogos a mais.

«Uma certeza: no Campeonato de 1975/76 o Belenenses vai tentar fazer o melhor possível.»

Muito embora uns óculos escuros lhe procurassem esconder o rosto, não adivinhámos em Mário Lino a mínima sombra de desgosto por não ter vencido (oficialmente) a série que disputou: «Não posso mostrar-me desgostoso em função da classificação obtida; estou sim desgostoso por verificar, numa análise bastante fria, que a nossa equipa merecia de facto o primeiro lugar. Tanto pelo que fez no seu campo, perante os seus sócios e simpatizantes, mas também nos recintos dos seus adversários, perante os seus adeptos. Os jogadores do Vitória de Setúbal bem mereciam o prémio que lhes havia sido prometido: é mais por isso, que lamento que não tenhamos vencido a nossa série.

«Sobre o jogo de Boras, na Suécia, sábado passado, o mais que posso dizer é que foi um bom espectáculo desportivo, que terminou com o resultado mais justo: em boa verdade, nem o Elfsborg nem o Vitória mereciam vencer, fazendo eu uma chamada muito especial para o árbitro da partida, que apitou de uma forma verdadeiramente exemplar.

o seu adversário mais directo, viu-se preterido do primeiro lugar, para grande desgosto dos seus jogadores, para quem seria o prémio total.

Tanto uma como outra equipa regressaram ontem à tarde a Lisboa: e no mesmo avião.

«Sobre a nossa exibição eu considero-a boa atendendo principalmente ao facto de termos apresentado uma constituição de recurso, devido às saídas de Octávio e José Torres, em relação ao último jogo efectuado no Bonfim. Sai do rectângulo de Boras muito satisfeito com a forma como os nossos jogadores se bateram.

«E, de entre todos, permitam-me uma chamada especial para o «veterano» Jaime Graça, que voltou ao futebol e ao Vitória: não tendo efectuado uma partida excepcional, ele justificou bem a sua inclusão no «team», obrigando-nos a saudar o seu regresso. É um jogador com o qual teremos (e podemos) contar para o campeonato que se avizinha.

«Vamos voltar agora ao trabalho: há muita coisa a fazer e não vamos guardar para amanhã o que podemos fazer hoje: o próximo campeonato vai ser extraordinariamente duro, já que prevejo um amior equilíbrio de valores do que na época passada. Se nos anos anteriores a tabela apresenta-

va um fosso entre o 4.º ou 5.º lugares, julgo bem que esse fosso (se vier a existir) será cavado bem mais próximo do topo...»

**NÃO
PINTE**

OS CABELOS
USE RESTAURADOR
OLEX

E OS SEUS CABELOS
VOLTARÃO À SUA COR
PRIMITIVA

Costa, Lm
PORTO
L. S. Domingos, 106

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS
DA CÂMARA MUNICIPAL
DE OEIRAS

(ABASTECIMENTO DE AGUA)

FÉRIAS DO PESSOAL DE LEITURAS E COBRANÇAS

AVISO AO PÚBLICO

Para conhecimento de todos os interessados, faz-se público que, devido à concessão de licenças para férias a todo o pessoal de leituras e cobranças, não serão efectuadas leituras dos contadores durante o próximo mês de Agosto. Também não serão efectuadas cobranças, durante o mês de Setembro.

As próximas leituras efectuar-se-ão de 12 a 20 de Setembro e as cobranças domiciliárias de 1 a 10 de Outubro.

Oeiras, 31 de Julho de 1975.

O PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
António Manuel Celerico Moreira

ARGENTINA

O Ferrocarril-Oeste venceu o Gimnasia y Esgrima de La Plata por 2-1, em jogo adiantado da 36.ª jornada do campeonato metropolitano de futebol da Argentina.

manifestaram extra oficialmente o seu interesses em participar no torneio.

As nações já inscritas são: Bahamas, Barbados, Bolívia, Brasil, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Chile, Equador, El Salvador, Estados Unidos, Guatemala, Honduras, Belize, Nicarágua, República Dominicana,

Geral

NACIONALIZAÇÕES E PROPOSTAS IRREALISTAS NA MARINHA GRANDE

Continuação da pág. 3

lectivo, ao autêntico interesse nacional, devem ser entendidas como contra-revolucionárias. Assim as entendem os trabalhadores para quem as reivindicações irrealistas de ordem salarial ou de horário de trabalho não são outra coisa senão tentativas para os dividir e atirá-los contra o processo revolucionário, contra a sua componente militar e contra as forças, políticas que defendem a unidade das massas trabalhadoras e a sua aliança com o M. F. A.

Para a grande maioria dos trabalhadores da marinha mercante nacional, o avanço do processo revolucionário não dependerá certamente, de reivindicações irrealistas. Mas o mesmo não sucede com um projecto de alteração do Contrato Colectivo de Trabalho preparado pela União dos Sindicatos do sector, onde se propõem aumentos da ordem dos 167 por cento, 97 por cento e 92 por cento relativamente a salários em vigor desde 25 de Junho do ano passado, uma diminuição do horário de trabalho semanal para 40 horas, e, entre outras cláusulas incom-

portáveis pelo estado actual do sector, o alargamento dos quadros actuais das empresas.

Exemplo do falso conceito anti-revolucionário de que as empresas nacionalizadas apenas mudaram de patrão e de que é preciso manter relativamente a elas o mesmo tipo de reivindicações usadas contra o capital monopolista e usurpador, deparamos, neste caso, com uma posição a rever, decerto, mas idêntica na prática à de alguns patrões que oterecem salários e outras regalias superiores ao montante que os trabalhadores esperam para mais rápida e seguramente sabotarem a economia nacional e arranjarem um alibi para cobrir negociações e encerramentos abusivos de locais de trabalho.

E certo que a proposta de alteração do C. C. T. da marinha mercante é um projecto para negociar. Daí o esperarmos que a consciência revolucionária dos trabalhadores se venha a opor com decisão a possíveis manobras divisionistas, salvaguardando as reivindicações justas e realistas, sem porem em perigo a garantia de emprego.

Nenhuma mudança radical

de uma sociedade se fez sem sacrifícios e deles não podem ser isentos, em Portugal, como o não foram em lado nenhum, os principais construtores e, ao mesmo tempo, os principais interessados nessa mudança. Os trabalhadores já deram provas da sua disposição firme de encarar esses sacrifícios como imprescindíveis, desde que não recaiam todos sobre eles, desde que continuem a manter a confiança em todas as forças verdadeiramente empenhadas na construção do socialismo e desde que essas forças dêem provas concretas de continuarem a merecer essa confiança. E até agora assim tem sucedido, apesar das tentativas para travar o processo revolucionário, lançando o divisionismo no movimento sindical e atacando a aliança Povo-M. F. A., ao mesmo tempo que se põem em causa, com fins exclusivamente partidários, a legitimidade e a actualização da componente militar na via revolucionária para a construção do socialismo.

Com as nacionalizações não se substituiu um patrão por outro.

Iniciou-se, pelo contrário, um processo de passagem dos

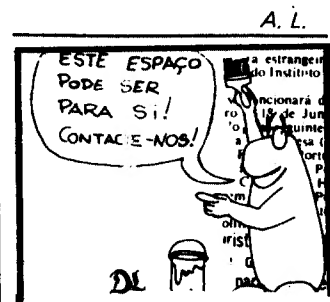
principais meios de produção para as mãos do capital privado para as mãos da colectividade. É perante a colectividade, perante o País, que os trabalhadores, todos os trabalhadores, assumem responsabilidades das quais dependem todas as conquistas alcançadas e alcançadas durante a jornada para o socialismo. Preferir, nas empresas nacionalizadas, as reivindicações irrealistas e inimportáveis às tarefas da batalha da produção é reforçar objectivamente as posições reaccionárias decisivamente abaladas pelas nacionalizações.

Não estão em causa as justas reivindicações dos trabalhadores da marinha mercante. Mas deve ter-se em conta que a maioria dos ordenados nas companhias de navegação, em vigor desde Junho de 1974, oscilam entre os 7200 e os 20 400\$00, num país onde boa parte da população não recebe sequer os 4 contos de salário mínimo mensal.

Os sacrifícios que a Revolução implica não podem ser suportados apenas pelos trabalhadores. As condições de vida dos mais afectados têm inclusivamente de serem melhoradas

a curto prazo. Mas para isso, será imprescindível um plano global para que as melhorias sejam reais, para que um aumento de salários não entre por um lado para sair imediatamente por outro, possivelmente até, em muitos casos, saindo mais do que entrou.

Os sacrifícios deverão ser maiores para aqueles que até agora exploraram os trabalhadores. Assim o têm entendido as forças revolucionárias e nesse sentido houve já conquistas muito positivas, nas quais se incluem as próprias nacionalizações. Apoiar essas medidas é um dever de todos os revolucionários e não será com reivindicações irrealistas que esse apoio se concretizará.



Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava em geral pouco nublado. O vento era fraco e havia neblina em alguns locais.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	22°
P. DOURADAS	17°
COIMBRA	20°
PORTALEGRE	19°
LISBOA	21°
FARO	25°
FUNCHAL	22°
BRAGANÇA	21°
P. DELGADA	19°
SINES	18°
SAGRES	22°

TEMPERATURAS EXTREMAS

ELVAS

Máxima 30°

BRAGA

Mínima 13,9°

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar 17,8°

Atmosfera 15,6°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
1.22 3,3 m	7.04 1,2 m
13.49 3,5 m	19.37 1,1 m

Dia 5

2.15 3,5 m	7.54 1,0 m
14.38 3,8 m	20.25 0,9 m

Dia 6

3.03 3,7 m	8.40 0,8 m
15.23 4,0 m	21.09 0,6 m

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 H. DE AMANHÃ

Céu pouco nublado, podendo apresentar-se por vezes muito nublado no Litoral Oeste. Vento fraco. Ocorrência de neblina e nevoeiros, durante a noite e manhã, na faixa costeira a norte do Cabo da Roca.

AMANHÃ

NAScer AS 6.41

OCASO AS 20.44

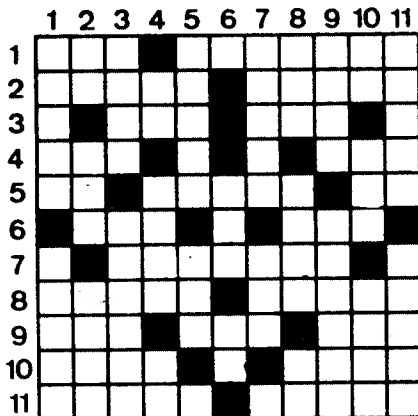
DIA 7 DIA 14 DIA 21 DIA 30

palavras cruzadas

COM PROVÉRBO PROBLEMA N.º 11150

HORIZONTAIS

- 1 Rente. Ordenara.
- 2 Empregara. Cidade de França.
- 3 Doença. Título honorífico na Índia.
- 4 Filtra. Apelido.
- 5 Prefixo que designa afastamento. Pequenos barcos de recreio. Prensão.
- 6 Rio da Suíça. Seguias.
- 7 Ladrão.
- 8 Velha. Osso do braço.
- 9 Ruins. Liga. Pelos de certos animais.
- 10 Numeral cardinal. Médico inglês celebre pelos seus estudos sobre as doenças das vértebras lombares.
- 11 Armadilha para passaros. Casamento muito rico.



VERTICAIS

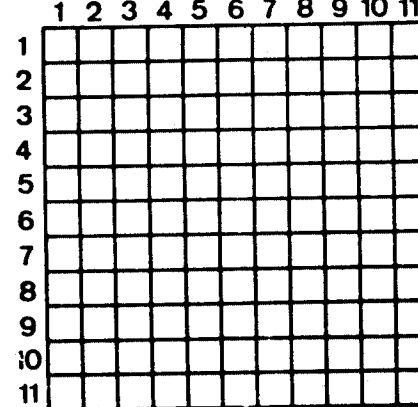
- 1 O mesmo que arruaça. Arquipélago dos Navegadores.
- 2 Pertences. Pequena barra de ouro que serve de moeda entre os Japoneses. Undécimo mês do calendário árabe.
- 3 Caruma. Nome de um mês.
- 4 Batráquio. Tempo do verbo ir. O lado do vento. (inv.).
- 5 Mancha natural. Bigorna de ourives. Artigo definido.
- 6 Pronome possessivo. Prefixo de negação.
- 7 Relate. Despida.
- 8 Doutora. Fecham as asas para descer mais depressa. Utensílio doméstico.
- 9 Espantadiço. Nome de duas estrelas do signo de Câncer, às quais os astrólogos atribuíam grande influência sobre o vento, a chuva e outros meteoros.
- 10 Rádio (sq.). Rente. Rói.
- 11 Deste modo. Sabor.

Resolva completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 7309

HORIZONTAIS

- 1 Em Goa, herdeiro. Messe
- 2 Passeira pelas ruas. Planta de amieiros.
- 3 Pedra de moinho. Reis. Vi. Pronome pessoal.
- 4 Combina. Irmão da mãe.
- 5 Rio de França e da Alemanha. Dera mios.
- 6 Nota musical. Rate. Batráquio.
- 7 Figura que simboliza o povo americano. Grande.
- 8 Abreviatura que se usa em música. O lado do vento. Nesse lugar. Bismuto (sq.).
- 9 Dá uivos. Estaciona.
- 10 Atormentada. Expressar por palavras.
- 11 Equipou. Freguesia do concelho de Guimarães.



VERTICAIS

- 1 Nome de jogo. Vila e concelho do distrito de Beja.
- 2 Indivíduo sem valor. Mais mal.
- 3 Distar. Paz. Caminhei para cá.
- 4 Declarar solenemente. Com as.
- 5 Seguias. Cum. Ouro (sq.).
- 7 Chiste. Felicitara. Nota musical.
- 8 Exprimi. Pregar ripas em.
- 9 Suspiro. Palmeira da Amazônia. Para barlavento.
- 10 Roera. Brasil.
- 11 Igualta. Vendera a crédito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11149

HORIZONTAIS

- 1 Carro. Árias.
- 2 Amais. Comei
- 3 Sedas. Elara.
- 4 Mina. Mano.
- 5 Aa. O. Ré.
- 6 Air. USO. Imã.
- 7 Ro. Ataco. Es.
- 8 Dita. Avis.
- 9 Macã. Arta.
- 10 Ara. FAZ. Aro.
- 11 Samoa. Abres.

VERTICAIS

- 1 Cãs. Mar. Mas.
- 2 Amem. Iodara.
- 3 Radiar. Içam.
- 4 Riana. Ata. O.
- 5 Ossa. Uta. Fa.
- 6 Osa. Mã.
- 7 Acém. Oca. Za.
- 8 Rolat. Ova.
- 9 Imanei. Irar.
- 10 Aero. MESTRE.
- 11 Sia. Pás. Aos.

Provérbo: O USO FAZ O MESTRE.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7308

HORIZONTAIS

- 1 Falua. Ataca.
- 2 Riam. Ocos.
- 3 Urres. Brasa.
- 4 Ta. Regar. Ar
- 5 Cor. Res.
- 6 Co. Pã.
- 7 Rampa. Salir.
- 8 In. Ramal. Ro.
- 9 Meter. Samos.
- 10 Alas. Vaga.
- 11 Malas. Paras.

VERTICAIS

- 1 Fruta. Rimam.
- 2 Aira. Canela.
- 3 Lar. Com. Tal.
- 4 Umero. Presa.
- 5 Ser. Aar.
- 7 Bar. Sãs.
- 8 Torre. Alava.
- 9 Aca. Sal. Mar.
- 10 Cosa. Piroga.
- 11 Asara. Rosas.

BARS BOITES

NINA — Dancing com atrações. Rua Paiva de Andrade, 7-13. T. 364859/368197
YUKY STREAP-TEASE JAPONESA
CASINO ESTORIL — Jogo autorizado.

Variedades internacionais. T. 26461/264526/264596/264621/264946
HIPOPOtAMo — Conjunto Hipopotamo. Encerra aos domingos. Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. T. 48384

PROGRAMAS RADIO MFA

EMISSIONA NACIONAL

De 2.ª a 6.ª feira

12.30 às 13.00

18.15 às 19.00

23.00 às 23.15

06.15 às 07.00

Aos Domingos

10.00 às 12.00

RADIO CLUBE PORTUGUES

3.ª e 5.ª feiras

21.00 às 21.25

EMISSIONA 1.º Programa

17.00 Noticiário — rádio estudantil

18.15 Movimento das Forças Armadas

19.00 Informação de trânsito

19.05 Música variada

19.25 Fados e guitarradas

20.00 Jornal da noite

21.00 Música portuguesa

21.45 Observação de teatro, por se il

22.00 Sindicalismo, por Helena Neves e Madeira Claudino

22.30 Música variada

23.00 Movimento das Forças Armadas

23.15 Vamos ouvir...

00.00 Último jornal

00.30 Retrospectiva

01.00 Saida e encerramento dos regionais e dos MFF-1 — música na noite

02.00 Música na noite

2.º Programa

16.00 Ópera

16.40 Conjuntos de câmara

17.10 Música de piano

17.30 Música do século XX

18.00 Antologia sonora

18.30 Obras de Beethoven

20.00 Jornal da noite

21.00 Música ligeira variada

22.00 Audição integral dos quartetos de Beethoven

22.30 Música de bailado

23.00 Música sinfónica

01.00 Fecho

Programa em Onda Média-2 — 397 m — 755 KHz

20.30 Capricho Italiano, op. 45, de Tchaikovsky

20.45 Música de piano

21.00 Concerto

23.00 O canto e os seus interpretes: por Maria Helena de Freitas

00.00 Obras de Bach

01.00 Fecho

RADIO CLUBE ONDA MÉDIA

16.04 Programa C.D.C.

18.05 Movimento

21.03 Alegria no trabalho

21.31 Quando o telefone toca

22.03 Momento político (P.C.P.)

22.30 Quando o telefone toca

23.06 Hora literária

23.30 No Mundo aconteceu

00.05 Ilavanca

01.00 Madrugada

06.03 Diário rural

07.03 Talismã

Modulação de Frequência

16.00 Noticiário

16.04 Programa D.

18.05 O nosso programa

19.05 Em órbita-1

20.30 Boa noite em FM.

21.05 Em órbita-2

22.05 Em órbita-2

01.05 Banda sonora Sonipol

02.05 Perspectiva

03.05 Madrugada

07.03 Hora sete

RADIO RENASCENÇA

Onda Média — 233,2 m — 1286 KHz; Modulação de Frequência de Lisboa — 93,2 MHz — emissão contínua

EMISSIONES ASSOCIADOS DE LISBOA

Clube Radiofónico de Portugal

Das 06.00 às 11.00 e das 19.30 às 22.00

Rádio Peninsular

Das 11.00 às 17.00

Rádio Voz de Lisboa

Das 17.00 às 19.30 e das 22.00 às 02.00

MOTOR

DIÁRIO DE LISBOA vende-se na TABACARIA PAULA Em ARMAÇÃO DE PÊRA o



Farmácias de Serviço

LISBOA

TURNO S1

TODA A NOITE

ALCANTARA

Lupi Nogueira, R. da Creche, 4-10 (tel. 631635).

ALFAMA

Anunciada, Rua do Vigário, 74 (tel. 866360).

AREIRO

Galeno, Avenida Oscar Monteiro Torres, 38-A (tel. 774920).

BAIRRO ALTO

Veritas, Rua da Misericórdia, 135 (tels. 324554-327563).

BAIRRO DA ENCARNÇÃO

Zira, Praça das Casas Novas lote 66 (tel. 310172).

BENFICA

Marques, Estrada de Benfca, 648 (tel. 700096).

CAMPO DE OURIQUE

Urbano de Freitas, Rua Silva Carvalho, 1-9 (tel. 662838).

CONDE REDONDO

Branco, Avenida Duque de Loulé, 61-65 (tel. 45048).

ESTEFANIA

Délio, Rua Açores, 32 (tel. 52388).

LUMIAR

Alameda, Alameda das Linhas de Torres, 201-B (tel. 790942).

PENHA DE FRANÇA

Europa, Avenida General Roçadas, 27-A (tel. 843880); Zema, Rua General Justiniano Padrel, 21 (a Calçada dos Barbadinhos) (tel. 832580).

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA

Sagres, Avenida Luis Bivar, 69 (tel. 47213).

TURNO S-2

ATÉ AS 22 HORAS

ALTO PINA

Eusil, Rua Barão de Sabrosa, 104, (tel. 841912).

ALVALADE

Libia, Avenida da Igreja, 4-B (tel. 711681); Chinde, Rua Agostinho Lourenço, 6-B (tel. 710331); Aguiar, Avenida Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A (tels. 768343-764629).

AVENIDAS NOVAS

Cosmos, Avenida João Crisóstomo, 44-C (tel. 40592); Dalva, Avenida Duque d'Avila, 125 (tel. 45225).

BAIRRO DA LIBERDADE

Salutar, Rua B, 75-A (tel. 683694).

CAMPOLIDE

Findor, Rua D. Maria Pia, 514 (tel. 687949).

LAPA

Rodrigues e Aires, Rua da Lapa, 52 (tel. 662246).

MARQUES POMBAL

Liberal, Avenida da Liberdade, 219 (tel. 43641).

MOURARIA

Ferrão, Rua da Mouraria, 12 (tel. 860484).

RATO

Janeiro, Avenida Álvares Cabral, 100 (ao Liceu Pedro Nunes) (tel. 661453).

RESTELO

Higilux, Rua de Pedrouços, 50 (tel. 610280).

XABREGAS

Madre de Deus, Rua da Margem, 15-B (tel. 382470).

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS

Miraflores, R. António Granjo, 2 (T.213161).

CAXIAS

Nova, R. Bernardim Ribeiro, 1-A (T.242839). Até às 22 horas.

OEIRAS

Alcântara Guerreiro, P. Residencial Dr. Augusto de Castro, lote 10 (T.2430691). Toda a noite.

CARCAVELOS

Central, Até às 24 horas.

PARADE

Macau, R.J. Elias Garcia, 60-C (T. 2471785). Toda a noite.

MURTAL

Primavera, R. das Parreiras, 2 (T.2472278). Até às 22 horas.

MONTÉ ESTORIL

Suissa, Cruzeiro (T.260087). Toda a noite.

CASCAIS

Misericórdia, R. Regimento 19, 41 (T. 280141). Até às 22 horas; CCascais, R. Conde de Monte Real, B. das Caxias (T. 28207). Toda a noite.

LINHA DE SINTRA

AMADORA

Cavaca, R. Elias Garcia, 209 (T. 930019); Flama, R. Elias Garcia, 78-B (T.932485); Confiança, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15-A (T.938149).

DAMAIA

Damaia, P. Alexandre Gusmão, 9-A (T.970523).

QUELUZ

André, Av. Elias Garcia, 11 (T. 950043); Bombarda, 123-A (T. 951841).

CACÉM

Guerra Rico, Agualva.

MEM MARTINS

Miranda Garcia, Est. Mem Martins, 173-B (T.2914103).

SINTRA

Misericórdia, Vila (T.290391).

COLARES

Abreja (T.299088).

OUTRA BANDA

ALCOCHETE

Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (T. 234100).

ALHOS VEDROS

Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (T.204250).

ALMADA

Algarve, R. Fernão Lopes, 1 (T.2750076).

BAIXA DA BANHEIRA

Nova Fatima, E. Nacional, 244-A (T. 2040141).

BARREIRO

Picarra, Av. do Bocado, 65-A (T. 2074771).

COVA DA PIEDADE

Cerqueira Afonso, P.5 de Outubro, 18 (T. 2750254).

MOITA

União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga (T.239025).

MONTIJO

Giraldes, R. Almante Reis, 45 (T.2310008).

SESIMBRA

Lopes, R. Cândido dos Reis, 21 (T.233028).

SETÚBAL

Bocagana, R. do Romeu (T.23425); Bairros, B. Santos Nicolau (T.23330).

SEIXAL

Godinho, L. da Igreja, 51 (T.2218580).

PORTO

TURNO 10

ATE AS 22 HORAS

Batalha, Praça da Batalha, 26; Campo, Praça da República, 118; Costa Cabral, Rua de Costa Cabral, 1832; Fonte da Moura, Rua de Tânger, 1463; Invicta, Rua do Bonfim, 330; Mira Paulo, Rua Castelo de Numão, 37; Barros, Rua do Bonjardim, 1292; Fátima, Rua Oliveira Monteiro, 475; Garantia, Rua Fernandes Tomás, 696; Sá, Rua Vale Formoso, 181 e Sarabando, Largo dos Lóios, 36.

A PARTIR DAS 22 HORAS

Sá, Rua Vale Formoso, 181; Sarabando, Largo dos Lóios, 36; Costa Cabral, Rua de Costa Cabral, 1832 e Fonte da Moura, Rua de Tânger, 1463.

COIMBRA

S. JOÃO

21.15 (18 anos) «A Raça dos Senhores»

RIVOLI

21.30 (18 anos) «Dois homens e um destino»

COIMBRA

GIL VICENTE

21.15 (18 anos) «A Morte de um Lenhador»

AVENIDA

21.45 (18 anos) «O Selo Dourado»

TIVOLI

21.15 (18 anos) «Punhos Violentos»

COIMBRA

S. JOÃO

21.15 (18 anos) «A Raça dos Senhores»

RIVOLI

21.30 (18 anos) «Dois homens e um destino»

COIMBRA

GIL VICENTE

21.15 (18 anos) «A Morte de um Lenhador»

AVENIDA

21.45 (18 anos) «O Selo Dourado»

TIVOLI

21.15 (18 anos) «Punhos Violentos»

COIMBRA

S. JOÃO

21.15 (18 anos) «A Raça dos Senhores»

RIVOLI

21.30 (18 anos) «Dois homens e um destino»

COIMBRA

GIL VICENTE

21.15 (18 anos) «A Morte de um Lenhador»

AVENIDA

21.45 (18 anos) «O Selo Dourado»

TIVOLI

21.15 (18 anos) «Punhos Violentos»

COIMBRA

S. JOÃO

21.15 (18 anos) «A Raça dos Senhores»

RIVOLI

21.30 (18 anos) «Dois homens e um destino»

COIMBRA

GIL VICENTE

21.15 (18 anos) «A Morte de um Lenhador»

AVENIDA

21.45 (18 anos) «O Selo Dourado»

TIVOLI

21.15 (18 anos) «Punhos Violentos»

COIMBRA

S. JOÃO

21.15 (18 anos) «A Raça dos Senhores»

RIVOLI

21.30 (18 anos) «Dois homens e um destino»

COIMBRA

GIL VICENTE

21.15 (18 anos) «A Morte de um Lenhador»

AVENIDA

21.45 (18 anos) «O Selo Dourado»

TIVOLI

21.15 (18 anos) «Punhos Violentos»

COIMBRA

S. JOÃO

21.15 (18 anos) «A Raça dos Senhores»

RIVOLI

21.30 (18 anos) «Dois homens e um destino»

COIMBRA

GIL VICENTE

21.15 (18 anos) «A Morte de um Lenhador»

AVENIDA

21.45 (18 anos) «O Selo Dourado»

TIVOLI

21.15 (18 anos) «Punhos Violentos»

COIMBRA

S. JOÃO

21.15 (18 anos) «A Raça dos Senhores»

RIVOLI

21.30 (18 anos) «Dois homens e um destino»

COIMBRA

GIL VICENTE

21.15 (18 anos) «A Morte de um Lenhador»

AVENIDA

21.45 (18 anos) «O Selo Dourado»

TIVOLI

21.15 (18 anos) «Punhos Violentos»

COIMBRA

S. JOÃO

21.15 (18 anos) «A Raça dos Senhores»

RIVOLI

21.30 (18 anos) «Dois homens e um destino»

COIMBRA

GIL VICENTE

21.15 (18 anos) «A Morte de um Lenhador»

AVENIDA

21.45 (18 anos) «O Selo Dourado»

TIVOLI

21.15 (18 anos) «Punhos Violentos»

COIMBRA

S. JOÃO

21.15 (18 anos) «A Raça dos Senhores»

RIVOLI

21.30 (18 anos) «Dois homens e um destino»

COIMBRA

GIL VICENTE

21.15 (18 anos) «A Morte de um Lenhador»

AVENIDA

21.45 (18 anos) «O Selo Dourado»

TIVOLI

21.15 (18 anos) «Punhos Violentos»

COIMBRA

S. JOÃO

21.15 (18 anos) «A Raça dos Senhores»

RIVOLI

21.30 (18 anos) «Dois homens e um destino»

COIMBRA

GIL VICENTE

21.15 (18 anos) «A Morte de um Lenhador»

AVENIDA

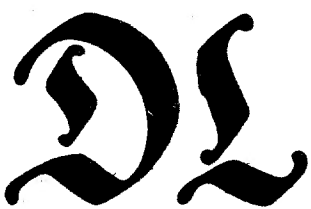
21.45 (18 anos) «O Selo Dourado»

TIVOLI

21.15 (18 anos) «Punhos Violentos»

COIMBRA

S. JOÃO



REMANESCENTE GRAFICA S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO GERAL
E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185 1.º 2.º E 4.º
TELEF. 654531/2/3/4
REDAÇÃO E SERVIÇOS TÉCNICOS:
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5 320271/2/3
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DIBDA TELEF. 12363
LISBOA-PORTUGAL



Continuação da pág. 1

Mas desde já uma coisa é certa: se os interesses locais ou de classe, se o trabalho e a experiência imediata dão às unidades populares de base uma força unitária que as sobrepõe às organizações políticas, tal autonomia não está isenta das influências partidárias. Passa por elas e cada vez mais. Até porque na criação efectiva do poder popular está a politização das massas — não só através do controlo e da vigilância dos trabalhadores como da formação ideológica que dessa prática decorre.

Deste formulário de linhas contraditórias, aproveita necessariamente a reacção. Ela é uma causa que se torna consequência — já sabemos. Uma consequência das nossas indecisões. Vale-se da tolerância para explorar a violência e por agora anseia pelo primeiro confronto punitivo do M. F. A. para o separar do povo. Numa escalada assim, tão à vista e tão intensiva, a solução que mais imediatamente ocorre é a de neutralizar em vez de reprimir. Mas também essa via requer meios de acção, operacionalmente eficazes em grau e em tempo, sem os quais tudo fica reduzido a respostas aleatórias ou passivas às provocações ou ao golpe contra-revolucionário.

O impasse político com que o novo Gabinete vai deparar deriva fundamentalmente das carências de apoio real e efectivo que o poder popular encontra na estratégia governamental. Não na programação teórica em que o situa o M. F. A., que essa é clara e correcta, mas na passagem à prática dos princípios formulados. Simplesmente.

E que uma revolução não se desenvolve ao reboque dos acontecimentos — está mais que dito. E quando assim é, quando se actua apenas por resposta e não por iniciativa, quando a palavra se substitui à acção, toda a planificação é ultrapassada a breve trecho e todo o espontaneísmo se consagra sem enquadramento nem correcção. No caso português, isso é mais que evidente. Sem a institucionalização consequente dos laços de autoridade, o papel político das bases trabalhadoras perde força e enquadramento nacional.

Num apanhado, como este, das componentes-base em presença no jogo político português, a descolonização não parece afectada por divergências essenciais e, por consequência, não cabe averbar nele a sobrecarga com que o caos angolano veio adensar o balanço das nossas dificuldades. Não é disso que se trata.

Do que se trata aqui e agora, é da plataforma de forças políticas em que assenta a nossa realidade. É dela, e em estado de equilíbrio instável que vão partir os novos governantes para darem seguimento ao programa revolucionário. Sabem-na estruturada sobre linhas mestras de traçado complexo e contraditório, e mais: que é certamente daí que resultam as crises de autoridade e as imprecisões do braço do Poder.

As demoradas negociações que têm vindo a decorrer para a criação do novo Gabinete Ministerial parecem assentar principalmente no encontro de fórmulas de articulação político-militar em equação com o Directório. Isso faz pressupor a que iremos ter, finalmente, um Governo de acção.

Esperamos que o seja. Agora. Para já.

QUADROS A ÓLEO

Assim como estatuetas, bibelots e vários artigos decorativos, encontrará enorme variedade se visitar a GALERIA ACTUAL — Av. da República, 12 (junto estação metro Saldanha).

MOBÍLIAS — USADAS

Por falta espaço, vendo barato mobílias c. jantar, quartos, modernas, estilo O. Anne, D. Maria, Século XVII, roupeiros, estantes, sofás-camas, carpetes, etc. Rua Alves Torgo, 18 cave (ao Chile, defronte igreja de Arroios).

Moçambique

SERVIÇO MILITAR OBRIGATÓRIO PARA HOMENS E MULHERES

LOURENÇO MARQUES, 4 — (Por César de Sá) — A batalha pela unidade ideológica para que os quadros e combatentes dominem e apliquem os princípios da ideologia da Frelimo a constituição de um Exército regular e de uma Marinha popular, além da purificação das fileiras — foram algumas das importantes decisões tomadas na quarta Conferência do Departamento da Defesa realizado em Lourenço Marques com a presença de 250 elementos vindos de todo o país e presidida por Samora Machel.

Durante oito dias membros dos Comitês Central e Executivo, do Estado-Maior e combatentes da Frelimo afirmaram também o seu total apoio ao presidente Samora e declararam que as Forças Populares de Libertação de Moçambique estão firmemente com a classe trabalhadora a que pertencem e com o povo que exige a revolução, concluindo que as suas armas estarão sempre viradas contra o inimigo da revolução e prontas a serem utilizadas se necessário.

VENCIMENTOS MODESTOS

O combate ao divisionismo, as tarefas das Forças Populares na fase da reconstrução da Democracia Popular, a austeridade nas despesas, a atribuição de vencimentos modestos divididos em três categorias e a elevação do nível literário, científico e técnico dos combatentes e quadros das F.P.L.M. foram também questões referidas durante os trabalhos da Conferência.

Durante a sessão de encerramento foi ainda revelado que todas as partes integrantes das Forças Populares de Libertação de Moçambique. O ser-

viço militar obrigatório estender-se-á a todos os moçambicanos de ambos os sexos por um período mínimo de dois anos. Esses moçambicanos constituirão o Exército regular do país, Exército esse onde não existirão postos nem galões, auferindo contudo um salário modesto. Estas medidas foram tomadas em face da experiência adquirida ao longo dos anos de luta travada pelas F.P.L.M.

DEPURAÇÃO

Sobre a purificação das fileiras ficou estabelecido que sejam expulsos do seio das F.P.L.M. os quadros indignos de envergarem o uniforme e de

servirem a bandeira nacional. A incapacidade política de seguir a linha da Frelimo e a incapacidade de disciplina que comprometam o papel de vanguarda das F.P.L.M. levarão à desafectação dos referidos quadros e combatentes.

Estas medidas seguem-se à ofensiva de corrupção a que foram submetidas as Forças Populares de Libertação de Moçambique após a libertação dos centros urbanos.

DEVER INTERNACIONALISTA

A Conferência reafirmou ainda a sua solidariedade total para com a justa luta do povo do Zimbabué, afirmando que

as F.P.L.M., como no passado, estão prontas a aceitar sacrificios necessários para cumprir o seu dever internacionalista.

A Conferência apoiou a luta do povo da Namíbia sob a direcção da S.W.A.P.O. e denunciou o regime fascista e anti-humano da África do Sul, reafirmando o seu apoio à luta popular contra o racismo.

Com as decisões tomadas nesta quarta Conferência da F.P.L.M. foidado mais importante passo na Revolução Moçambicana, definindo correctamente quais as grandes tarefas que cabem às Forças Populares de Libertação de Moçambique nesta fase de reconstrução nacional.

L.C.I. EM CONGRESSO

Com um comício que terá início às 21 e 30, no Teatro Vasco Santana, encerra-se hoje o II Congresso Nacional da Liga Comunista Internacionalista. Serão apresentadas as conclusões aprovadas e definidas a orientação a seguir por aquela organização política, estando presentes os membros do secretariado unificado da IV Internacional, bem como delegados das várias secções.

Durante o Congresso, que decorreu ontem e anteontem, em Lisboa, foi feito «o balanço político e organizativo da intervenção revolucionária da organização nos diversos sectores da sua linha política e das suas acções. O Congresso definiu, igualmente, a «orientação técnica e estratégica para a construção do partido operário revolucionário, secção portuguesa da IV Internacional», e elegeu o Comité Central daquela organização trotskista.

O NOVO GOVERNO

Continuação da pág. 1

(com Otelo, acrescenta-se). No fim-de-semana multiplicaram-se os trabalhos do Directório em S. Julião da Barra, residência «de férias» de Costa Gomes, e deles saíria um breve comunicado: «O Directório constituído pelo Presidente da República, general Costa Gomes, Primei-

ro-Ministro, general Vasco Gonçalves, e comandante do Copcon, general Otelo Saraiva de Carvalho, está a estudar a reestruturação do Executivo. Aproveita-se a oportunidade para esclarecer que a máquina governativa continua a funcionar, inclusive alguns Ministérios com ministros de missionários.»

Pormenor a reter: Teixeira Ribeiro esteve ontem em S. Julião da Barra. Outro ainda: um indigitado ministro militar contava ser também chamado ao forte este fim-de-semana, mas tal não sucedeu. Hoje de manhã, contactos tentados com os Gabinetes de Imprensa de Belém e de S. Bento resultaram infrutíferos.

MOBILIÁRIO SÉCULO XVII

E OUTROS ESTILOS. TEMOS GRANDE VARIEDADE. FACILIDADES DE PAGAMENTO

ARTIS

RUA MARIA ANDRADE, 64 (Perto da Igreja dos Anjos)

PEDIDA A NACIONALIZAÇÃO DAS EMPRESAS CORTICEIRAS

A necessidade de nacionalizar as grandes empresas de produção e comercialização da cortiça foi uma das conclusões da 1.ª Conferência dos Corticeiros do Centro e Sul, que decorreu ontem nas instalações do INATEL, em Setúbal, por iniciativa do Partido Comunista Português.

Segundo a comissão que orientou os trabalhos, o objectivo desta Conferência era mobilizar os trabalhadores e pequenos industriais de cortiça para a discussão dos problemas que afectam a indústria

corticeira, nos sectores de produção, fabricação e comercialização.

As medidas propostas e que vão ser levadas ao conhecimento do Governo foram sugeridas, em grande parte, pela necessidade de pôr cobro à sabotagem económica a que se entregam algumas das grandes empresas corticeiras.

Segundo foi dito, o sector corre o risco de ser completamente arruinado por essa actividade sabotadora, se entretanto não forem tomadas medidas energéticas.

Sindicato dos Trabalhadores do Comércio do Distrito de Setúbal

Sede: Av.ª 5 de Outubro, 121-1.º — SETÚBAL

Delegação: R. Carvalho Serra, 36-B — ALMADA

Delegação: R. Miguel Pais, 171 — BARREIRO

COMUNICADO-CONVOCATÓRIA

Convocam-se todos os Trabalhadores Sócios deste Sindicato para a Assembleia Eleitoral, a realizar no dia 20/8/75.

As mesas de voto funcionarão das 19 horas às 23 horas nos seguintes locais:

ÉVORA — Sindicato dos Empregados de Escritório e Caixeiros do Distrito de Évora — Alcárcova de Cima, 1-1.º Dt.º

ALMADA — Delegação do Sindicato — Rua Carvalho Serra, 36-B.

BARREIRO — Delegação do Sindicato — Rua Miguel Pais, 171.

SEIXAL — Casa dos Pescadores — Praça dos Restauradores (Jardim da Praia), n.º 47.

MONTUJO — Sindicato dos Operários da Indústria de Chassinaria — Rua 1.º de Maio, 20.

SETÚBAL — Sede do Sindicato — Av. 5 de Outubro, 121-1.º.

SESIMBRA — Local a determinar.

ALCÁÇER DO SAL — Local a determinar.

GRÁNDOLA — Soc. Música Velha.

SANTIAGO DO CACÉM — Casa do Povo.

SINES — Instituto de Obras Sociais (I. O. S.) — Colónia de Férias.

BEJA — União dos Sindicatos do Distrito de Beja — Praça D. Fernando, 9.

FARO — Sindicato dos Caixeiros e Empregados de Escritório D. Faro — Rua Santo António, 49-1.º.

NOTA: As mesas de voto situadas fora do Distrito de Setúbal funcionarão unicamente para os trabalhadores profissionais em Armazém sindicalizados no Sindicato dos Trabalhadores em Armazém D. Setúbal.

P'lo Presidente da Mesa da ASSEMBLEIA GERAL — Rui Manuel Gonçalves Guerreiro Murta

Boletim Informativo do MFA, quinzenalmente, às 3.ªs feiras.